



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARCELA IRIAN ANGÉLICA MACHADO MARINHO

**FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, A NARRATIVA DO EPI-
SÓDIO DA INVASÃO HOLANDESA E O MITO FUNDACIONAL DO
BRASIL: fato, temporalidades e sujeitos históricos e as suas ressonâncias no en-
sino de história**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso na área de concentração de “Territórios e Fronteiras” - “Ensino de História, Memória e Patrimônio”, sob a orientação do Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 19/05/2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (UFMT - Orientador)
Prof. Dr. Paulo Celso Miceli (UNICAMP - Examinador Externo)
Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho (UFMT - Examinador Interno)
Prof. Dr. Rodrigo Davi Almeida (UFMT - Suplente)

Cuiabá/MT – Abril de 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

M338f Marinho, Marcela Irian Angélica Machado.

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, A NARRATIVA DO EPISÓDIO DA INVASÃO HOLANDESA E O MITO FUNDACIONAL DO BRASIL : fato, temporalidades e sujeitos históricos e as suas ressonâncias no ensino de história. / Marcela Irian Angélica Machado Marinho. -- 2014

135 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Renilson Rosa Ribeiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2014. Inclui bibliografia.

1. Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). 2. Historiografia Brasileira do Século XIX. 3. Narrativa Nacional. 4. Ensino de História. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do *Etrúria: Laboratório de Estudos de Memória, Patrimônio e Ensino de História*, vinculado ao Departamento de História/ICHS/UFMT.

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, A NARRATIVA DO EPISÓDIO DA INVASÃO HOLANDESA E O MITO FUNDACIONAL DO BRASIL: fato, temporalidades e sujeitos históricos e as suas ressonâncias no ensino de história

MARCELA IRIAN ANGÉLICA MACHADO MARINHO

**Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em História**

RESUMO

A pesquisa ora apresentada insere-se dentro das investigações contemporâneas sobre a história da historiografia brasileira, onde foi possível identificar e compreender as marcas do compromisso da escrita da história com o ideal da nação durante o Segundo Reinado, no século XIX, a partir da desconstrução das tramas da narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses no Brasil colonial (século XVII) elaboradas pelo historiador- diplomata paulista Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), na obra *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada em 1871. A referida obra publicada em 1871, com segunda edição em 1872, foi escrita no calor dos conflitos do Prata e com a finalidade de recordar aos brasileiros, envolvidos na Guerra contra o Paraguai (estava em 1866), que seus patrícios já haviam enfrentado outro país ainda colônia – os invasores holandeses – e que teriam sido vitoriosos.

Palavras-chaves: Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Historiografia Brasileira do século XIX; Narrativa nacional; Ensino de História.

ABSTRACT

The research presented here fits into the contemporary research on the history of Brazilian historiography, where it was possible to identify and understand patterns in the writing of history commitment to the ideal of the nation during the Second Empire in the nineteenth century, from the deconstruction the plots of the narrative of the episode the invasion and expulsion of the Dutch in colonial Brazil (seventeenth century) elaborated by the historian-diplomat São Paulo Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), the work *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, published in 1871. such work published in 1871, with a second edition in 1872, was written in the heat of the Silver and conflicts in order to remind the Brazilians involved in the war against Paraguay (was in 1866), that his countrymen have had faced yet another country colony - Dutch invaders - and that would have been victorious.

Key-words: Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Brazilian historiography of the nineteenth century; National narrative; Teaching history.

Aos meus pais Silvia e Marinho, pelos dias e noites distantes, temporal e territorial, próximos pelo amor e compreensão.

*De longe, seu nome cativa e cega;
é puro,
O tempo revela um furo.
O peso do fardo,
Corte cicatrizado,
Contradição opaca,
Vítima de uma faca esterilizada,
Surra de mãos lavadas,
Sangue do Paraguai.
Arde,
Sopra a lesão covarde,
Xinga e transfere a culpa,
Foge do enxame e exume o que sepulta,
Num linguajar que insulta,
Dentro da nossa norma culta.
Embaixo ecoa a imensa voz do cume,
De perto é só um frágil sussurro.
Fardo,
Corte cicatrizado,
Contradição opaca,
Vítima de uma faca esterilizada,
Surra de mãos lavadas
Sangue do Paraguai.
Arde,
Sopra a lesão covarde,
Xinga e transfere a culpa,
Foge do enxame e exume o que sepulta,
Num linguajar que insulta,
Dentro da nossa norma culta.
(Música: Sangue do Paraguai – Furo 2 – Baleia)*

AGRADECIMENTOS

Agradecer, a meu ver, é sempre um ato de humildade, algo que aprendi desde a tenra idade com meus pais, Silvia e Marinho, seres que sou sempre grata. Que minhas ausências sejam desculpas... amo-vos.

Minha gratidão, ao meu orientador Renilson Rosa Ribeiro, com a satisfação de tê-lo antes como um amigo. Com você a tive a grata certeza de que poderia compartilhar meus projetos pessoais e profissionais. Desde Rondonópolis, nos tempos da graduação, vem insistentemente me orientando, acompanhando, com profundo profissionalismo. Tenho admiração e respeito por sua atuação docente – é o modelo que venho seguindo ao pisar no chão de salas de aula.

Agradeço a Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-graduação em História, pela confiança no projeto apresentado, grata ainda pelas possibilidades de produção acadêmica oportunizada.

A CAPES, pela bolsa concedida, que me oportunizou a dedicação exclusiva as atividades discentes, de pesquisa e extensão.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, especialmente aos professores Oswaldo Machado Filho e Candido Moreira Rodrigues, pelas contribuições no momento de qualificação.

Aos professores Paulo Celso Miceli e Oswaldo Machado Filho pelo aceite de compor da banca de defesa. É um encontro muito esperado por todos nós.

Aos amigos de perto e longe, de Cuiabá-MT, Débora Ferreira, André Eltz, Nathália da Costa Amedi, Marina Duque, Raphaella Rezzieri e Dulcinéia Martins, dentre outros.

Aos amigos de Rondonópolis-MT, Ed Silva, Jhonatan de Paula, Amauri Justino do Prado e Alessandra de Oliveira Nascimento.

Aos de Colorado do Oeste-RO e Vilhena-RO, Oscar e Ana Borsche, Roger dos Santos, Stella Cristina, Silvanella Karla, Viviane Horn, em especial, a Perla Gondim, pelos auxílios acadêmicos. Ao Mauro Alcântara pela amizade e sobriedade destes dias. E, especialmente, ao amigo

Alexandre Vinícius, pelas noites em sua casa, pelo escritório improvisado e pelas estrelas que iluminavam e inspiravam a finalização desta importante etapa de minha vida.

Gratidão a todos, por ser algo de valor imensurável, ou melhor, que nunca se paga.

SUMÁRIO

Agradecimentos, p. VII

Introdução – p. 02

Primeiro Capítulo – FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN: um inventário, p.

Introdução, p. 05

- 1.1. Francisco Adolfo de Varnhagen e o Instituto Histórico e Geográfico (IHGB): A escrita da história no século XIX, p. 07
- 1.2. Francisco Adolfo de Varnhagen: invenções biográficas, p. 19
- 1.3. Varnhagen: na fronteira entre o biógrafo e o biografado, p. 20
- 1.4. As estruturas monumentalizadas da biografia de Francisco Adolfo de Varnhagen, p. 25
 - 1.4.1. Capítulo Formador, p. 27
 - 1.4.2. Expansão das faculdades, p. 33
 - 1.4.3. Missões na América... e os tempos derradeiros: notas para uma escrita da *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*, p. 37

Segundo Capítulo – EPISÓDIO DA INVASÃO HOLANDESA E O MITO FUNDADOR DO BRASIL: narrativismo, experiências de tempo e sujeitos históricos biografados

Introdução, p. 44

- 2.1. Narrando fatos e experiências do e no tempo, p. 46
- 2.2. Sujeitos históricos biografados, p. 56
- 2.3. Mito fundacional do Brasil, p. 61
- 2.4. Territórios e fronteiras nas cartas e textos de Varnhagen, p. 70

Terceiro Capítulo – HISTÓRIA DAS LUTAS COM OS HOLANDESES NO BRASIL: ensino de História e memória

Introdução, p. 78

- 3.1. Varnhagen e a matriz de uma história ensinada: uma história ressentida, p. 79
- 3.2. Compêndios, livros didáticos: como lugares de memória, p. 87
- 3.3. As lutas contra os holandeses nas páginas dos manuais de Joaquim Manuel de Macedo e de João Ribeiro, p. 91

Considerações Finais – p. 112

Referência - p. 117

Fontes – p. 119



Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro (1816-1878).
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se insere dentro das pesquisas contemporâneas sobre a história da historiografia brasileira e teve como objetivos principais identificar e compreender as marcas do compromisso da escrita da história com o ideal da nação durante o Segundo Reinado – no século XIX, a partir da desconstrução das tramas da narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses no Brasil colonial (século XVII) elaboradas pelo historiador- diplomata paulista Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), na obra *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada em 1871.

O interesse pela pesquisa deste tema surgiu durante a elaboração da monografia de final de curso que abordou a relação cinema, história e narrativa a partir da análise do filme- documentário *Guerra do Brasil*, dirigido por Sylvio Back (1987). Ao abordar os usos e apropriações dos discursos orais, literários e historiográficos que o referido diretor promoveu para a construção das tramas deste documentário sobre a Guerra contra o Paraguai, precisei fazer uma consulta às obras de referência sobre a historiografia brasileira para mapear as interpretações do conflito. A partir dessa pesquisa, tive o primeiro contato a obra de Varnhagen. A *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada em 1871, foi escrita no calor dos conflitos do Prata e com a finalidade de recordar aos brasileiros, envolvidos na Guerra contra o Paraguai (estava em 1866), que seus patrícios já haviam enfrentado outro país ainda colônia – os invasores holandeses – e que teriam sido vitoriosos.

Essa informação despertou-nos a preocupação de aprofundar no assunto: a construção da narrativa varnhageniana do episódio da luta contra os holandeses no século XVII pela perspectivas dos conflitos geopolíticos enfrentados pelo Império brasileiro (o seu tempo presente) – a Guerra da Tríplice Aliança. Em um sentido mais amplo, desejávamos entender como o passado era apropriado pelo historiador a partir das questões do seu tempo.

Desenvolvemos a dissertação em três capítulos, sendo que no capítulo I- *Francisco Adolfo de Varnhagen: um inventário*, tem como objetivo analisar as invenções biográficas de Varnhagen, além de trazer a baila demais estudos que se dedicaram ao estudo da história da historiografia brasileira referentes à Francisco Adolfo de Varnhagen, identificando, por meio de textos biográficos como é representada a vida do historiador-diplomata e sua atuação no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB).

Neste capítulo, para pensar os usos de biografias, tendo em vista nossa principal fonte a biografia de Varnhagen produzida por Clado Ribeiro Lessa, nos apropriamos da contribuição de Pierre Bourdieu, Peter Burke, Giovanni Levi, Sabina Loriga e Jean Orieux.

Nortear-nos-emos pelos apontamentos de Michel Pêcheux e suas análises de discursos e leitura de arquivos para discutirmos Varnhagen e suas denominações como historiador, literato, erudito, e ainda, a sua relação com as instituições, os arquivos, os documentos, para a composição de suas narrativas. Além dos apontamentos de Michel de Certeau, sobre operação historiográfica, lugar social e instituição de saber a que Varnhagen estava ligado e estudiosos o relacionaram.

No capítulo II - *Episódio Da Invasão Holandesa E O Mito Fundador Do Brasil: narrativismo, experiências de tempo sujeitos históricos biografados*, nos voltamos para o projeto historiográfico de Varnhagen, especificamente, a sua narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses, analisando sua inserção dentro de uma cronologia (tempo da nação); da construção de um panteão nacional (dos seus heróis), ou seja, a importância da narrativa como edificadora moral e cívica, pelos exemplos de bravura, abnegação e amor à futura nação; da apropriação do fato da invasão e expulsão dos holandeses do Brasil como mito fundador do Brasil-nação (o nascimento do sentimento de pertencimento ao território).

Concluimos este capítulo compreendendo o uso da narrativa como fonte, construção, da unidade territorial da Colônia – planta da futura nação; e ainda, da propaganda e defesa de um projeto de Estado-nação (exaltação da monarquia da casa dos Bragança), ou seja, por meio de uma luta/conquista do passado (colonial – expulsão dos holandeses) justificava o destino manifesto do Império brasileiro no presente (a derrota do republicano e tirano Paraguai no conflito do Prata).

Os conceitos de fato, temporalidade e sujeitos históricos são inerentes à narrativa de Varnhagen. Neste sentido, buscamos as contribuições de Rebeca Gontijo, para pensar o sujeito histórico, e as reflexões de François Hartog, sobre a representação do outro. Além destes, outro teórico importante é Stuart Hall, no que se refere às suas colocações alusivas à narrativa da nação, ao debater as noções de origem, tradição, povo e mito fundador, para pensar os elementos constituintes da formação da nacionalidade brasileira.

Servir-nos-emos das ponderações de Reinhart Koselleck para pensarmos a noção de tempo histórico na obra de Varnhagen, principalmente no que esse refere à apreciação do conceito de *historia magistra vitae* e as categorias de análise *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Em contrapartida, por meio de um esforço teórico, utilizaremos as teorias de Homi Bhabha para compreender o conceito de narrativa da nação, por meio do que o autor denomina de discurso pedagógico e performático.

E, por fim, o debate de Paul Veyne, em *Como se deve escrever a história?*, para compreender a maneira como Varnhagen teceu sua narrativa – os fatos que considerava importantes para a constituição da obra histórica.

No terceiro capítulo, *História Das Lutas Com Os Holandeses No Brasil: ensino de História e memória*, refletiremos sobre o papel da obra de Varnhagen no contexto do ensino de História no e do Brasil, sendo possível discorrer sobre os conceitos de história, consciência história e memória e suas implicações no ensino de História. Para tanto nos servirmos dos trabalhos de Arlette Gasparello e Thaís Nívia de Lima Fonseca, pensando as ressonâncias da obra de Varnhagen nos compêndios escolares de História do Brasil. Nossa fonte seria os manuais escolares escritos por Joaquim Manoel de Macedo, *Lições de História do Brasil*, de e João Ribeiro, *História do Brasil (Cursos Superior)* especialmente, levando em consideração como a temática das invasões e expulsões dos holandeses estava disposta nestes manuais didáticos.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN: um inventário

“[...] Do sangue do velho Frederico Luís Guilherme de Varnhagen é possível que ainda existam em Portugal representantes, descendente de irmãs de Francisco Adolfo. A descendência por varonia, esta acha-se seguramente extinta, como já dissemos, pois o Visconde de Porto Seguro foi o único dentre os filhos varões do restaurador do Ipanema que atingiu a maturidade, que deixou filhos e logrou escapar, pelo valor de sua obra admirável, à ferrugem do tempo, que tudo destrói”¹.

Introdução

Vida e obra que escaparam da ferrugem do tempo que tudo destrói, assim o estudioso Clado Ribeiro de Lessa finaliza a primeira parte de seu consciencioso e profundo estudo sobre aquele que é considerado o *pai da história do Brasil*, Francisco Adolfo de Varnhagen, protagonista também desta pesquisa, fruto de uma idéia nascida durante a graduação, quando realizávamos um estudo que abordou a relação cinema, história e narrativa a partir da análise do filme-documentário *Guerra do Brasil*, dirigido por Sylvio Back (1987)².

Ao abordar os usos e apropriações dos discursos orais, literários e historiográficos que o referido diretor promoveu para a construção das tramas deste documentário sobre a Guerra contra o Paraguai, foi preciso fazer uma consulta às obras de referência sobre a historiografia brasileira para mapear as interpretações do conflito. Emergiu neste cenário a

¹ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 223, abr./jun. 1954, p. 297.

² MARINHO, Marcela Irian Angélica. *Cinema, História e Narrativa: Um estudo de Guerra do Brasil* (Brasil, 1987, Sylvio Back). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História. Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso, 2011. Orientação: Renilson Rosa Ribeiro.

figura de Francisco Adolfo de Varnhagen e o busto deste historiador neste contexto da Guerra do Paraguai causou certo estranhamento, mas como afirmou Carlo Ginzburg,

Para ver as coisas devemos, primeiramente, olhá-las como se não tivessem nenhum sentido: como se fossem uma adivinha. (...). Compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a apreender algo mais profundo³.

Diante de tal inquietação buscamos desvendar a relação de Francisco Adolfo de Varnhagen com o conflito do Prata. Em *Historiadores do Brasil*, Francisco Iglésias nos comentários sobre a vida e obra de Varnhagen observou que *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada em 1871, com 2ª edição em 1872, foi escrita no calor dos conflitos do Prata e com a finalidade de recordar aos brasileiros, envolvidos na Guerra contra o Paraguai (estava em 1866), que seus patrícios já haviam enfrentado outro país ainda colônia – os invasores holandeses – e que teriam sido vitoriosos⁴.

Essa informação despertou-nos a preocupação de aprofundar no assunto: a construção da narrativa varnhageniana do episódio da luta contra os holandeses no século XVII pela perspectiva dos conflitos geopolíticos enfrentados pelo Império brasileiro (o seu tempo presente) – a Guerra da Tríplice Aliança e a figura do Varnhagen, entendendo-o como historiador, a partir das questões do seu tempo.

Este capítulo tem como objetivo analisar as invenções biográficas de Varnhagen, produzidas por estudiosos, que se dedicam ao estudo da história da historiografia brasileira; identificando, por meio de textos biográficos como necrológicos, memórias, ensaios bibliográficos, biografias, prefácios, dissertações, teses entre outros, como é representada a vida e obra do historiador e sua atuação no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), entre os anos de 1840 e 1878.

³ GINZBURG, Carlo. Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário. In: *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 22 e 29.

⁴ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Nova Fronteira; Ed. UFMG; IPEA, 2000, p. 88.

1.1. Francisco Adolfo de Varnhagen e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): A escrita da história no século XIX

Em uma revisão bibliográfica sobre a produção historiográfica brasileira a respeito de Francisco Adolfo de Varnhagen e o IHGB, percebemos traços marcantes das afirmações de Michel de Certeau, segundo o qual

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É uma função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam⁵.

Em *Historiadores do Brasil*, Francisco Iglésias elegeu como marco fundador na história da historiografia brasileira o ano de 1838, momento de criação do Instituto. Para o autor, o grêmio forjou uma maneira de fazer pesquisa no Brasil pautada no pragmatismo da história e no cuidado com a documentação⁶. Refletindo sobre a produção brasileira entre 1838 e 1931, ele percebeu que a maioria dos historiadores teve como referência de centro de pesquisa o IHGB, seja auxiliando na tarefa de coleta, seleção e conservação de documentos, seja na produção de trabalhos vinculados ao Instituto ou independentes.

A eleição do IHGB como instituição pioneira feita pelo historiador mineiro retomou as afirmações tecidas por José Honório Rodrigues, no livro *A pesquisa histórica no Brasil*, publicado nos anos 1950, no qual constatava que a pesquisa histórica no Brasil nasceu da fundação da agremiação⁷.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 47.

⁶ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*: capítulos da historiografia brasileira, *op. cit.*

⁷ RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 37.

Ao fazer um estudo sobre o IHGB dentro do projeto de construção da idéia de nação e civilização no Segundo Reinado, Manoel Luiz Salgado Guimarães identificou os temas condutores sobre esta instituição de pesquisa. Para o autor, a criação, em 1838, do IHGB vem apontar em direção à materialização do empreendimento de pensar a história brasileira sistematicamente.

É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB. A fisionomia criada para a nação e que os letrados do IHGB, dentro de uma perspectiva iluminista, cuidaram de reforçar desejava produzir uma homogeneização da imagem do país entre as elites brasileiras⁸.

De acordo com Renilson Rosa Ribeiro, na tarefa de elaborar uma memória oficial da nação, destacou-se a atuação do IHGB, que em associação com outras instituições – a Academia Imperial de Belas Artes, o Museu Nacional, o Arquivo do Império, as faculdades de direito e medicina e o Colégio Imperial Pedro II,

daria à monarquia uma nova história, retratada em literatura épica, iconografia grandiosa, artefatos e monumentos, saberes institucionalizados que ministrariam uma pedagogia da nação, um corpo de leis e uma nacionalidade sadia desde os bancos escolares até as faculdades⁹.

⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 01, 1988, p. 14. Cf. SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; GUIMARÃES, Lucia Maria P. “Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *RIHGB*. Rio de Janeiro, n. 388, 1995, p. 459-613; RODRIGUES, Neuma Brilhante. *O amor da pátria, o amor das letras: as origens da nação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Brasília, Universidade de Brasília, 2001; GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Edições ANPUH, 2011.

⁹ RIBEIRO, Renilson Rosa. A emergência de Mato Grosso nas páginas da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857). *Anais Eletrônicos do VI Encontro Regional de História-MT: História, Natureza e Fronteiras/I Simpósio Internacional de História Territórios e Fronteiras*. Cuiabá: ANPUH-MT, 2010, p. 445-446. Cf. RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império. Tese de Doutorado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

O IHGB, fundado por um grupo de políticos e intelectuais da Corte, tinha como finalidade coligir, metodizar, arquivar e publicar os documentos necessários para a escrita da história do Brasil. A presença desses homens públicos no Instituto, alguns dos quais pertenciam à geração da Independência, orientou todas as atividades desenvolvidas pelo grêmio durante praticamente todo o Império. Sob a condução de tais intelectuais, o IHGB adotou o país recém-independente, elaborando um passado adequado às aspirações da Monarquia instaurada em 1822. Conforme podemos constatar no artigo do *Extractos dos Estatutos* do Instituto,

Art.1º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro tem por fim coligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos necessários para a historia e geografia do Imperio do Brazil; e assim também promover os conhecimentos destes dous ramos philologicos por meio do ensino publico, logo que o seu cofre proporcione esta despesa¹⁰.

Esse discurso constitui a continuidade de uma história relacionada à memória histórica do país, que serviu para o plano político em curso, com o apoio de uma comunidade intelectual que defendia com fidelidade o Imperador D. Pedro II, posição característica dos coadjuvantes do IHGB, mesmo após a proclamação da República em 1889¹¹.

Em meio aos intelectuais, leais ao Imperador D. Pedro II, que escreveram a história do Brasil no contexto do Império, destaca-se a figura de Francisco Adolfo de Varnhagen, autor de obras como *Historia geral do Brazil*, *Historia das lutas com os holandezes no Brazil desde 1624 a 1654* e a *Historia da Independencia do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, comprehendendo, separadamente, a dos sucessos occorridos em algumas províncias até essa data*. Mais conhecido como visconde de Porto Seguro – historiador e diplomata, membro atuante no IHGB, eleito sócio correspondente em 1840, ano em que ofereceu ao Instituto Histórico vários manuscritos¹².

¹⁰ Extractos dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo 01, 1839, p. 18.

¹¹ Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria P. Um olhar sobre o continente: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 20, 1997, p. 217-229; GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

¹² RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil, op. cit.*, p. 44.

Pretende-se, neste sentido, analisar as faces pintadas sobre o historiador-diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, como foi inventada e preservada a memória deste sujeito histórico, *transformando-o em historiador-símbolo do IHGB e patrono da história do Brasil*¹³.

Em breve levantamento sobre a fortuna crítica de Varnhagen, percebemos, na esteira do que apresenta Peter Burke, em seu artigo *A invenção biográfica e o individualismo renascentista*, que os textos sobre o historiador-diplomata *estão repletos de topoi, anedota sobre uma pessoa já contada sobre outras pessoas*¹⁴. É neste aspecto que propomos essa análise sobre os textos a respeito de Varnhagen, que se apresentam repletos de *topoi* na medida em que, em movimentos de idas e voltas os autores estabelecem um ‘mais do mesmo’, sobre vida e obra do historiador-diplomata.

Primeiramente fez-se um levantamento das pesquisas mais recentes que veem se desenvolvendo sobre a vida e obra do historiador-diplomata. Como propõe o historiador Francisco Iglésias, ter-se-ia que examinar Varnhagen e sua obra pelo que foram e não pelo que poderiam ser, evidenciando neste ponto um preconceito historiográfico. Segundo o autor,

Varnhagen tomou da historiografia européia de seu tempo o cuidado com as fontes, valorizando o documento. Está aí sua grande contribuição, suficiente para dar-lhe lugar de relevo na historiografia patricia. Pelo que fez, tem de ser apreciado. Considerá-lo desvalioso por não atentar para o mal da escravidão, por seu conservadorismo ou reacionarismo, por não apreciar questões hoje tão vitais, para nós, é não só procedimento duvidoso como denunciador de falta de sentimento histórico. Varnhagen foi homem de sua época, pensou e agiu como a maioria de seus contemporâneos¹⁵.

Compreendemos a posição de Iglésias como uma crítica da produção historiográfica, referente ao que denomina de preconceito historiográfico, tendo em vista trabalhos

¹³ RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p.34.

¹⁴ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 84.

¹⁵ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*: capítulos da historiografia brasileira, *op. cit.*, p.85.

que contestam a forma como está disposta a temática referente à escravidão, a postura dita conversadora e reacionária da obra de Varnhagen e a maneira como lidou com as fontes, documentos, pois há um modelo de narrativa no século XIX.

Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch apresentam algumas questões em torno do debate sobre a escrita da história, memória, interpretações e análises documentais. Suas considerações sobre a relação historiadores/documentos ajudam-nos a problematizar e compreender a posição crítica de Iglésias. Karnal e Tatsch partem da idéia de que o documento é a pedra fundamental para se pensar historicamente:

Um historiador da escola metódica do século XIX teria certeza que o documento é, em essência, o texto escrito: a carta, o tratado de paz, o testamento etc.[...]. Para os autores da Escola Metódica, a questão central da História é a heurística documental. A busca, seleção, crítica e classificação documental constituem-se no eixo em torno do qual gira a atividade do historiador¹⁶.

Assim, é possível compreender o surgimento e os movimentos de Varnhagen no contexto histórico e historiográfico do século XIX, especialmente no Brasil, pois como afirmam os autores,

De muitas formas, o século XIX é o século da História e do Documento, ambos ligados à emergência de Estados Nacionais. No Brasil, igualmente, o Instituto Histórico e Geográfico nasce com a Regência, verdadeiro momento de afirmação nacional. Coerentemente, o Estado, que desde o início da escrita foi um grande produtor de documentos, torna-se o organizador de arquivos e publicações para preservar documentos históricos. Conservar e organizar documentos passam a ser uma função muito ligada ao poder do Estado¹⁷.

Em *Estado, História e Memória*: Varnhagen e a construção da identidade nacional, Arno Wehling denunciou que faltavam, à vista do inventário historiográfico, estudos que pudessem avaliar seu significado como etapa significativa da história do pensamento

¹⁶ KARNAL, Leandro & TATSCH, Flávia. “A Memória Evanescente: Documento e História”. In: KARNAL, Leandro e FREITAS NETO, José Alves. *A Escrita da Memória: Interpretações e Análises Documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p 46.

¹⁷ *Idem*, p. 55.

social brasileiro, bem como, de seu papel no complexo processo de construção simbólica do Estado nacional e de certa visão de uma identidade para o Brasil¹⁸.

Para esse autor, Varnhagen pautava seu ofício na explicação hermenêutica, investigação empírica e no domínio de técnicas de análise documental¹⁹. Assim Arno Wehling desenvolveu estudos que conseguiram pontuar esses vazios deixados na e pela a fortuna crítica de Varnhagen, analisando os fundamentos ideológicos, os traços epistemológicos e/ou metodológicos desta interpretação sobre o Brasil no contexto social do Segundo Reinado.

No livro *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*, José Carlos Reis, ao fazer um apanhado da historiografia brasileira, enobrece a obra varnhageniana, ao evidenciar a necessidade de lê-la como representante legítima da interpretação e elaboração de concepção de história do século XIX brasileiro. Para José Carlos Reis, a sua história do Brasil, produzida sobre critérios de veracidade, forneceria os elementos fundamentais de identificação do povo, garantindo assim a unidade do país, principalmente depois das turbulências do período regencial²⁰. Contudo, constatamos na sua obra um conjunto de estereótipos e preconceitos já consolidados na historiografia brasileira e pelos biógrafos de Varnhagen, conforme apontou Francisco Iglésias.

Para Nilo Odália, Varnhagen assumiu a missão escriturária de homogeneizar o passado para que as peculiaridades fossem traços distintos de um povo e não no interior de um povo. O passado para a geração de Varnhagen era retomado e reconstituído em razão do interesse maior já definido, a idéia de nação²¹ e o historiador-diplomata não se intimidou em fazer suas apropriações dos eventos do passado colonial do Brasil para legitimar a nação do seu presente, ao menos aquela idealizada em seus escritos.

Adotar os escritos de Varnhagen como fonte de estudo significa superar uma série de juízos de valor e julgamentos produzidos pela própria historiografia brasileira, ora

¹⁸ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 21.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997, capítulo I.

²¹ ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, p. 37.

de caráter apologético como “pai da história do Brasil”, ora de tom pejorativo como “historiador reacionário”²².

Com base nas proposições de Nilo Odália e José Carlos Reis, Kelly Carvalho analisou o pensamento historiográfico de nação proposto por Varnhagen, durante o período compreendido entre 1839 e 1857, com o objetivo de compreender o lugar do historiador-diplomata no diálogo com seus interlocutores, nos debates que endossava ou repelia, nos motivos pelos quais aceitava ou não um determinado argumento, nas variantes do seu pensamento, na tentativa de estabelecer relações entre o seu pensamento historiográfico com o século no qual viveu²³.

A partir desse recorte cronológico delimitado e com uma diversidade de fontes-primárias, a autora focou a matriz mais ampla, social e intelectual que deu origem à *História geral do Brasil*, identificando as influências de Varnhagen, os seus interlocutores e a recepção que seus trabalhos iniciais obtiveram junto à comunidade intelectual do século XIX.

Em seu artigo *Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência*, Temístocles César esboçou uma análise da vida e obra do historiador sorocabano, cuja existência transcorreu praticamente fora do seu país de origem como representante diplomático, constituindo dessa forma a imagem de um historiador viajante.

Nesta perspectiva, Temístocles César relacionou parte da sua vasta produção intelectual *a esse olhar distanciado, efeito de seu movimento quase ininterrupto em busca de arquivos e documentos sobre a história e a geografia do Brasil que se encontravam no exterior*²⁴ Em sua leitura, a viagem e a visão “in locus” constituíram recursos cognitivos

²² Para uma análise das interpretações sobre a figura de Varnhagen, cf. GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*, capítulo IV; RIBEIRO, Renilson Rosa. “*Destemido Bandeirante à busca da mina de ouro da verdade*”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*; OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Tese de Doutorado em Letras. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

²³ CARVALHO, Kelly. *O nascimento de uma nação: Varnhagen e a construção do conhecimento histórico e da identidade nacional*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 14-15.

²⁴ CÉZAR, Temístocles Américo. *Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência*. *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 08, n. 15, jul./dez. 2007, p. 207.

para a escrita da história varnhageniana em um período pautado pelo nascimento da história como ciência e sua ambição à objetividade narrativa e à imparcialidade do historiador²⁵.

Temístocles César, em outro trabalho, ao lançar seu olhar sobre o projeto historiográfico de Varnhagen, percebeu um traço significativo para a compreensão da escrita da história do Brasil, denominado como retórica da nacionalidade. Em outras palavras,

(...) um discurso destinado a convencer, a persuadir, os brasileiros de que partilhavam um passado comum, bem como de um presente com a mesma identidade. Uma retórica da nacionalidade parece ser uma expressão cômoda para definir esse discurso, cuja característica é a dispersão de seus elementos constituintes²⁶.

Ainda sobre a escrita varnhageniana, Salah Hassan Khaled Júnior sintetizou algumas definições referentes à Varnhagen, realizadas por estudiosos que se dedicaram ao estudo da vida e obra deste historiador-diplomata. Segundo o autor, Varnhagen é definido como historiador pragmático, e essa definição é adequada, pois o mesmo afirmava ter escrito um livro útil e apropriado para estimular o trabalho e a prática das boas ações. Conforme salienta Salah Hassan Khaled Júnior,

Este pragmatismo foi extremo quando o historiador-diplomata se encarregou do dever sagrado de elaborar uma *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, verdadeiro instrumento político e patriótico²⁷.

Segundo Khaled Júnior, há um comprometimento de Varnhagen com o Estado, tendo em vista as palavras do historiador no referido livro: *a integridade do Brasil, já representa majestosamente no estado e no universo pela monarquia, vai agora, mui humil-*

²⁵ *Idem*, p. 101

²⁶ CÉZAR, Temístocles Américo. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7letras, 2006, p. 29.

²⁷ JÚNIOR, Salah Hassan Khaled. *A Construção da Narrativa Nacional Brasileira: A escrita da nação em Barbosa, Martius e Varnhagen*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p.88.

demente, ser representada entre as histórias das nações por uma história nacional²⁸. Pela análise do autor, Varnhagen era, efetivamente, um intelectual a serviço do Estado.

A partir da abordagem da organização textual e editorial da primeira edição da *Historia geral do Brasil*, Taíse Tatiana Quadros da Silva destacou os vínculos entre a escrita de Varnhagen e a tradição historiográfica portuguesa, concluindo que,

Contar ainda com a tradição historiográfica portuguesa para prefaciar sua *História* do Brasil apontaria também para outra tensa contradição de nosso autor: a de fazer parte de duas nações distintas que, devido a uma muito recente conjuntura política, haveriam se separado. O Brasil, como pátria de nascimento e também como escolha intelectual, nunca atenuaria, em Varnhagen, a presença da erudição lusa que ele adquirira em seus anos de formação e em sua experiência nos meios aristocráticos daquele país. Ocuparia o historiador, assim, uma posição difícil em um tempo de tão severa recusa das heranças lusitanas e de tanta afirmação dos aspectos autóctones²⁹.

Ao discutir a constituição moderna da historiografia brasileira e a obra de Varnhagen, a autora identificou que,

De fato, entre os conflitos latentes na *História geral do Brasil*, uma obra tão cara aos interesses da monarquia brasileira e composta, ainda, em meio aos debates intelectuais sobre as idéias de nação, estaria uma certa lusofilia inevitável, mesmo que constrangida pelos imperativos da escolha adulta pela brasilidade. Assim, cercar Varnhagen por sua obra é também ter em vista estes dois mundos, observando como, intelectualmente, o historiador expressaria conforme as contingências aspectos de um e outro³⁰.

A partir da análise dos textos prefaciais, correspondência ativa e de partes da *Historia geral do Brasil*, Laura Nogueira Oliveira elaborou um estudo das prescrições definidas por Varnhagen para a escrita da história no século XIX brasileiro.

²⁸ *Idem*, p. 88.

²⁹ SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. *A Reescrita da tradição: a invenção historiográfica do documento na Historia Geral do Brazil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-857)*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, p. 13.

³⁰ *Idem*, p. 13.

As cartas auxiliaram Laura Nogueira de Oliveira a compreender a *palavra empenhada* de Varnhagen no contexto do oitocentos³¹, a traçar os perfis do historiador-diplomata, ir a espaços freqüentados por meio de análise das correspondências, decifrar as relações entre intelectuais, interlocutores, nos corredores do IHGB, e em especial as trocas de palavras com a Dom Pedro II.

Segundo a autora, ao longo dos seus escritos diversos, o visconde de Porto Seguro definiu-se como historiador, erudito, filósofo e literato. Além disso, ela identificou a presença de elementos discursivos retóricos na sua escrita historiadora, rompendo com a imagem estereotipada criada da sua figura como um mero compilador de documentos³².

Varnhagen sempre foi reconhecido como um pesquisador incansável e um autor preocupado com a autenticidade e fidedignidade dos documentos que utilizava como fontes. Isso não significa, entretanto, que tenha deixado de se comportar como um juiz, distribuindo reprimendas e louvores aos homens do passado. Escrevia para seus contemporâneos e para as gerações vindouras: seus louvores e repressões deveriam servir de lição aos homens do presente e do porvir. Exatamente pela missão iluminadora dos homens do presente, a obra histórica deveria ser persuasiva –, sendo também preciso lembrar que um historiador, segundo Varnhagen, além de erudito e filósofo, deveria, no sentido prescritivo do verbo, ser um literato³³.

De acordo com Rebeca Gontijo,

As correspondências, como outros documentos pessoais, sugerem uma mensagem de verdade, pois constituem um meio de expressão do indivíduo na sua intimidade, espaço do espontâneo, de certa liberdade, onde, supostamente, deve reinar a sinceridade. Ler escritos pessoais assemelha-se a invadir locais escondidos, revelados a poucos, entre os quais o leitor invasor acaba se incluindo, podendo sentir-se, por vezes, como um cúmplice, que compartilha os sentimentos e idéias do invadido; um esperto detetive, pronto a capturar o missivista em flagrante; um juiz parcial, apto a julgar as condutas privadas; ou ainda, como uma espécie de deus que tudo vê, capaz

³¹ RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 137.

³² OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*, *op. cit.*, p. 13-23.

³³ *Ibidem*, p.79.

de avaliar pensamentos, atos e palavras. Esse leitor pode ter a impressão de estar surpreendendo o autor da carta, pegando-o desprevenido nas suas liberdades, violando seus segredos, tirando sua máscara para, finalmente, revelar ao público suas idiossincrasias³⁴.

Para compreender as interpretações e conclusões de Laura Nogueira de Oliveira, recorre-se aos estudos de Michel Pêcheux que, com o propósito de analisar discursos, textos e arquivos, em seu artigo *Ler o Arquivo Hoje*, assinala que,

Por tradição, os profissionais da leitura de arquivos são “literatos” (historiadores, filósofos, pessoas de letras) que têm o hábito de contornar a própria questão da leitura regulando-a um ímpeto, porque praticam cada um deles sua própria leitura (singular e solitária) construindo o seu mundo de arquivos³⁵.

Neste referido trabalho, Michel Pêcheux examina as relações entre o aspecto histórico e psicológico em que está submergida a leitura de arquivos e, ainda, o aspecto matemático e informático que envolve o tratamento dos documentos textuais, além do avanço das pesquisas em lingüística formal.

O que interessa destas discussões são os apontamentos sobre duas culturas em que está calcada a leitura de arquivos: a literária e a científica. Pêcheux aponta que há uma vertente de leitura de arquivo que, segundo o autor, *trata-se desse enorme trabalho anônimo, fastidioso, mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva*³⁶.

Michel Pêcheux assinala para uma relação de poder, através dos trabalhos de leitura de arquivos, afim da constituição de uma memória da histórica de uma sociedade. Conforme afirma o estudioso das análises de discursos,

Desde a Idade Média a divisão [da leitura de arquivos] começou no meio dos clérigos, entre *alguns* deles, autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes (logo, portadores de uma leitura e de uma o-

³⁴ GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Tese de doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 173.

³⁵ PÊCHEUX, Michel. Ler o Arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. (org.). *Gestos de Leitura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010, p. 50.

³⁶ *Ibidem*, p. 57.

bra própria) e *o conjunto de todos os outros*, cujos gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação etc.) constituem também uma *leitura*, mas uma leitura impondo ao sujeito-leitor seu apagamento atrás da instituição que o emprega: o grande número de escrevões, copistas e “contínuos”, particulares e públicos, constitui-se, através da Era Clássica e até nossos dias, sobre esta renúncia a toda pretensão de “originalidade”, sobre este apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa³⁷.

O historiador Varnhagen assim foi retratado, conforme veremos nas análises das invenções biográficas, como um dos intelectuais ligados ao IHGB e que, por certo, compunha seus textos e desenvolvia suas práticas (concepção, metodologia e eleição de fontes, documentos, arquivos), levando em consideração o grêmio, instituição da qual era sócio, e tendo em vista os desígnios desta corporação, de *colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Imperio do Brazil*³⁸, elaborando um passado adequado às aspirações da Monarquia instaurada em 1822, ou seja, uma memória coletiva nacional.

Nas análises a seguir veremos os pontos incomuns das invenções biográficas referentes à Varnhagen, ou seja, a consolidação do Estado nacional, no decorrer do século XIX, ligado a emergência de uma historiografia tendo a nação como centro; a criação, em 1838, do IHGB, após Independência, que reuniu a chamada elite política e intelectual do período, no caso, historiadores, como Varnhagen. Estes historiadores de ofício deveriam estar a serviço da Pátria e suas penas defenderiam a monarquia constitucional, alcançando o povo, por meio de seus escritos, ao mesmo tempo nobres e populares, constituindo a chamada memória coletiva, por meio de uma engenhosa política de unidade política e de sentimento nacional³⁹.

³⁷ *Ibidem*, p. 51-52.

³⁸ Extractos dos Estatutos do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo 01, 1939, p. 18.

³⁹ Cf. MOREIRA, Vânia. O ofício do historiador e os índios: sobre uma querela no Império. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 53-72, 2010.

1.2. Francisco Adolfo de Varnhagen: invenções biográficas

Nos textos sobre a vida e obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, identificamos abordagens que se concentram em determinados tópicos, sendo eles: I. A relação vida e obra de Varnhagen; II. A atuação do historiador sorocabano no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e III. Análises da sua principal obra, a *Historia geral do Brasil*. Na bibliografia consultada não se encontra a mesma proporção de trabalhos sobre os outros livros de Varnhagen, como por exemplo, *Historia das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*.

As análises desses textos permitem perceber o fio condutor presente nas diversas invenções biográficas de Varnhagen⁴⁰. Na busca pelo fio condutor, o trabalho de Clado Ribeiro de Lessa, intitulado *Vida e Obra de Varnhagen*⁴¹ emerge como uma referência de análise pertinente para essa pesquisa. A eleição desta fonte justifica-se por ser, primeiramente, referenciada inúmeras vezes nos textos com preceito biográfico, por conseguinte ela traça a vida e obra varnhageniana, através de estudos anteriores a sua publicação na *Revista do IHGB*, levando em consideração os trabalhos de Capistrano de Abreu, *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*⁴², de Oliveira Lima, *Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*⁴³, de Eugenio Egas, *O Sorocabano Viscon-*

⁴⁰ Para Robert Darnton, “Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, tem a certeza que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho. O fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo.” DARNTON, Robert. Apresentação. In: *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. XIV e XV.

⁴¹ Cf. LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 186, jan./mar. 1954, p. 55-88. _____. Vida e obra de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 223, abr./jun. 1954, p. 82-297. _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 224, jul./set. 1954, p. 109-315. _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 225, out./dez. 1954, p. 120-293. _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 226, jan./mar. 1955, p. 03-168. _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 227, abr./jun. 1955, p. 85-236.

⁴² ABREU, João Capistrano de. *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*. In: *Ensaio e Estudos* (Crítica e História), 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

⁴³ LIMA, Manoel de Oliveira. *Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*. *RIHGSP*, São Paulo, vol. XIII, 1908.

de de Porto Seguro⁴⁴, Celso Vieira, *Varnhagen (O Homem e a Obra)*⁴⁵, de Rodolfo Garcia, *Varnhagen – Ensaio bio-bibliográfico*⁴⁶, e ainda de Basílio de Magalhães, *Francisco Adolpho de Varnhagen – Visconde de Porto Seguro*⁴⁷. Assim, como apontado por Renilson Rosa Ribeiro,

Entre 1954 e 1955, vieram à luz nas páginas da *Revista* do IHGB os originais do estudo de enorme fôlego sobre Varnhagen, do consócio Clado Ribeiro de Lessa (1906-1960), fruto de ampla pesquisa documental em arquivos. Nessa volumosa bio-bibliografia, distribuída nos cinco volumes seguintes da *Revista*, o biógrafo procurou explorar as várias faces do visconde de Porto Seguro – historiador, etnógrafo, crítico literário, diplomata, estadista, polemista⁴⁸.

1.3. Varnhagen: na fronteira entre o biógrafo e o biografado

Em sua tese de doutoramento, Renilson Rosa Ribeiro identificou e analisou as representações temáticas da História do Brasil Colonial forjadas no Brasil Imperial, por meio da edição da *Historia geral do Brazil* de Varnhagen, procurando perceber as suas articulações com o projeto historiográfico do IHGB.

Para, enfim, alcançar tais proposições, dedicou dois capítulos de seu trabalho as invenções biográficas de e sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, o primeiro intitulado *Invenções dos Outros: As biografias de Varnhagen e escrita da História do Brasil (1878-1978)*, em que o estudioso analisou as ‘caricaturas’ do historiador-diplomata produzidas pelos membros do IHGB ou vinculadas a esta instituição, por meio de textos biográficos,

⁴⁴ EGAS, Eugenio. *O Sorocabano Visconde de Porto Seguro*. Conferencia lida em Sorocaba no Gabinete de leitura Sorocabano na noite de 19 de março de 1916. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia, 1916.

⁴⁵ VIEIRA, Celso. *Varnhagen (O Homem e a Obra)*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.

⁴⁶ GARCIA, Rodolfo. Appenso Ensaio Bio-bibliográfico sobre Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro. In: Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª ed. Integral. Tomo II. Editora Melhoramentos, 1928, p. 436-452.

⁴⁷ MAGALHÃES, Basílio de, *Francisco Adolpho de Varnhagen – Visconde de Porto Seguro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

⁴⁸ RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 62-63.

como por exemplo, necrológios, memórias, ensaios bibliográficos, prefácios, biografias entre outros, nas e por meio da sua *Revista*, jornais e livros entre os anos de 1878, data de seu falecimento, e 1978, momento da comemoração do centenário de sua morte.

No segundo capítulo, intitulado *Invenções de Si: As cartas de Varnhagen e a escrita da História do Brasil (1839-1860)*, Renilson Rosa Ribeiro analisou com base na sua correspondência ativa⁴⁹, coligida por Clado Ribeiro de Lessa e na memória *Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil* (1852), as representações de si, do IHGB, do ofício de historiador e da escrita da história produzidas por Varnhagen, neste ponto destacando os conflitos e disputas presentes no contexto de produção de sua produção historiográfica dentro do grêmio entre 1839 e 1860.

Em *Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)*, Evandro dos Santos analisou a presença e as variadas apropriações da biografia na escrita da história oitocentista a partir do exame de parte da obra do mais importante historiador daquele período.

Segundo o autor, contando com sua condição de historiador viajante – em razão da função de diplomata do Império do Brasil em legações na Europa e América do Sul – Varnhagen levantou informações e produziu uma série de notícias biográficas. O seu objeto de investigação neste estudo foram os textos editados na seção biográfica da *Revista do IHGB*, além da obra *Historia geral do Brasil* (1854/1857), obra mais conhecida e que permitiu aprofundamento da leitura, dada a sua dimensão e seu caráter de obra-síntese⁵⁰.

Percebemos a partir dos trabalhos mencionados a presença de um Varnhagen biógrafo, algo que está latente em sua obra *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*, publicada em 1871, com segunda edição em 1872.

Ao longo da mencionada obra, Varnhagen fez referências elogiosas aos sujeitos históricos, André Vidal⁵¹ o famoso herói, patriota; Luís Barbalho⁵² o intrépido e valente

⁴⁹ Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

⁵⁰ SANTOS, Evandro. *Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, p. 10-11.

⁵¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Hollandeses no Brazil desde 1624 a 1654*. Lisboa: Tipografia de Castro Irmãos, 1872, p. 67 e 183.

pernambucano; Dom Frei Antônio Felipe Camarão⁵³, o ilustre herói índio, e Henrique Dias⁵⁴, o bravo e valente, que para ele constituem o panteão de heróis nacionais, no Brasil colonial.

Varnhagen lançou mão dessas biografias para a composição de sua obra principal, *Historia geral do Brazil* (1854/1857), na qual já atestava a relevância que o autor atribuía ao domínio holandês, tendo em vista a dedicação de metade do segundo volume e parte do terceiro contemplando o tema, conforme vemos na carta destinada ao Imperador D. Pedro II:

[...]. A Historia do Brazil está em 1654. Capitularam os Holandezes e foram-se embora. A esta guerra de trinta annos dediquei três capítulos, e creio mais que suficientes para não ser aqui, só por que haja mais historiadores, mais minucioso do que antes ou depois. [...] ⁵⁵.

As utilizações de biografias se atenuaram na *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, considerando os sujeitos históricos que eram essenciais na elaboração do enredo narrativo e elemento constituinte no discurso historiográfico varnhageniano. E isso será analisado com profundidade no segundo capítulo deste trabalho. Segundo Rebeca Gontijo, os sujeitos históricos

São vistos, por exemplo, como símbolo de um grupo ou nacionalidade, uma vez que suas ações e/ou suas obras são lidas como portadoras de valores e ideais considerados dignos de serem compartilhados e celebrados em dado momento⁵⁶.

Ao pensar a constituição dos sujeitos históricos, Rebeca Gontijo inspira-nos a revisar as discussões sobre os estudos biográficos e suas relações com a produção historio-

⁵² *Ibidem*, p. 83.

⁵³ *Ibidem*, p. 248.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 14, 23 e 209.

⁵⁵ Carta ao imperador D. Pedro II, Madrid, 2 de dezembro de 1852. In: Francisco Adolfo de Varnhagen. *Correspondência ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, *op. cit.*, p. 193.

⁵⁶ GONTIJO, Rebeca, O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu, In: ABREU, Martha *et.al* (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 311.

gráfica, tendo em vista que na parte seguinte deste capítulo nos debruçamos sobre a forma como foi monumentalizado o sujeito histórico Varnhagen, constituindo a identidade do historiador como um erudito, filósofo e literato, diplomata, sociólogo, polemista.

A historiadora Sabina Loriga, em entrevista à *Revista de História e Historiografia*, afirma que,

A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada, e nós podemos encontrar, em todas as épocas, historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas. Mas, na realidade, o fosso entre os dois gêneros se aprofundou, sobretudo, ao longo do século XIX, quando o pensamento histórico atingiu seu apogeu. Eu gostaria de sublinhar dois momentos-chave que encorajaram uma separação definitiva. O primeiro remonta ao fim do século XVIII e ao início do século XIX e está ligado, sobretudo, ao sucesso e ao impacto da história filosófica, enquanto que o segundo momento, que foi desencadeado nas últimas décadas do século XIX pelos historiadores, atinge o seio da história e coincide com o divórcio entre a história social e a história política. Nessa época, alguns historiadores desejaram abandonar as vestes da reflexão moral para endossar aquelas, mais novas e mais brilhantes, das ciências sociais, modeladas no exemplo das ciências da natureza. Na tentativa de aplicar o princípio da causalidade aos fenômenos sociais, sacrificaram tudo aquilo que é singular ou único: os indivíduos não são pensados como seres particulares, dotados de um caráter singular, distinto, nem mesmo como seres capazes de agir sobre o curso da história, mas como exemplares equivalentes entre si, submissos apenas à dominação do grupo (classe, nação etc)⁵⁷.

Para Pierre Bourdieu, um crítico das pesquisas biográficas,

[...] Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimento com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. [...]⁵⁸.

⁵⁷ SOUZA, Adriana Barreto de; LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 9, agosto, 2012, p. 26-37.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 185.

Enquanto Bourdieu denomina as biografias como absurdo científico, uma ilusão, considerando indispensável a reconstrução do contexto, ou seja, o plano onde atua o sujeito, numa multiplicidade de palcos, a cada momento, Giovanni Levi salienta a necessidade de se tecer algumas observações que possam contribuir para as discussões sobre as relações da biografia e a história. Conforme o estudioso,

A biografia é, pois um tema que precisamos debater, afastando-nos da tradição dos *Annales*, mas atendo-nos aos problemas que nos parecem hoje particularmente importantes: a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada⁵⁹.

Levi, seguindo em sua discussão sobre contexto e biografia, aponta que qualquer que seja a sua originalidade superficial, uma vida não pode ser abarcada excepcionalmente por meio de suas irregularidade e singularidades, mas adverso a isso, indicando que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o explica⁶⁰.

Em outras palavras, por meio da biografia é possível perceber o espaço, o meio, o plano em que o biografado está inserido, por meio da narração de sua trajetória é possível reconstituir o espaço histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos, ou seja, o espaço de sociabilidade do indivíduo que age.

Na esteira das discussões concernentes aos estudos biográficos, em *A arte do Biógrafo*, Jean Orioux alega que

Em primeiro lugar, o biógrafo tem de reunir o maior número possível de conhecimento sobre um personagem histórico, a fim de se aproximar tanto quanto possível, da sua verdade viva, com o máximo de precisão de autenticidade e de probidade⁶¹.

⁵⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral. op. cit.* p. 179.

⁶⁰ *Idem*, p. 175.

⁶¹ ORIEUX, Jean. *A Arte do Biógrafo*. In: DUBY, Georges *et al.* *História e Nova História*. 3 ed. Lisboa: Teorema, s/d, p. 39.

Assim, retomamos a premissa de Loriga, ao ultrapassar a fronteira entre história e biografia refletindo, com base nos pressupostos teóricos de Bourdieu, Levi e Orioux, sobre como Clado Ribeiro de Lessa estruturou a biografia de Varnhagen, retratando seu personagem.

1.4. As estruturas monumentalizadas da biografia de Francisco Adolfo de Varnhagen

A primeira questão que se levanta sobre a obra de Clado Ribeiro de Lessa é referente aos motivos que o levaram a produzir tal obra. Pierre Bourdieu, ironizando a naturalização dos trabalhos biográficos, afirma que,

[...] Primeiramente, o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de “projeto original” somente coloca de modo explícito o que está explícito já, “desde então”, “desde pequeno” etc, das biografias comuns ou nos “sempre” (“sempre gostei de música”) das “historias de vida”[...]⁶².

Clado Lessa afirmou o gosto pela história de vida justificando seu empreendimento que foi a produção desse denso estudo. Ao lançar mão do que propôs Bordieu, constatamos em Clado Lessa a naturalização das origens de seu desejo e o nascimento de sua idéia, quando ele utiliza a expressão “vem de longe”, como vemos a seguir:

Vem de longe nossa admiração pelo Pai da História do Brasil, a figura impar de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, culto que só tem crescido com o correr do tempo e o mais íntimo conhecimento da sua obra. Trechos da História Geral, lidos quando menino, na Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet, despertaram-nos o desejo de possuir o livro, há muitos anos esgotado. Foi isso por volta de 1920 ou 21. [...]⁶³.

⁶² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*, op. cit., p. 184.

⁶³ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, op. cit., p. 82.

Clado Lessa estruturou sua obra em duas partes, com subdivisões, aos moldes de Basílio de Magalhaes, em conferência pronunciada do Instituto Histórico, a 29 de junho de 1928. Basílio de Magalhães, sócio do IHGB, foi designado para proferir a conferência, devido o cinquentenário da morte do visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen. Para tanto, estruturou sua apresentação pontuando, primeiramente, *I- Os Traços Biographicosgeraes, II - O Historiador, III – O Ethnographo, IV – O Diplomata, V – O Literato, VI – O Político e o Economista, VII – O Artista, VIII – O Critico e Polemista, IX – O Biographo e Epistolographo, X – Conclusão, e por conseguinte apresentando II – Bibliografia Methodizada e Razoana*, ou seja, apresentou na primeira parte a vida e por conseguinte as obras de Varnhagen⁶⁴.

O biógrafo de Varnhagen organizou sua densa obra em duas partes, sendo a primeira composta por quatro capítulos, expondo em ordem cronológica os acontecimentos da vida de Varnhagen, desde seu nascimento 1816 até seu falecimento 1878. Na segunda parte se ateve aos aspectos da sua obra, em que vai descrevendo-o ora como historiador e etnógrafo, ora como historiador e crítico literário, denominado de literato e artista, ora como diplomata, ora como polemista, conforme verificamos a seguir.

Na primeira, constante de quatro capítulos, procuramos expor em ordem cronológica – não tão absoluta, porém, que a seu rigor sacrificássemos a sequência da narrativa e o sentido dos acontecimentos – os principais episódios de sua vida. Nesta, pois períodos naturais saltavam aos olhos impondo o tratamento sob títulos distintos: o primeiro, constituído pela fase de formação do historiador, e que vai desde seu nascimento, em 1816, até o regresso a Portugal com a promessa de reconhecimento da sua cidadania brasileira (1841); outro, constituindo a matéria do terceiro capítulo, e que compreende os anos decorridos de 1859 a 1868, durante os quais Varnhagen chefiou várias missões na América, e as atividades do diplomata e do economista prático de certo modo sobrepujaram as do historiador e do erudito. Colocado entre ambos, o segundo capítulo ocupa-se do estágio do nosso compatriota em Portugal e na Espanha, ao qual corresponde a plena expansão de suas faculdades. O quarto e último da fase derradeira de sua existência, durante a qual representou o Império perante a monarquia austro-húngara e exerceu várias comissões importantes em outros países da Europa – Na segunda parte do livro, dividida em sete capítulos correspondentes a seis tí-

⁶⁴ Cf. MAGALHÃES, Basílio de. *Francisco Adolpho de Varnhagen – Visconde de Porto Seguro, op. cit.*

tulos, estudamos, por espécies afins, as muitas feições do engenho varnhageniano, analisando sucessivamente as categorias em que se classifica a obra do fecundo polígrafo⁶⁵.

O autor de *Vida e Obra de Varnhagen* considerou o método adequado as suas aspirações, não de completude ou de trabalho definitivo e acabado, mas que almejasse o *postulado da existência narrada*⁶⁶.

A análise segue o método a fio proposto por Clado Lessa, com o objetivo de, juntamente com o biógrafo, descortinar as tramas pelas quais percorreram o investigador e seu objeto de estudo, podendo compreender a forma como foi construído o retrato de Varnhagen.

Por essa razão faz-se necessário se ater a primeira parte de *Vida e Obra de Varnhagen*, como fonte de análise exclusivamente, tendo em vista que é nela que está centrada a biografia, enquanto que na segunda parte situa-se a análise das obras de Varnhagen.

1.4.1. Capítulo formador...

Clado Lessa traja seu objeto de investigação, desde o berço esplendido, com e como um metal que será fundido e que resistirá a ferrugem do tempo. Sua analogia está relacionada ao fato de o pai de Varnhagen, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, ter sido um metalúrgico e sua mãe, por outro lado, sendo de origem paulista, que o colocava em situação privilegiada. Nascia no dia 17 de fevereiro de 1816 o sétimo filho do diretor da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, da vila de Sorocaba, Varnhagen⁶⁷.

Neste capítulo formador, Clado Lessa discorreu sobre a origem paterna e materna, o nascimento de Varnhagen, ressaltando o silêncio biográfico sobre sua infância. Como afirmou o biógrafo,

⁶⁵ LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e Obra de Varnhagen* (vol. 223). *RIHGB*, op. cit., p. 82.

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*, op. cit., p. 184.

⁶⁷ LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e obra de Varnhagen* (vol. 223). *RIHGB*, op. cit., p. 88, 89 e 92.

As fontes biográficas existentes são totalmente omissas de dados sobre os anos da primeira infância do historiador-diplomata, como sucede em geral com as de todos os grandes homens. Algumas vagas ilusões e reminiscências encontram-se dispersas pela própria obra literária do sorocabano⁶⁸.

Percebemos os predicados enobrecedores que Clado Lessa foi tecendo, referindo-se desde a tenra infância até o grande homem que viria a ser no futuro, adjetivações que vão emergindo na medida em que traçava a trajetória de Varnhagen.

Segue, assim, a diligência varnhageniana, retornando para a Europa, viajando para os tempos de estudos em Lisboa, preparando-se para a carreira militar, dedicando-se aos estudos de *humanidades, matemáticas superiores, e disciplinas aplicadas à arte militar e à engenharia civil*⁶⁹. Clado Lessa, tendo como referência Basílio de Magalhães, salientou os conhecimentos sobre idiomas, geografia e cosmografia que Varnhagen detinha.

Além das condições personalíssimas, que influenciaram precipuamente nas manifestações públicas da capacidade intelectual de Francisco Adolfo de Varnhagen, - teve elle a rara felicidade de educar-se em um meio e em uma época em que era intensa e brilhante a cultura literária das tradições históricas. O serio curso de engenharia militar habilitou-o a esquadrihar e resolver com segurança áridas e intrincadas questões de geographia e cosmographia. E as escalas da carreira diplomática propiciaram-lhe facilidades para o melhor pesquisar archivos europeus e americanos⁷⁰.

Clado Lessa não media esforços para buscar em outras referências intelectuais, também biógrafos, as adjetivações que manifestassem a qualidade da formação intelectual, de seu biografado, com tom enobrecedor, com preciosismos, erigindo uma esfinge, um mito, o monumento Varnhagen.

No que concerne aos estudos sobre o Brasil, Clado Lessa ponderou o momento em que Varnhagen passou a colaborar com o periódico *O Panorama*, prestando informação aos seus contemporâneos sobre documentos encontrados, copiando e remetendo para o IHGB, principalmente aqueles que se encontravam na Torre do Tombo, durante suas ativi-

⁶⁸ *Ibidem*, p. 92.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 98.

⁷⁰ MAGALHÃES, Basílio de. *Francisco Adolpho de Varnhagen* – Visconde de Porto Seguro, *op. cit.*, p. 08 e 09.

dades⁷¹. O biógrafo apresentava um depoimento de Oliveira Lima, outro estudioso e admirador de Varnhagen:

Quando, muito novo ainda, eu estudava paleographia na Torre do Tombo, de Lisboa, tendo por mestre José Basto, um dos auxiliares de Herculano na obra grandiosa do *Portugaliae Monumenta Historica*, costumava ansioso esquadrihar nos maços de papeis bolorentos, de caracteres semi-apagados debaixo da poeira dos séculos, algum documento que na minha prosápia juvenil julgava dever ser decisivo para a solução de qualquer dos enigmas da nossa historia, que os tem, comquanto date de hontem. Ora, era com viva surpresa e não menos vivo desapontamento que, em quase todos aquelles papeis, se me deparava a marca discreta do lapis de um pachorrento investigador que me precedera na faina, e que verifiquei não ser de outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen. Atribuindo o seu nome ilustre á cadeira que a vossa benevolência aqui me concedeu, escolhendo-o, pois, para meu patrono – mais carecera de um padroeiro, para usar da linguagem tradicional, que tão bem corresponde ao personagem e ate ao espirito começo do século – celebrando agora sua memória, faço mais do que instinctivamente recorrer a um modelo, traduzo um saudosa impressão da primeira mocidade, além de prestar ima das mais merecidas homenagens que reclamão os fundadores do nosso patrimônio intelectual⁷².

No trecho anterior, saudoso à sua juventude em que se encontrava em estudos de paleografia na Torre do Tombo, em Lisboa, Oliveira Lima descrevia que encontrou em meios aos documentos as marcas de Varnhagen, as siglas do nome que posteriormente fora concedido o título de seu patrono, padrinho. Com este postulado Oliveira Lima sagrava Varnhagen e consagrava-se historiador. Como afirmou Jean Orioux, *é assim que se rejuvenescem, simultaneamente, o retrato do personagem e o entusiasmo do biógrafo*⁷³, algo que se repete no estilo biográfico de Clado Lessa.

Aos 18 de julho de 1840, o patrono de Oliveira Lima foi eleito sócio correspondente do IHGB. Varnhagen passou a ter a proteção do Imperador e o espaço do Instituto onde estabeleceu as suas redes de sociabilidade⁷⁴. Conforme registrou Clado Lessa,

⁷¹ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB, op. cit.*, p. 105-106.

⁷² LIMA, Manoel de Oliveira. Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, *op. cit.*, p. 63.

⁷³ ORIEUX, Jean. A Arte do Biógrafo. In: DUBY, Georges *et al. História e Nova História, op. cit.*, p. 39.

⁷⁴ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB, op. cit.*, p. 111. Cf. RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnha-

Segundo informação de Abreu e Lima, no opúsculo que escreveu contra o *Primeiro Juízo* de Varnhagen sobre seu *Compêndio de História do Brasil*, este, que logo se ligou estreita camaradagem com o Cônego Januário, secretário do Instituto Histórico e bibliotecário da Biblioteca Nacional e Pública, arranhou de aposentar-se, com um criado que trouxera de Portugal, no próprio edifício em que funcionava a repartição, pertencente aos terceiros do Carmo, (71), com frente para a rua deste nome. O edifício comunicava-se internamente com a capela imperial, e esta, pelos passadiços aéreos com o Paço da Cidade (hoje Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos), em uma das cujas salas celebrava suas sessões o Instituto Histórico. Varnhagen tinha assim á mão livros em quantidade, a proteção imperial e o Instituto. Aproveitou bem o tempo e as contingências favoráveis, e fez algumas descobertas importantes principalmente na seção mss., da qual deu a conhecer as cartas jesuíticas do códice doado pelo Conselheiro Ordonhez, e que pertencera à casa de São Roque; e os dicionários *português-brasiliano* e *brasiliano-português*, cuja a impressão veio a propor fosse feita pelo Instituto⁷⁵.

Assim, o historiador passou a ter contato com Dom Pedro II, por meio das sessões do Instituto Histórico, recebeu reconhecimento da nacionalidade brasileira, correspondia-se com seus consócios, pesquisava nos arquivos por onde passava, o que salientava a cunhagem de Varnhagen como historiador-viajante. Como podemos perceber a seguir, Clado Lessa esquadrinha os cenários pelas quais Varnhagen transitava:

Na sessão do Instituto Histórico, de 1 de agosto, leu-se, no expediente, uma carta do naturalista Carlos Frederico Filipe Von Martius, agradecendo o diploma de membro honorário que o cenáculo brasileiro lhe remetera, e entrando em considerações sobre a civilização dos índios do Império americano, que julgava do tipo regressivo. Em sua opinião, teriam sido, em épocas remotas, estágio de cultura superior àquele em que os encontraram os portugueses. Aconselhava que se procurassem os restos dessa cultura decadentes e prestes a extinguirem-se entre as tribos de língua-geral ainda existentes nas mesopotâmias do Tocantins, Araguaia e Xingu (os Apiacás, o Gês e os Mundurucus), únicos depositários possíveis de mitologia, tradições históricas e civilização dos tempos passados. Varnhagen, pedindo a palavra, disse aproveitar o ensejo oferecido pela comunica-

gen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 172.

⁷⁵ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 111.

ção de tão conhecido viajante e cientista para propor que o Instituto procurasse recolher todas as informações existentes sobre a raça quase extinta, e também para sugerir que se cogitasse dos meios de promover no Império o estudo das línguas selvagens. Ato contínuo leu a sua dissertação acerca do estudo desses idiomas, e apresentou duas propostas sobre meio de levar a plano. Foi a primeira vez que Varnhagen pode contemplar de perto seu soberano, e de La datou a simpatia e proteção por parte do monarca, e a veneração e reconhecimento pela do vassalo, que se conservaram inalteráveis até a morte deste⁷⁶.

Como propôs Jean-François Sirinelli, *as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos de intelectuais estudados*⁷⁷. As considerações de Sirinelli orientam-nos a refletir sobre as redes de sociabilidade de Varnhagen, suas relações com outros intelectuais, instituições, o que nos leva a pensar sobre sua formação, interação, os fortuitos, as circunstâncias e contingências e, ainda, o inesperado, no desenvolvimento da escrita sobre e do historiador-diplomata.

Ao trazer à tona a posição de Varnhagen sobre a carta do naturalista Carlos Frederico Filipe von Martius, Clado Lessa evidenciava uma atitude favorável às questões indígenas, no caso, referente ao idioma indígena e sua importância para os estudos brasileiros. Porém, em outros trechos da biografia, salientava os estereótipos sobre Varnhagen relacionados às suas posições referentes à temática indígena, conforme vemos a seguir nas palavras do próprio biografado,

Achando-me em São Paulo, em fins de 1840, empreendi uma viagem no triste vale, onde aprouvera ao Criador que eu aparecesse neste mundo. Já pela altura de Paranapitanga, onde me demorei alguns dias, comecei a ouvir contar muitos casos de cruéis assaltos e invasões de Índios, que, quando lhes aprazia, chegavam até ali com suas correrias, e traziam a todos cheios de temor e espanto. Passando, porém, mais ao sul, à fazenda de Morungava, confim atual da província de São Paulo com a de Paraná, dela desmembrada, não só ouvi contar novas histórias de assaltos de Bugres, como fui informado que andavam eles mui perto, e que eu e os companheiros poderíamos no dia seguinte ser atacados na estrada, ao atravessar um bosque, felizmente de curta extensão. [...]. Confesso que desde en-

⁷⁶ *Ibidem*, p. 112-130.

⁷⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 249.

tão uma profunda mágoa e até um certo vexame se apoderou de mim, ao considerar que, apesar de ter o Brasil um governo regular, em tantos lugares do seu território achavam-se (e acham-se ainda) um grande número de cidadãos brasileiros á mercê de semelhantes cáfilas de canibais...[...] ⁷⁸.

Os termos utilizados por Varnhagen, como *índios bravos*, que realizaram *cruéis assaltos*, endossaram os estereótipos que se recaem sobre ele, sobre ser um historiador que classificava etnicamente os sujeitos históricos. Retomando as discussões de Sirinelli, o estudo dos intelectuais como atores do político é complexo, pois a categoria tem contornos mutáveis ⁷⁹.

Levi ajuda-nos neste diálogo com Sirinelli, tendo em vista a época, o meio e a ambiência, ou seja, o contexto em que o intelectual biografado está inserido ⁸⁰.

A respeito deste contexto no qual o intelectual estava inserido e no qual se movimentou, vale ressaltar as viagens científicas do IHGB e o papel dos intelectuais/viajantes a serviço do Império, no processo de construção e representações históricas e geográficas do Brasil Imperial, levando em consideração, principalmente a questão indígena, na constituição da nacionalidade. Segundo Lúcio Menezes Ferreira,

No que toca aos textos do IHGB seria artificial separar, na constituição epistemológica das ciências do Brasil Imperial, a história natural e as Humanidades. Assim como na Europa, as Humanidades, no Brasil Monárquico, propenderam, de modo programático no século XIX, à laboração das nacionalidades. [...] Articuladas durante as viagens científicas idealizadas e realizadas pelo IHGB, às Humanidades e à história natural coube elaborar um registro sobre as riquezas do território. Estribar a conquista do território. Organizar um saber classificatório sobre as populações indígenas, um saber capaz de filtrá-las por entre as malhas finas da peneira da civilização. A arqueologia e a etnografia, no nomadismo das viagens científicas, legitimariam uma representação histórico-coletiva da Nação que, anco-

⁷⁸ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol 223). *RIHGB, op. cit.*, p. 121.

⁷⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais, in: RÉMOND, René (org.). *Por uma História política, op. cit.*, p. 244.

⁸⁰ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral, op. cit.*, p. 175.

rada em retrospecto na pré-história, exibiria um passado majestoso para os súditos de sua Majestade Imperial⁸¹.

As considerações explicitadas acima possibilitam compreender a posição de Varnhagen, ora favorável, ora desfavorável às questões indígenas, pois estando ligado ao IHGB, o historiador atentaria para os objetivos da instituição.

Assim, podemos situar Varnhagen em dois espaços com discursos distintos, sendo que no primeiro momento estava em uma sessão do IHGB, acompanhado dos demais membros consócios da instituição e, no segundo momento, em uma viagem pelo sul da província de São Paulo, e estes movimentos, seja nas sessões ou nas viagens, contribuíram para a ampliação das faculdades do historiador.

1.4.2. Expansão das faculdades...

O período que corresponde aos anos de 1841 à 1858, foi apresentado por Clado Lessa como o mais produtivo, por isso definido como *expansão*, mas ao mesmo tempo o momento pelo qual o historiador-diplomata sofreu a perda de seus progenitores. As suas viagens para Lisboa e Espanha foram recheadas de atividades e conquistas. Produziu artigos biográficos e de críticas, pesquisou em registros universitários, foi nomeado em Lisboa, adido da legação (diplomata), realizou cópias de documentos da Torre do Tombo que posteriormente foram enviados ao IHGB e *em começo de 1844 dava início à redação da História Geral*⁸².

Para compreendermos a maneira como Clado Lessa retratou este período da vida de Varnhagen, basta verificamos os discursos evidenciados pelo biógrafo. Um dos discursos é do crítico José Frederico Marecos, no *Diário do Governo*, posterior ao elogio preferido por Varnhagen ao sócio falecido Vice-Almirante Inácio da Costa Quintela: *que tão*

⁸¹ FERREIRA, Lúcio Menezes. Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 286-287, abr.-jun. 2006. Cf. FERREINRA, Lúcio M. *Vestígios de Civilização: A Arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

⁸² LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB, op. cit.*, p. 138.

*bom nome deixara no Brasil*⁸³. Assim José Frederico Marecos proferiu a réplica à Varnhagen:

O discurso do Sr. Varnhagen ofereceu tudo o que podia esperar-se de um grande talento ajudado de assídua aplicação em tão poucos anos. À nobreza dos pensamentos, a exatidão das observações, a ordem das idéias, a correção e a naturalidade do estilo do jovem orador fariam honra a mais exercitado e maduro engenheiro⁸⁴.

Clado Lessa novamente elogiava Varnhagen indiretamente, apresentando discursos de intelectuais que falaram pelo biógrafo, que exaltavam o biografado, sem que o biógrafo precisasse se colocar em evidência. Outro ponto evidenciado refere-se à descrição das atividades desenvolvidas por Varnhagen entre os meses de março a novembro de 1846, pois como registrou Clado Lessa,

O nosso compatriota esteve na Espanha, aonde foi enviado em missão especial do governo a fim de recolher documentos relativos aos limites do Império, mapas principalmente, que pudessem trazer esclarecimentos para a solução de pendências seculares⁸⁵.

A utilização da expressão *nosso compatriota*, remete as questões colocadas por Jean Orieux, em que o convívio entre Clado Lessa (biógrafo) e Varnhagen (biografado), transforma o segundo em um herói⁸⁶. O autor de *Vida e Obra de Varnhagen* apresentava eloqüentemente seu biografado, por meios das conquistas e dos prêmios e como o mesmo foi se fazendo historiador-viajante, tendo em vista as viagens, em 1847, para a realização de estudos na França, Alemanha, Bélgica, e enfim, o retorno ao Brasil em 1851, ano em que foi eleito 1º Secretário do IHGB – momento em que apresentou os esboços de sua *História geral do Brasil*⁸⁷.

⁸³ *Ibidem*, p. 133.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 133.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 143-144.

⁸⁶ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, George *et al.* *História e Nova História*, *op. cit.*, p. 45.

⁸⁷ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 146-148, 153-154.

O herói mítico de Clado Lessa, em 1854, imprimia a obra que o consagraria o historiador do Brasil e com as seguintes palavras o biógrafo descrevia este marco na vida intelectual de Varnhagen:

Em 1854, finalmente, Varnhagen imprimiu, mas não pode publicar no Brasil, para onde remeteu quase toda a edição, em vista de contratempos que mais tarde explicou, o tomo I da *História Geral do Brasil*. Era a primeira história global da nossa terra que aparecia, digna desse nome, escrita de acordo com a lição dos documentos originais e os bons cânones da heurística e da crítica. Além do mais assinava-a um escritor brasileiro já fartamente conhecido por seus meritórios trabalhos originais de pesquisa em vários campos da erudição. O público ilustrado, as maiores sumidades de ambos os continentes, acolheram-na com entusiasmo, consagrando definitivamente, como pai da história brasileira, esse estudioso no vigor da idade, que no frontespício de sua obra, intitulado-se Um sócio do Instituto histórico do Brasil natural de Sorocaba, prestava de início homenagem aos dois títulos de que mais se orgulhava⁸⁸.

Clado Lessa apresentou a obra de Varnhagen, como se fosse sua, alcunhou seu biografado como *o pai da história brasileira*, classificou seus trabalhos como *originais e meritórios*, além de saudar como *sumidades ilustradas* o público que recepcionou a obra. E, por fim, ressentiu-se com as alusões de que outro historiador faria o trabalho tão bem quanto Varnhagen, conforme constatamos a seguir,

O último o período constitui já, de certo modo, um amesquinhamento do valor do livro, a insinuação de que, nas magníficas circunstâncias em que Varnhagen se achava, poderia fazer melhor, a ele Timon com certeza realizaria esta obra se as condições de sua vida fossem tão propícias como as do autor da História geral. Apesar de tudo, sempre foi um grito de justa admiração arrancado à má vontade⁸⁹.

A obra admirada por Clado Lessa teve seu 2º volume publicado em 1857, antes de outro trabalho de Varnhagen, *Os índios perante a nacionalidade brasileira*. Nas palavras de Clado Lessa, seu biografado

⁸⁸ *Ibidem*, p. 170.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 174.

Nesse trabalho faz solene profissão de fé contrária à teoria do patriotismo caboclo, e, discutindo várias proposições atinentes ao tema, termina por concluir que << os Índios não eram donos do Brasil, nem lhes era aplicável, como selvagens, o nome de *Brasileiros*; não podiam civilizar-se sem a presença da força, da qual não se abusou tanto como se assoalha; e finalmente de modo algum podiam eles ser tomados para nossos guias no presente e no passado em sentimentos de patriotismo ou em representações de nacionalidade>>⁹⁰.

Este discurso sobre a temática indígena e o agenciamento desse sujeito histórico na operação historiográfica de Varnhagen tomara outra tonalidade em sua obra *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*, que analisaremos oportunamente.

Cabe perceber, nesta ocasião, a defesa e os predicados postos por Clado Lessa referentes às idéias disseminadas por Varnhagen neste seu trabalho, como vemos a seguir:

Estas conclusões, tão sensatas em si mesmas, e tão moderadas na forma por que foram expostas, provocaram, não obstante, tremenda campanha por parte dos defensores intransigentes dos índios, de que foi campeão o neo-convertido Tímon, e ainda hoje têm contestadores exaltados entre os admiradores incondicionais dos jesuítas (cuja obra e pensamento diretor, aliás, ignoram) e aqueles que fazem do *Humanismo* meio de vida e promoção. Era a chamada lusofilia e falta de espírito plástico e simpático de Varnhagen, como a definiu Capistrano de Abreu [...] ⁹¹.

Por um lado temos o *sensato* e *moderado* Varnhagen, e por outro os *intransigentes, defensores de índios, contestadores, exaltados e admiradores de jesuítas*. Prevaleceu os adjetivos positivos para o primeiro e os negativos para os demais, de um lado a *lucidez* intelectual e de outro as críticas de Capistrano de Abreu. Foi neste contexto, de acordo com Clado Lessa, *que o historiador brasileiro passou pelo grande desgosto de perder sua progenitora*⁹².

Em síntese, Clado Lessa compartilhava, ressentido, as *dores* de Varnhagen, a-fagando seu biografado, colocando-nos próximos a ele, no sentido que elucidou Jean Ori-

⁹⁰ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 177.

⁹¹ *Ibidem*, p. 177-178.

⁹² *Ibidem*, p. 178.

eux, pois, *se entre este e seu biógrafo tudo correr pelo melhor, poderemos vê-lo caminhar, bem vivo, entre leitores igualmente vivos, que o recebem, que, por vezes, o compreendem e chegam até a acarinhá-lo*⁹³. Temos assim, um Varnhagen que, mesmo diante da expansão sentimental, perdas pessoais, críticas intelectuais, permaneceu forte, como um *ferro*, que nem o calor daqueles momentos o amoleceria.

1.4.3. Missões na América... e os tempos derradeiros: notas para uma escrita da História das Lutas com os Holandeses no Brasil...

Após a impressão da *História geral do Brasil*, Varnhagen participou de missões e realizou atividades de diplomacia no território americano, no período de 1859 a 1868, experiências que possibilitaram a escrita da *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada a sua 1ª edição em 1871.

Ao descrever as missões varnhagenianas pelo continente americano, Clado Lessa não mediu palavras para narrar as viagens de Varnhagen, entremeadas de inúmeros e difíceis momentos, em especial no cenário da Guerra do Pacífico, entre Espanha e Chile e Peru, e ainda, no período de relações fronteiriças com o Paraguai, tendo em vista o conflito da Tríplice Aliança. De acordo com Clado Lessa as viagens de Varnhagen pelas Américas começaram,

Em 1859, depois de breve demora no Rio de Janeiro, e havendo recebido instruções acerca do modo como teria de haver-se com o governo de D. Carlos Antonio Lopez ao abrir as negociações relativas às questões dos limites pendentes com a república paraguaia, Varnhagen partiu para Montevideú, onde se demorou mais de um mês observando o momento político do país, e aguardando condução para a sede de sua nova missão, que exerceria na qualidade de ministro residente. Pouco se deteve nos domínios do 1º Lopez; menos de três meses durante os quais, além de dois casos irritantes que teve de resolver, conseguiu formar perfeita idéia do regime de opressão asiática e obscurantismo quase absoluto em que vivia o país. Abandonando o posto sem licença do seu governo e arriscando-

⁹³ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, George *et al.*. *História e Nova História*, *op. cit.*, p. 48.

se, por isso, a sofrer uma demissão, que o atingiria em meio de carreira tão bem começada e honrosamente conduzida, Varnhagen foi, depois de certa demora no Brasil (1859-61) transferido para igual posto junto aos governos da Venezuela, Colômbia e Equador. [...] ⁹⁴.

Clado Lessa pautava-se nas dificuldades enfrentadas por Varnhagen nesta fase de sua carreira, para enobrecê-lo, como *grande homem brasileiro*, como vemos abaixo,

O grande brasileiro aproveitou bem o tempo observando os homens e os costumes daqueles gaúchos e a principal conclusão que tirou das conversas que ouvira, foi a de que tanto Blancos como Colorados eram inimigos nossos e que quanto menos com esses países contratássemos interviéssemos, tanto melhor ⁹⁵.

Nas relações com o Paraguai, Clado Lessa salientou a posição política do historiador-sorocabano, demonstrando como era *eficiente* em suas atividades como diplomata nas missões em que fora designado e ainda, a postura de defensor da fronteira territorial brasileira, diante dos demais países. De acordo com o biógrafo,

Não se pode em absoluto dizer que o sorocabano alimentasse prevenções contra o Paraguai, ou fosse partidário de uma política de imperialismo, mediante a qual sua pátria avocasse a hegemonia no continente, com atitudes de soberania nas relações com os vizinhos mais fracos ⁹⁶.

Dessa forma, Clado Lessa idealizava seu Varnhagen, *diplomático, homem civilizado, brando*, conforme educação européia, contrário as *crueldades* e à *selvagerias*, avesso aos agentes ditatoriais do lado paraguaio, conforme verificamos nas palavras do biógrafo,

Era, porem, antes de tudo, brasileiro, bom funcionário e homem de brio: não possuía a passividade dos guaranis e não podia suportar sem reação ultrajes à honra e aos legítimos interesses da nação que representava, e sabia defender com galhardia, não obstante jamais

⁹⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, *op. cit.*, p. 261.

⁹⁵ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB, op. cit.*, p. 183.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 191.

abandonar os termos da mais apurada cortesia ao redigir suas notas diplomáticas. Por outro lado, os quotidianos atos de crueldade e selvajaria que observava, praticados pelos agentes do ditador contra seus indefesos e inocentes súditos, deveriam encher de horror seu espírito de homem civilizado, e educado dentro do ambiente da cultura europeia e da brandura de costumes do meio europeu, menos requintado talvez, que os do Velho Mundo, mas que recebera de sua formação portuguesa o culto instintivo da ordem jurídica e da escala de valores morais inerentes às sociedades⁹⁷.

Podemos concluir que devido a tantas atribuições, o perfil historiador-pesquisador ficaria relegado, enquanto o diplomático seria ativo, porém Clado Lessa nos remetia a outros dados para reiterar as demais atividades desenvolvidas pelo seu biografado.

Em 1860 visitou a biblioteca e o arquivo particular da família Veiga, e lá recolheu muitas centenas de panfletos brasileiros, produtos da nossa incipiente arte tipográfica, concernentes a pessoas e episódios da era joanina e dos primeiros tempos do Brasil emancipado, contribuição de inestimável valor para a História da Independência que estava escrevendo; [...] ⁹⁸.

E continuou afirmando que, *muito palaciano, áulico, como naqueles tempos se chamavam as pessoas de temperamento semelhante ao seu, mantinha Varnhagen intensa correspondência com o imperador, que muito o apreciava [...] ⁹⁹.*

O retrato que temos é de um *incansável* Varnhagen que, em meio às obrigações diplomáticas, não perdia a oportunidade de pesquisar, seja em bibliotecas ou arquivos, desenvolvendo seus escritos literários, historiográficos e se correspondendo com seus consócios e a Dom Pedro II. Como podemos verificar, neste período, ainda,

[...] Durante essa quadra de sua carreira esteve também no Peru (1862) e em Cuba, percorrendo de passagem o Equador, algumas das Antilhas e parte dos Estados Unidos. Transferido para a representação do Império junto às repúblicas do Chile, do Peru e do Equador (então desanexado da missão Colômbia-Venezuela, e transferido para a outra), em Abril de 1864, pouco depois de apre-

⁹⁷ *Ibidem*, p. 191-192.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 193.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 197.

sentar credenciais em Santiago, desposou o historiador-diplomata a d. Carmem Ovalle y Vicuña, de aristocrática família chilena, e partiu para Lima, onde o chamavam negócios urgentes a resolver, oriundos de complicações de fronteira no vale do Amazonas, ligadas a questões aduaneiras e policiais. [...] Em 1865 no Peru, onde lhe nasceu o primeiro filho, Xavier, teve Varnhagen ocasião de expor, em correspondência com o célebre Venezuelano D. Andrés Bello, suas convicções francamente favoráveis aos direitos de extraterritorialidade (então ainda muito discutidos) das sedes de representação diplomática, e também de protestar solenemente (1867) contra alusões ofensivas e caluniosas ao Brasil e seus aliados, a Argentina e o Uruguai, na guerra movida contra o governo de Francisco Solano Lopez, contidas no discurso pronunciado pelo presidente general Prado na sessão de abertura do congresso constituinte. Não havendo obtido as satisfações pedidas, Varnhagen solicitou os passaportes, dando como rotas as relações diplomáticas entre o Império e a república peruana, e retirou-se incontinentemente para o Equador, onde a breve prazo se lhe foi reunir a família. Na viagem de regresso á pátria passou pelos Estados Unidos, onde visitou as cataratas do Niágara, e percorreu as capitais das províncias do Norte do Brasil. [...] ¹⁰⁰.

Como supracitado Varnhagen voltou-se para o interior do Brasil, mais precisamente para as terras de Pernambuco, com idéias para novo empreendimento historiográfico, realçando que mesmo como diplomata não deixava de lado seu perfil de pesquisador. Segundo Clado Lessa,

Varnhagen empregou o tempo de sua demora em Pernambuco em percorrer várias outras localidades, que foram teatros de importantes encontros dos nossos com os holandeses, além do da batalha das Tabocas e do de ambos os Guararapes, assinalado pela capela erguida pela devoção de Francisco Barreto ¹⁰¹.

No prefácio à *Historia das Lutas com os Holandeses no Brazil Desde 1624 a 1654*, Varnhagen reafirmou seus anseios pronunciando que,

Se algum dia a sorte nos guiar os passos às províncias de Pernambuco e Alagoas, de modo que as possamos por algum tempo percor-

¹⁰⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, *op. cit.*, p. 261-163.

¹⁰¹ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 200.

rer em todos os sentidos, e ver por nossos próprios olhos o theatro d'esta prolongada guerra (dos holandeses), e estudar os antigos campos de batalha e compulsar os archivos ou escriptorios públicos e particulares das duas províncias, talvez que empreendamos tratar o assumpto com mais extensão em uma história especial¹⁰².

Influenciado pelas experiências diplomáticas pela região do Prata, em especial seu envolvimento como representante do Império brasileiro no conflito ligando Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, conforme explica Renilson Rosa Ribeiro,

[...] Varnhagen retomaria o tema da expulsão dos holandeses, como uma forma de campanha de motivação dos brasileiros nos campos de batalha, com a composição da sua *Historia das lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*. Ao buscar um exemplo de grande vitória do passado, ele procurava fortalecer o ânimo dos compatriotas diante dos reveses nos campos de batalha¹⁰³.

A obra-propaganda *Historia das lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*, foi publicada, em sua 1ª edição no ano de 1871, em Viena- Áustria. Segundo Clado Lessa, a demora de Varnhagen *na capital do Império e em Petrópolis, onde passou o verão, não foi de descanso, embora muito merecesse depois dos trabalhos e aborrecimentos por que passara em suas missões diplomáticas*¹⁰⁴. Sendo que para a concretização desta obra Varnhagen *consultou muitos documentos inéditos relativos á estada dos holandeses no Brasil, constantes dos seis grossos volumes de cópias mandadas fazer nos Países-Baixos pelo Ministro Joaquim Caetano da Silva, ultimando a redação da História das Lutas, [...]*¹⁰⁵.

Foi neste período, no Brasil, que a esposa de Varnhagen deu a luz a mais uma filha, Maria Tereza, que com três anos de idade veio a falecer na cidade de Viena, no ano de 1870.

¹⁰² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brazil Desde 1624 a 1654*, *op. cit.*, p. V – Prefácio.

¹⁰³ RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 194.

¹⁰⁴ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 233.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 233.

A fase da vida de Varnhagen entre os anos de 1870 e 1871, em Viena, é descrita por Clado Lessa como *prazerosa*, época e lugar em que o seu autor *foi promovido a Plenipotenciário, atingindo o mais alto posto da hierarquia diplomática do Brasil no seu tempo* (...) ¹⁰⁶ e de *desgostosa*, pela perda da filha entre outros, problemas financeiros.

Sete anos mais tarde, em 29 de junho de 1878, na capital austríaca veio a falecer aquele que como um bandeirante do século XIX, percorreu arquivos, bibliotecas e cartórios dentro e fora dos limites do Império para fazer a memória da nação recém-independente e que por sua atividade obstinada de busca de documentos, o historiador Capistrano de Abreu o descreveria como um *Destemido bandeirante em busca da mina de ouro da verdade*: por ser um historiador-viajante, ou pela sua identidade como filho de São Paulo, ou por vislumbrar na sua obra os vestígios de uma narrativa eminentemente paulista da História do Brasil ¹⁰⁷.

Clado Lessa findou assim seu texto biográfico trazendo a baila um daqueles que seria considerado dos maiores críticos de Varnhagen e suas obras, Capistrano de Abreu que

Consagrou ao pai da historiografia brasileira dois artigos no *Jornal do Comércio* de 16 e 20 de dezembro de 1878, e três outros, de apreciação crítica de sua obra, em 1882, por ocasião de ser erigido o monumento do Ipanema, na *Gazeta de Notícias* de 21, 22, 23 de novembro ¹⁰⁸.

Para compreender as imagens e valores erigidos por Clado Lessa em torno de Varnhagen foi preciso decifrar a chave que sustentava tal construção biográfica, que consagrava seu biografado como um indivíduo digno de ser lembrado no presente e no futuro.

O conjunto de dados, elementos, coligidos por Clado Lessa, evidencia aspectos da vida pública e privada de Varnhagen, que são considerados significativos para a composição do retrato que quer nos apresentar. A leitura do texto biográfico permite notar a conservação de certas imagens em detrimento de outras, consolidando a imagem de um homem que mesmo diante das peripécias da vida particular, dos desgostos pelas percas de seus en-

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 244.

¹⁰⁷ ABREU, João Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaio e Estudos* (Crítica e História), 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 82-83.

¹⁰⁸ LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (vol. 223). *RIHGB*, *op. cit.*, p. 293.

tes, descontentamentos com a função pública, realizou *grandes feitos*, literários, intelectuais, científicos, em nome da nação brasileira.

CAPÍTULO 2

EPISÓDIO DA INVASÃO HOLANDESA E O MITO FUNDADOR DO BRASIL: narrativismo, experiências de tempo e sujeitos históricos biografados

“Se algum dia a sorte nos guiar os passos às províncias de Pernambuco e Alagoas, de modo que as possamos por algum tempo percorrer em todos os sentidos, e ver por nossos próprios olhos o theatro desta prolongada guerra (dos holandeses), e estudar os antigos campos de batalha e compulsar os archivos ou escriptorios públicos e particulares das duas províncias, talvez que emprehendamos tratar o assumpto com mais extensão em uma história especial.”

[VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia da Lutas com os Holandeses no Brazil Desde 1624 a 1654*. Lisboa: Tipografia de Castro Irmãos, 1872, p. V – Prefácio].

“Só sendo justa com o passado pode em realidade a história vir a ser mestra da vida, servindo a todos, no presente, de estímulo ou de ameaça, e para o futuro, de guia e de farol.”

[VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia da Lutas com os Holandeses no Brazil Desde 1624 a 1654*. Lisboa: Tipografia de Castro Irmãos, 1872, p. V – Prefácio].

Introdução

Neste capítulo nos voltamos para o projeto historiográfico de Francisco Adolfo de Varnhagen, especificamente a sua narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses. Neste sentido, analisaremos a narrativa varnhageniana, a sua inserção dentro de uma cronologia (tempo da nação); a construção de um panteão nacional (dos seus heróis), ou seja, a importância da narrativa como edificadora moral e cívica, pelos exemplos de bravura, abnegação e amor à futura nação, por meio da apropriação do fato da invasão e expulsão dos holandeses do Brasil como mito fundador do Brasil-nação (o nascimento do sentimento de pertencimento ao território).

O intuito é pensar o uso da narrativa como fonte, construção, da unidade territorial da Colônia – planta da futura nação, e ainda, como propaganda e defesa de um projeto de Estado-nação (exaltação da monarquia da casa dos Bragança). Refletiremos como que por meio de uma luta/conquista do passado colonial (expulsão dos holandeses) justifica-se o destino manifesto do Império brasileiro no presente (a derrota do republicano e tirano Paraguai no conflito do Prata).

A análise aqui desenvolvida parte de questionamentos alimentados por discussões sobre as práticas de pesquisa e de escrita da história, na esteira do que o historiador Arno Wehling denomina de

“laboratório”, sem nenhum trato fisicalista, por se tratar da possibilidade de aplicação das categorias epistemológicas e dos procedimentos epistemológicos a determinado tipo de fontes – as obras historiográficas - com caráter de exercício intelectual, que contribua para o refinamento teórico do campo¹⁰⁹.

Nossa proposta de estudo está arraigada nas pesquisas sobre história da historiografia brasileira definida, nos círculos de estudos, como a reflexão sobre regras e modelos que norteiam as práticas da pesquisa e da escrita da história. Como o historiador Manoel Luiz Salgado Guimarães afirmou,

A historiografia como campo de estudos entre nós só recentemente tem se afirmado, prisioneira de algumas tradições que a consideravam um ramo menos significativo e importante da pesquisa histórica. Em muitos casos, até uma área mais afeita as interrogações dos filósofos da história do que propriamente dos historiadores de ofício. (...) ¹¹⁰.

Levando em consideração as questões colocadas, seja pelos filósofos da história, seja pelos historiadores de ofícios, entre outros estudiosos, ao nos debruçarmos sobre a narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses no Brasil colonial (século XVI-

¹⁰⁹ WEHLING, Arno. Historiografia e epistemologia histórica. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 175.

¹¹⁰ Citado por FICO, Carlos. Apresentação. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 7.

I), elaborada pelo historiador-diplomata paulista Varnhagen (1816-1878), na obra *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654* (publicada em 1871, com segunda edição em 1872), nossa intenção é, em síntese, destacar e compreender a noção de escrita da história, temporalidade e sujeitos históricos na obra varnhageniana.

2.1. Narrando fatos e experiências do e no tempo

A narrativa do episódio da invasão holandesa¹¹¹ é composta por um prefácio (páginas V à XXXI), em que Varnhagen elenca os motivos pelos quais fora levado a escrever a *História da Lutas*, descrevendo o momento histórico, em que está vivendo; as fontes e estudiosos, com os quais dialoga; expõe a que corrente historiográfica está ligado, entre outros aspectos formais. A historiadora Laura Nogueira Oliveira, ao refletir sobre a questão do estilo nos textos prefaciais, observou que

Em seus prefácios, Varnhagen apresentava-se como o tribuno a pronunciar a verdade. Ele desejava que seus leitores tivessem essa convicção: o historiador apresentava seus veredictos com a mais pura imparcialidade, a partir do que havia encontrado na documentação¹¹².

A edição aqui analisada está datada de 1872, de Lisboa/Portugal. Além do prefácio, a obra conta ainda com um posfácio e dez capítulos, denominados de livros, como podemos ver a seguir: *Livro Primeiro – Primeiras hostilidades, especialmente contra a Bahia*, (páginas 3 à 43); *Livro Segundo – Desde Olinda até a deserção do Calabar*, (páginas 45 à 81); *Livro Terceiro – Desde a deserção do Calabar à perda da Paraíba*, (páginas 83 à 119); *Livro Quarto – Desde a perda da Paraíba até à nomeação de Nassau*, (páginas 121 à 161); *Livro Quinto – Desde a nomeação de Nassau até a aclamação de d. João IV*, (páginas 163 à 191), *Livro Sexto – Desde o sítio da Bahia até a aclamação de D. João IV*,

¹¹¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, *op. cit.*.

¹¹² OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*, *op. cit.*, p. 110.

(páginas 193 à 221); *Livro Sétimo – Da aclamação de D. João IV à restauração do Maranhão e retirada de Nassau*, (páginas 223 à 256); *Livro Oitavo – Novos esforços para restaurar Pernambuco e seus Resultados*, (páginas 257 à 308), *Livro Nono – Sítio do Recife, Primeira acção dos Guararapes. Resultados. Angola*, (páginas 309 à 345); *Livro Décimo e Último – Da morte do Camarão ao fim da guerra e paz definitiva*, (páginas 347 à 401); por fim, as *Notas*, (páginas I à XIII); e ainda, o *Índice*.

Varnhagen dedicou ampla atenção ao tema das lutas com os holandeses, que já havia provocado livros de seus contemporâneos portugueses e holandeses. Nesta obra, Varnhagen dominou *o estudo no trato de aspectos administrativos e militares, sem maior empenho pelos econômicos e sociais – como de hábito, por entendimento limitado -, que dariam mais consistência e sedução ao escrito*¹¹³.

Em prefácio da 2ª edição da obra, publicada em 1872, Varnhagen relatou a dívida que havia contraído com o seu público: a produção de uma história das lutas contra os holandeses. Segundo o historiador,

Se bem que havíamos curiosamente estudado os arredores do Recife até Itamaracá e Igarassú, de um lado, e até a Guararapes e o Monte das Tabocas, de outro, e que tínhamos visitado as capitais das províncias do Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Alagoas e Bahia e suas imediações, não pensávamos em começar a redigir o livro projetado, sem examinar antes todos os postos e percorrer todos os caminhos, onde, por seus patrióticos feitos, se immortalizaram os quatro heróis do Brasil colonial: Vidal, Barbalho, Camarão e Dias¹¹⁴.

A partir da análise textual de seu prefácio, podemos afirmar que Varnhagen tinha dois objetivos primordiais, o que ressalta sua escrita pragmática: um objetivo científico, colaborando para o conhecimento histórico sobre uma época considerada decisiva para a história do Brasil e continuidade do domínio português, e outro objetivo, o de memória social.

¹¹³ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*, op. cit., p. 89.

¹¹⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, op. cit., p. VI.

Achavamo-nos, por motivos de serviço público, no Rio de Janeiro, e acidentalmente em Petrópolis, e ainda estava por decidir a titânica luta que o Brasil sustentou no Paraguai, e nem se quer as armas aliadas haviam vencido o Humaitá e eramos testemunhas dos desfalecimento de alguns, quando, como assentimento de vários amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçoar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois anos, o avivar-lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma forma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o próprio Brasil, ainda tão insignificante colônia, havia lutado, durante vinte e quatro anos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações n'aquelle tempo mais guerreiras da Europa¹¹⁵.

A *História das Lutas com os Holandeses* destacou-se como contribuição à historiografia referente ao tema, contemplando os objetivos científicos da obra: pelas fontes consultadas, apresentação dos fatos e o estilo de narrar em Varnhagen. Com relação à memória social, basta observarmos os motivos que levaram Varnhagen a produção da obra, com vistas à formação da identidade nacional, a união de grupos, sujeitos históricos, ponto sobre o qual oportunamente discorreremos.

Varnhagen assim dedicou-se a produção da referida narrativa, estimulado pelo momento em que se encontrava e pelas experiências que pertenciam ao passado, mas que se concretizavam pela memória, vestígios, permanências e fontes históricas¹¹⁶. Ele voltava ao passado com os pés no seu tempo presente:

No contexto dos conflitos do Prata (1864-1870), Varnhagen retomaria o tema da expulsão dos holandeses, como uma forma de campanha de motivação dos brasileiros nos campos de batalha, com a composição da sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil desde 1624 a 1654*. Ao buscar um exemplo de grande vitória do passado, ele procurava fortalecer o ânimo dos compatriotas diante dos reveses nos campos de batalha¹¹⁷.

¹¹⁵ *Idem*, p. VI.

¹¹⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305-327.

¹¹⁷ RIBEIRO, Renilson Rosa. “*Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade*”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 194.

Lançando-se ao passado, ao averiguar a verdade dos fatos, Varnhagen procurou satisfazer-se, recapitulou, foi de encontro a vestígios, livros e folhetos, contemporâneos e recentes, em diferentes arquivos e bibliotecas do Brasil, de Portugal, da Espanha e dos Países Baixos. Varnhagen recorreu a livros e relatos das testemunhas presenciais e escritores contemporâneos, e especialmente às correspondências oficiais, a maior parte inédita, que, segundo ele, serviram para corrigir os erros em que caíram os próprios autores que no teatro da guerra presenciaram os fatos, ou escreveram imediatamente, na posse de outros documentos, ou consultando as testemunhas de vista¹¹⁸.

Seguiu como método e fio de exposição a ordem cronológica, tendo em vista que se propôs a escrever uma história e não memórias, atendendo principalmente ao nexo dos fatos, evitando o seguimento de narração com saltos, ou seja, lacunas¹¹⁹.

Por certo, Reinhart Koselleck a respeito dos tempos históricos, afirmou que

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir de vestígios. No primeiro caso, os conceitos tradicionais da linguagem das fontes servem-lhe de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo, o historiador serve-se de conceitos formados e definidos posteriormente, isto é, de categorias científicas que são empregadas sem que sua existência nas fontes possa ser provada¹²⁰.

Dentre as obras consultadas e confrontadas por Varnhagen, destaca-se *As Memórias Diárias, de Duarte de Duarte d'Albuquerque*; a *História dos oito anos de governo Nassau*, escrita pelo holandês Gaspar Van Baerle, conhecido como Barlaeus; o texto *Valo-*

¹¹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, op. cit., p. IX.

¹¹⁹ *Idem*, p. VI-XXVII.

¹²⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, op. cit., p. 305.

roso Lucideno, do Padre Mestre Fr. Manoel Calado; a obra *Historie desder niére stroubles Du Brésil entre lês Hollandais et lês Portugais*, de Pierre Moreaue a obra de João Nieuhoff, intitulada *Gedenkweerdige Brasiliaense Zee – em Lant-Reize*¹²¹.

O então visconde de Porto Seguro se ocupou de tais obras e autores na ordem cronológica dos assuntos pelos quais se dedicaram e pelos quais foram escolhidos. Além das obras referidas, o historiador-diplomata se ateve a outro autor, o monge beneditino Frei Rafael de Jesus, que publicou em 1679 a obra intitulada *Castrioto*, e sobre o qual Varnhagen fez ponderações que nos auxiliam na compreensão de seu modo de escrever e conceber a história, conforme vemos a seguir:

Fr. Rafael compraz-se em fazer gala de muita retórica, pondo, na boca dos cabos de guerra, arengas e discursos por ele compostos, sistema que, em nosso fraco entender, ainda quando bem desempenhado, desvirtua a índole da História, embora tenha ele a seu favor a veneranda autoridade dos escritores gregos e latinos, que tomaram a Xenofonte e a Tucídides por modelos, sem se lembrarem que os discursos que estes últimos transcrevem e, principalmente, Xenofonte os seus próprios, bem poderiam haver sido pronunciado tais quais; como hoje deveria transcrever unicamente discursos verdadeiros que escrevesse a história de um congresso ou parlamento. Compô-los, porém, é faltar sem consciência à verdade e escrever um romance histórico em vez de História formal¹²².

Como vimos, Varnhagen era obstinado pela verdade histórica, considerando que o romance histórico não correspondia ao esperado, à índole da História, como a História formal o fazia. Linda Hutcheon apresentou algumas considerações a respeito desta problemática, partindo das afirmações de Umberto Eco, segundo o qual haveria três maneiras de narrar o passado: a fábula, a estória heróica e os romances históricos, que “*não só identificam no passado causas para o que veio depois, mas também investigam o processo pela qual, lentamente, essas causas começaram a produzir efeitos*”¹²³.

¹²¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*, op. cit., p. IX-XXVI.

¹²² *Ibidem*, p. XVII.

¹²³ HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: teoria, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 150.

Hutcheon acrescentava outra maneira de narrar o passado, denominando-a de metaficção historiográfica, que não reconhecia o paradoxo da *realidade* do passado, mas sua *acessibilidade textualizada* para nós atualmente¹²⁴. A metaficção historiográfica levanta questões referentes ao discurso histórico e sua relação com o literário,

(...) questões como a forma da narrativa, da intertextualidade, das estratégias de representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico, e em geral, das conseqüências epistemológicas e ontológicas do ato de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura – como uma certeza¹²⁵.

Apreciando as contribuições de Hutcheon, podemos examinar e questionar o *modus operandi* da escrita da história e a concepção de verdade histórica em Varnhagen, tendo em vista as referências adotadas por ele para a decifração do real¹²⁶ na elaboração da narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses, interrogando, por exemplo: *qual é a natureza ontológica dos documentos históricos? Será que eles substituem o passado? O que se quer dizer em – em termos – ideológico – quando se fala em nossa compreensão “natural” sobre a explicação histórica?*¹²⁷. Uma escrita e concepção de história varnhageniana, que mesmo debatendo a maneira como Frei Rafael de Jesus compôs sua obra, - qualificando-a como algo que desvirtuaria a índole da História, um romance histórico, que faltava com a verdade - a utilizou como fonte, documento histórico.

Ao lançar mão dos aparatos da metaficção historiográfica, como maneira de narrar o passado, podemos concluir que a atitude de Varnhagen e suas referências para a representação, decifração e ou estabelecimento do real são coerentes. Varnhagen analisava as suas fontes, as criticava e retirava para si aquilo o que considerava útil à sua operação historiográfica.

Conforme afirma Hutcheon,

¹²⁴ *Idem*, p. 152-153.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 14.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 183.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 126-127.

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade¹²⁸.

Para compreender ainda mais as atitudes do historiador-diplomata, o que não podemos deixar se perder aos nossos olhos é o cenário historiográfico em que Varnhagen está inserido e com o qual congrega, um historiador na fronteira entre a história, a memória e a narrativa, com a tarefa de pensar o Brasil, em um ambiente com uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista¹²⁹. Conforme descreveu Varnhagen para a elaboração de sua *História das Lutas*

No methodo e fio de exposição seguimos, como era natural, a ordem chronologica, mas não com excessivo servilismo, visto que nos propúnhamos a escrever uma história e não memórias diárias, nem annaes. Atendemos, pois principalmente, ao nexo natural dos factos, tratando de evitar no seguimento da narração saltos escabrosos¹³⁰.

Arno Wehling considera Varnhagen *um historiador profissional, convicto da inadequação das generalizações filosóficas e da importância da pesquisa documental para um trabalho consistente*¹³¹. A escola histórica a qual o historiador-diplomata julgou pertencer *é estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo comover muito, chega a afastar-se da própria verdade*¹³². Para Varnhagen, *só sendo justa com o passado pode em realidade a historia vir a ser mestra da vida, servindo a todos, no presente, de estímulo ou*

¹²⁸ *Ibidem*, p. 128.

¹²⁹ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 01, 1988, p. 6.

¹³⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*, *op. cit.*, p. XXVI.

¹³¹ WEHLING, Arno. *Estado, História e Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, *op. cit.*, p. 45.

¹³² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*, *op. cit.*, p. XXX.

de ameaça, e, para o futuro, de guia e de farol¹³³, o que nas palavras de Reinhart Koselleck é conceituado como *historia magistra vitae*¹³⁴.

Em *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos, Reinhart Koselleck apresentou suas perspectivas com relação às três temporalidades: passado, presente e futuro, destacando a tensão que se estabeleceria entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas. Para ele, experiência e expectativa seriam ditas como duas categorias históricas, que “*entrelaçam passado e futuro*”¹³⁵. Por intermédio dessas categorias, cada uma das temporalidades poderia imaginariamente sofrer alterações, contrações ou expansões de acordo com cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como eram pensadas e sentidas as relações entre elas.

De acordo Valdei Lopes de Araújo, em seu trabalho de sistematização dos argumentos koselleckianos, destacou-se duas formas de utilização da expressão *historia magistra vitae*,

De um lado há uma definição estrita, *historia magistra vitae* como aquela que ensina pelo exemplo e a imitação, o que exigiria a vigência de uma parte significativa das condições estruturais que reuni na tipologia apresentada acima. De outro lado, uma definição lata, em que *historia magistra vitae* é toda aquela que reivindica ensinar e moralizar mesmo que não necessariamente pelo exemplo e possibilidade de repetição¹³⁶.

Varnhagen agenciou a experiência (o episódio da luta com os holandeses), fatos do passado - Brasil Colônia – tendo em vista as expectativas do seu presente, contexto da Guerra do Paraguai - Brasil Império - com vistas ao futuro, destino manifesto no horizonte do Brasil, com uma identidade cultural unificada, referindo-se aqui, ao encontro e união

¹³³ *Ibidem*, p. XXVI.

¹³⁴ Refiro-me ao uso da expressão estar associado ao que Cícero a tarefa à historiografia. [A história é testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador]. Cícero atribui à história a característica de coleção de exemplos – [a história é cheia de exemplos]. Cf. KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos, *op. cit.*, p. 43.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 308.

¹³⁶ ARAÚJO, Valdei Lopes. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: ARAÚJO, Valdei Lopes de; MOLLO, Helena Miranda; NICOLAZZI, Fernando (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011, p. 137.

pelo sentimento comum de identidade nacional, dos grandes homens, que compuseram o panteão nacional de heróis, sujeitos históricos biografados, ou nos dizeres de Arno Wehling, *atores sociais privilegiados*¹³⁷, que se mobilizam por meio de uma *dinâmica social*¹³⁸.

Essa diligência não é visivelmente descrita por Varnhagen, porém no decorrer da obra, por meio dos dispositivos documentais, do material selecionado para a construção da trama e os juízos proferidos, pelo autor, é possível identificá-la. Segundo Arno Wehling,

Atores sociais, dinâmica social e formação nacional são, portanto, as chaves de sua interpretação da História do Brasil. Todos estes elementos, por sua vez, permeados pelos supostos historistas e estatistas, foram construídos, quase sempre com impecáveis procedimentos hermenêuticos, para o fim justificar, apoiar e consolidar o projeto nacional¹³⁹.

Os elementos elencados por Arno Wehling como chaves interpretativas da *História geral do Brasil* corresponderiam a alguns presentes na *História das Lutas*, evidenciando os pressupostos historistas e elitistas presentes na obra, como veremos a seguir nas palavras do próprio Varnhagen na apresentação da de sua obra:

O amor a verdade nos obrigará mais de uma vez a combater certas crenças ou illusões, que já nos havíamos acostumado a respeitar. Aos que lamentem o ver dissipadas algumas d'essas illusões de apregoados heroísmos, rogamos que creiam que os haveremos precedido n'essas jeremiadas; e pedimos se resignem ante na verdade dos factos, com tanta maior razão quando essa verdade, n'este mesmo livro, lhes proporcionará, em vez d'essas illusorias glorias, outras mais incontestáveis.; sendo que não pequeno numero de pontos, em que havia duvidas, conseguimos deixar esclareccidos; não por nossos fracos talentos, mas pelos argumentos incontestáveis que resultam das provas que, mediante aturado estudo, conseguimos reunir¹⁴⁰.

¹³⁷ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, *op. cit.*, p. 158.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 177.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 194.

¹⁴⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Hollandeses no Brazil desde 1624 a 1654*, *op. cit.*, p. XXVII.

Com base nestes elementos acima descritos, Varnhagen lançou-se ao agenciamento dos atores sociais (sujeitos históricos), da dinâmica social (fatos), tendo como meta a consolidação do projeto nacional – a formação da identidade nacional brasileira. Varnhagen apresentou por quais caminhos desenvolveu seu trabalho - mais do que elencar os fatos, preocupou-se em demonstrar a maneira como agencia os documentos, as fontes, os fatos, os sujeitos históricos, com base em preceitos de *patriotismo* e *fé*, por ser um historiador brasileiro, e *justiça*, por levar em consideração o que os *inimigos* holandeses produziram sobre a mesma temática das *Lutas*¹⁴¹.

Maria da Glória de Oliveira investigou as relações entre a escrita de biografias dos denominados atores sociais e a operação historiográfica dos sócios (*construtores e herdeiros da nação Brasil*¹⁴²) do IHGB, ao longo do século XIX, ressaltando que,

A convicção de que a exemplaridade dos grandes homens funcionava como elo de ligação entre o passado, o presente e o futuro, continuou a ser amplamente reiterada pelos sócios do IHGB, muitos decênios após a sua fundação. Combinada ao uso da célebre fórmula *historia magistra vitae*, ela sinalizava a vigência de um regime historiográfico fundado no pressuposto de uma ordem do tempo contínua e homogênea. Entendidas como coleções de exemplos, as histórias do passado serviriam como ensinamentos perenes, por meio de uma apropriação educativa que as atualizaria no presente¹⁴³.

A expressão *historia magistra vitae* estaria relacionada, desta maneira, aos sujeitos históricos, por estar associada a exemplos, a experiências do passado, positivas ou não, que identificamos ao longo da narrativa.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. XXVIII.

¹⁴² Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da união política. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n. 01, p. 08-26, mai. 2005.

¹⁴³ OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ANPUH RJ, 2007, p. 34.

2.2. Sujeitos históricos biografados

Em *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Viana*, Nilo Odália observou que na obra de Varnhagen os capítulos sobre as guerras holandesas adquiriram importância, uma vez que foi neste fato que os coloniais revelariam de maneira incontestável, segundo o raciocínio do historiador-diplomata, uma consciência nacional, sentimento de nacionalidade e a certeza de que já poderiam superar o complexo de inferioridade entre os reinos. O autor advertiu, ainda, que Varnhagen, destacava das guerras de reconquista os elementos que permitiriam uma maior coesão interna da futura nação, isto é, *elas são uma afirmação e uma garantia da unidade territorial, que se sustenta no papel desempenhado nas lutas pelas três etnias*¹⁴⁴.

Para Arno Wehling,

Mais do que o primeiro século colonial, a guerra holandesa foi para Varnhagen o momento privilegiado da construção do panteão nacional, com a vantagem adicional de poderem ser incorporado os representantes negros e indígenas, como Henrique Dias e Felipe Camarão, uma vez que se identificavam com os valores e os objetivos dos portugueses¹⁴⁵.

Em *O Espelho de Heródoto*, François Hartog afirma ser *bem claro que o que qualifica o herói, o que lhe vale uma morte à parte e a glória de ser narrado não é, nem de início, nem somente, seu estatuto ou sua função, mas “a série de façanhas que faz dele o que é”*: seu *curriculum vitae*¹⁴⁶.

Nas palavras de Maria da Glória de Oliveira,

A tarefa da história consistia em fixar a memória das vidas e feitos dos grandes homens. Tal convicção explicitou-se recorrentemente como argumento decisivo para a incorporação da escrita de biogra-

¹⁴⁴ ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, p. 56.

¹⁴⁵ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, *op. cit.*, p. 184.

¹⁴⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999, p. 18.

fias ao programado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX¹⁴⁷.

Em *Tempos da pesquisa, tempos da escrita*, Evandro dos Santos, durante suas pesquisas sobre os textos editados na seção de biografias da *Revista do IHGB*, percebeu a figura de Varnhagen em meio a uma série de notícias biográficas, isto é, além de biografado era também um biógrafo¹⁴⁸.

Varnhagen fez uso das biografias para a composição de sua obra principal, *História geral do Brasil* (1854/1857), na qual já atestava a relevância que o autor atribuía ao domínio holandês, tendo em vista a dedicação de metade do segundo volume e parte do terceiro contemplando o tema. As utilizações de biografias se atenuaram na *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, considerando os sujeitos históricos que eram essenciais na elaboração do enredo narrativo e elemento constituinte no discurso historiográfico varnhageniano.

Varnhagen, como biógrafo, elaborava as suas narrativas, apresentando cada um dos heróis de sua trama, narrando seus feitos/façanhas, em prol da dita nação brasileira e as incorpora em *História das Lutas*, mas este outro narrado é o outro (negro, índio e branco) de Varnhagen, o seu espelho ou o que ele vê e quer narrar, a partir do seu referencial e dos objetivos almejados.

Para Rebeca Gontijo, os sujeitos, nessas biografias, eram vistos *como símbolo de um grupo ou nacionalidade, uma vez que suas ações e/ou suas obras são lidas como portadoras de valores e ideias consideradas dignos de serem compartilhados e celebrados em dado momento*.¹⁴⁹ Nestes pontos do trabalho de Varnhagen, que a *historia magistra vitae* processava-se, sobretudo, pela função de corroborar os exemplos de heroísmo ou anti-heroísmo ao longo das experiências do tempo. O historiador- diplomata, ao desenvolver sua narrativa, construiu a história da nação, recriando o passado, solidificando os mitos de fun-

¹⁴⁷ OLIVEIRA, Maria da Glória. *Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista*. *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 26, n. 43, jun. 2010, p. 02.

¹⁴⁸ Cf. SANTOS, Evandro. *Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)*. *op. cit.*

¹⁴⁹ GONTIJO, Rebeca. O intelectual como símbolo da brasileira: o caso Capistrano de Abreu. In: ABREU, Martha *et.al.* (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 311.

dação, por meio da ordenação dos fatos, homogeneizando os personagens e os eventos, que se achavam dispersos¹⁵⁰.

Varnhagen, em sua *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*, publicada em 1871, com segunda edição publicada em 1872, foi fazendo referências elogiosas aos sujeitos históricos, André Vidal¹⁵¹ o famoso herói, patriota; Luís Barbalho¹⁵² o intrépido e valente, ativo e destemido, Xenofonte pernambucano; Dom Frei Antônio Felipe Camarão¹⁵³, o ilustre herói índio, e Henrique Dias¹⁵⁴, o bravo e valente, que para o visconde de Porto Seguro constituíram o panteão de heróis nacionais no Brasil colonial. Enquanto que para Varnhagen estaria aí o panteão de heróis nacionais, para Evaldo Cabral de Melo esses quatro heróis compuseram o panteão restaurador pernambucano.

O autor de *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*, nos apresenta as vinculações entre a ocupação holandesa e o nativismo na província de Pernambuco, do século XVII ao XIX, uma crítica ao projeto de história nacional de Varnhagen, que soterraria as histórias regionais. De acordo com Evaldo Cabral de Melo,

Em 1862, com a fundação do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, a memória restauradora ganhou finalmente quadro institucional. A visita de D. Pedro II e, dois anos depois, a passagem de Varnhagen pelo Recife (1861), haviam embarçado os brios provinciais, pondo em relevo o abandono e a ignorância a que havia sido relegado o nosso passado (pernambucano). Em 1860, Antônio Rangel de Torres Bandeira propusera a criação do Instituto e ano seguinte o *Diário de Pernambuco* saíra por um momento de suas preocupações comerciais para sugerir o estabelecimento de uma “sociedade de antiquários”. Pela mesma época havia quem se preocupasse com a necessidade de uma versão pernambucana dos acontecimentos cruciais da nossa história, evitando que ela fosse tratada sob critério estranho, no caso imperial; ou, ao menos, corrigindo-se as deformações da perspectiva unitária e fluminense da História ge-

¹⁵⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial (1870-1930)*. *op. cit.*, p. 99.

¹⁵¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, *op. cit.*, p. 40.

¹⁵² *Ibidem*, p. 65, 68, 205 e 206.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 128.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 119.

ral do Brasil, de Varnhagen (1854), com sua condenação da república de 1817¹⁵⁵.

A narrativa de Varnhagen, tanto aquela desenvolvida na *História geral do Brasil*, quanto a da *História das Lutas*, apresentava uma visão homogênea, total, imperialista e centralizada dos fatos referentes às guerras holandesas, em prol da unidade nacional brasileira. Já, a historiografia pernambucana apresentava uma interpretação regionalista, nativista, acerca da visão da experiência holandesa no Brasil. Como ilustra Evaldo Cabral de Mello,

Essa divisão do trabalho historiográfico era a que se devia esperar da concepção saquarema encarnada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: aos historiadores provinciais, seus respectivos campos; aos do Rio, a concatenação dessas histórias setoriais, como os únicos autorizados a desvendar-lhes o sentido, que era o que realmente importava ao poder¹⁵⁶.

Para compreendermos esta relação entre as narrativas fluminenses, em nome dos interesses metropolitanos, e as pernambucanas, em nome do regionalismo, basta verificarmos o estudo de Edward Said, *Cultura e Imperialismo*, em que o mesmo utilizou o termo “imperialismo” para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o “colonialismo”, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes¹⁵⁷.

Ambas as interpretações, ao se voltarem para o episódio da invasão e expulsão dos holandeses, tiveram objetivos claros. Ao refletir sobre a restauração pernambucana e como os grupos sociais se instituíram como tais, objetivando a identidade regional, Evaldo Cabral de Mello afirmou que

As guerras holandesas foram a matriz ideológica do nativismo, da segunda metade do século XVII até os meados do XIX, quando “o maligno vapor pernambucano”, a que aludira o autor anônimo das

¹⁵⁵ MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 3 ed. rev. São Paulo: Alameda, 2008, p. 56-57.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 57.

¹⁵⁷ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 42.

‘Revoluções do Brasil’, agonizou como força política, á raiz do malogro da revolução praieira, que encerrou o ciclo dos movimentos anti-lusitanos. ao longo destes duzentos anos, o nativismo teria e assumir diferentes figuras, ao moldar-se ás transformações da economia colonial, às relações de poder entre os grupos locais e entre estes e a metrópole, primeiro Lisboa, depois Rio de Janeiro, e finalmente às formações ideológicas dominantes. [...] ¹⁵⁸.

Por outro lado, Varnhagen, representante da historiografia saquarema ¹⁵⁹, volta-se para a guerra contra os holandeses, tendo em vista a constituição da identidade nacional, da construção do sentimento de pertencimento por meio da defesa da unidade da colônia – território da futura nação. Em ambas as interpretações há a *invocação do passado* que, segundo Edward Said,

Constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie — acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras ¹⁶⁰.

Para Ilmar Rohloff de Mattos, Varnhagen foi um historiador do tempo saquarema, pela forma como lidou com as fontes e organizou cronologicamente, ordenou os fatos do passado e agenciou os sujeitos históricos, em prol de uma unidade nacional/territorial, com poder centralizado. Segundo Mattos,

Se é possível falar de um Tempo Saquarema é porque ele é a expressão, antes de mais nada, das relações que os homens – as pessoas e coisas – mantinham em seu existir cotidiano no Império do Brasil, em meados do século passado, relações essas que, sob determinadas circunstâncias, tornavam essa sociedade surgida da cunhagem da moeda colonial uma sociedade propriamente histórica, isto é, uma sociedade onde os que tinham intenção de não apenas dominá-la, mas sobretudo dirigi-la, erigiram como questões a ori-

¹⁵⁸ MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*, *op. cit.*, p. 56-57.

¹⁵⁹ Cf. MATTOS, Ilmar R. *O tempo saquarema: a formação do Estado imperial*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

¹⁶⁰ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*, *op. cit.*, p. 34.

gem e a instituição da própria sociedade, seu evolver como uma possibilidade de conservação ou transformação¹⁶¹.

Ao analisar a obra de *História das Lutas*, encontramos essas marcas do tempo saquarema na narrativa varnhageniana, pois o trabalho de Varnhagen está inserido dentro de uma cronologia (o tempo da nação), ou seja, tem a Independência (1822) e a formação do Império brasileiro como o destino manifesto da narrativa da história colonial. Varnhagen constrói um panteão de heróis, sujeitos históricos ordenados e civilizados por uma narrativa histórica moral e cívica.

Sua obra historiográfica faz propaganda e defesa de um projeto de Estado-nação-sociedade, exalta a monarquia da casa dos Bragança, e por meio de uma luta/conquista do passado colonial (expulsão dos holandeses), justifica o destino manifesto do Império brasileiro no presente (derrota do republicano e tirano Paraguai no conflito do Prata).

Varnhagen seleciona documentos, fontes e se apropria do fato da invasão e expulsão dos holandeses como mito fundacional do Brasil-nação, ou seja, como origem, nascimento do sentimento de pertencimento ao território, de unidade territorial da Colônia (território original da futura nação).

2.3. Mito fundacional do Brasil

De acordo com Renilson Rosa Ribeiro, as nações se constituíram como narrativas e estas congregariam nas suas tramas a dimensão mítica, procurando fabricar um começo sublime para o povo, especialmente no momento em que se tomaria consciência de que os seus diferentes sujeitos raciais formavam uma suposta unidade¹⁶².

¹⁶¹ MATTOS, Ilmar R. *O tempo saquarema: a formação do Estado imperial*, *op. cit.*, p. 284-285.

¹⁶² RIBEIRO, Renilson Rosa. “*Destemido Bandeirante à busca da mina de ouro da verdade*”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 297.

Como já mencionado, o autor assinalou que a história da invasão e da expulsão dos holandeses assumiria contornos de mito fundador da nacionalidade brasileira na obra varnhageniana.

Para compreender as representações da formação da nacionalidade brasileira, produzidas por Varnhagen em sua *Historia geral do Brasil*, perseguimos a seguinte questão-problema formulada por Stuart Hall: “Como é contada a narrativa da nação ou da cultura nacional?”.

Segundo Stuart Hall, cinco elementos principais são possíveis de elencar na narrativa da nação, sendo a) origens – o descobrimento do Brasil; b) continuidade – Independência do Brasil; c) invenção da tradição – a História geral; d) mito fundacional- invasão e expulsão dos holandeses; e, e) povo – índios, negros e portugueses (brancos). Na sua leitura, o discurso da cultura nacional não seria, assim, tão moderno como aparenta ser, pois ele fabrica identidades que são apresentadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro:

Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente¹⁶³.

Podemos nos ater ao fato ou acontecimento, invasão e expulsão dos holandeses; ou nos ater ao uso que o historiador-diplomata fez deste fato/acontecimento, percebendo as questões discursivas e textualizadas, em especial no texto prefacial, o que dependerá dos objetivos que nos lançam ao estudo da temática, do autor ou da obra, pois

(...) não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer

¹⁶³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 52-56.

sentido, mesmo que possam divergir sobre esse sentido em cada caso. (...) ¹⁶⁴.

Paul Veyne, em *Como se escreve a história*, ao tratar do objeto da história e as diversas formas de compreensão, tendo em vista a noção de progresso histórico sociológico, favoreceu o entendimento da postura do historiador visconde de Porto Seguro. Assim, segundo o autor,

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da histórica é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito “científica” de causas materiais, de fins e de aca-
sos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua con-
veniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importân-
cia relativa; [...] ¹⁶⁵.

Aprendemos um sentido, um fio condutor na obra varnhageniana, que o histo-
riador persegue na elaboração de sua história, ao dar ordem aos fatos históricos referentes à
invasão e expulsão dos holandeses. Renilson Rosa Ribeiro mapeou os cinco elementos na
narrativa da *História Geral do Brasil* e destacou que

O episódio dos holandeses no Brasil seria o momento do *turning point* da sua narrativa. Ele era o sinal da queda da colônia, depois uma origem retumbante com os descobrimentos, mas também constituía o momento da restauração, da constituição do sentimento de pertencimento à terra pelos seus habitantes, fracionados em etnias e classes. Ali estava o mito fundador ideal para a restituição da colônia, preparando-a para um futuro de glórias. As seções dedicadas à presença holandesa no Brasil eram tomadas de monumentalidades, seja na descrição da decadência dos colonos, seja no relato do avanço das tropas inimigas estrangeiras, seja na observação do clima de desordem daqueles tempos, seja na narrativa da resistência dos brasileiros ¹⁶⁶.

¹⁶⁴ HENRY, Paul. A História não existe? In: ORLANDI, Eni (org.). *Gestos de Leitura*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010, p. 47.

¹⁶⁵ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história?* Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Ed. UnB, 1998, p. 43.

¹⁶⁶ RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido Bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império, *op. cit.*, p. 299.

Para responder a pergunta principal de Stuart Hall – como é contada a narrativa da nação ou da cultura nacional? – buscamos também as contribuições do intelectual indiano Homi Bhabha, e com base nelas elencaremos os outros possíveis elementos da narrativa da nação em Varnhagen.

No livro *Nação e narração*, Bhabha afirma que

As nações, assim como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente. Tal imagem da nação - ou narração - pode parecer incrivelmente romântica e excessivamente metafórica, mas é a partir dessas tradições do pensamento político e da língua literária que a nação surge como uma poderosa idéia histórica no ocidente¹⁶⁷.

Em *O Local da Cultura*, mas precisamente no capítulo intitulado *Disseminação: O Tempo a Narrativa e as Margens da Nação Moderna*, Bhabha expôs claramente suas idéias, conforme vemos a seguir:

O discurso do nacionalismo não é meu interesse principal. De certa forma é em oposição à certeza histórica e à natureza estável desse termo que procuro escrever sobre a nação ocidental como uma forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura. Essa *localidade* está mais *em torno* da temporalidade do que *sobre a* historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que “sociedade”m mais conotativa que “país”, menos patriótica que *patrie*, mais retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão civilidade, mais coletiva que “o sujeito”, mais psíquica que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social¹⁶⁸.

Bhabha compreendeu a nação enquanto narração cultural e sua intenção era desnaturalizar, descentralizar o movimento unificador e homogêneo que estava imbricado

¹⁶⁷ BHABHA, Homi. Introduction: narrating the nation. In: BHABHA, Homi K. (org.). *Nation and narration*. Londres: Routledge, 1990, p. 01. (Traduzido por Jonathan de Paula, professor do CELIG – Centro de Linguagens de Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis).

¹⁶⁸ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 199.

na representação da nação. Lançamos mão desta desnaturalização da narrativa para analisar a obra de Varnhagen, por outro viés, como possibilidade de uma nova reflexão diferente daquela ligada a semântica dos tempos históricos de Koselleck.

O autor de *O local da cultura* sugeriu a construção cultural da nacionalidade como uma forma de afiliação social e textual, a partir da identificação cultural e de observação discursiva que funcionassem em nome “do povo” ou “da nação”, tornando-os sujeitos imanes e objetos de uma série de narrativas sócias e literárias.

Ao nos voltarmos para a narrativa de Varnhagen, conseguimos perceber como o mesmo agenciou a nacionalidade por meio da afiliação social, ligado ao IGHB, e textual, tendo em vista os elementos constituidores da narrativa da nação, propostos por Hall.

Em sua obra, *História geral do Brasil*, percebemos o primeiro elemento, *as origens*: o nascimento do Brasil, com o desembarque de Pedro Álvares Cabral, em 1500, até a proclamação da Independência do Brasil pelo príncipe regente D. Pedro, em 1822, conforme o próprio título da obra aponta: *História Geral do Brazil: do seu descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e da declaração da independencia e do imperio, escripta em presença de muitos documentos ineditos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda,*

Afim de assegurar esse commercio em favor de Portugal , por meio do estabelecimento de algumas feitorias, partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares, mas todas sujeitas á capitania mór de PedrAlvares Cabral, indivíduo de família illustre, porém não afamado por feitos alguns anteriores. Nas instrucçõesescriptas que recebeu, e das quaes chegaram a nossas mãos alguns fragmentos da maior importancia, foi-lhe recommendado que na altura de Guiné se afastasse quanto podesse d'África, para evitar suas morosas e doentias calmas. Obediente a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarando d'África, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanas ou pelagicas, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem, aos 22 d'Ábril, avistou a oeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro dislinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver deagarrado dias antes uma dellas, foi um alto monte, que, em attenção á festa da paschoa que se acabava de polemnisar a bordo, foi chamado Paschoal; nome que ainda conserva este monte mui conheci-

do dos marítimos, que o consideram entre as melhores balizas para a conheçença dessa parte do littoral. A esquadra aproximou-se da costa no dia immediato. O capitão mór mandou um batei a terra, o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou commu- nicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de línguas africanas e asiáticas, que iam no batei, para se fazerem en- tender. Assim, o primeiro trato conaquella gente se reduziu a algu- mas dádivas ou escambos feitos de a parte, e mediante as costuma- das prevenções. Entendendo Cabral que lhe cumpria haver mais e- xacta informação da terra que tinha á vista, da qual se poderia apro- veitar para fazer nova aguada, e por ventura refrescar os navios com algumas provisões, decidiu explorala na manhã seguinte; começan- do desde logo por buscar uma enseiada, em que a frota podesse sur- gir com segurança. Encontrou- seesta, dez léguas mais ao norte; e de tão bom abrigo que lhe foi então dado o nome, que ainda con- serva, de *Porto Seguro*¹⁶⁹.

Embora o trecho seja longo, é de grande valia para compreendermos com estão dispostas: a) as *origens da nação* na obra de Varnhagen, por meio do denominado desco- brimento do Brasil, tendo em vista a conquista do território e a colonização pelo Império Português, e b) *a invenção da tradição*, com vistas ao legado da obra de Varnhagen, o vis- conde de Porto Seguro, título-denominação referente ao local em que as frotas portuguesas aportaram com fins à segurança.

Bhabha sugeriu olharmos para a temporalidade da narrativa, agora, mais do que para o evento, ou seja, observando mais o texto, o estilo em Varnhagen, a forma como ele agenciava o tempo na e da escrita, e menos para a invasão e expulsão dos holandeses. Se- gundo o autor,

A equivalência linear entre o evento e idéia, que o historicismo propõe, geralmente dá significado a um povo, uma nação e uma cultura nacional enquanto categoria sociológica empírica ou entida- de cultural holística. No entanto, a força narrativa e psicológica que a nacionalidade apresenta na produção cultural e na projecção políti- ca é o efeito da ambivalência da “nação” como estratégia narrati- va¹⁷⁰.

¹⁶⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil: do seu descobrimento, colonisação, legis- lação, desenvolvimento, e da declaração da independencia e do imperio*, escripta em presença de muitos do- cumentos ineditos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda Tomo I. Ma- drid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854, p. 13-14.

¹⁷⁰ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, op. cit., p. 199-200.

Refletindo sobre as estratégias narrativas de Varnhagen para a elaboração de sua *História das Lutas*, com base na semântica dos tempos históricos de Reinhart Koselleck, conforme já o fizemos, por meio das duas categorias de análise históricas, *espaços de experiências horizontes de expectativas*, chegamos a conclusão de que: Varnhagen, a partir de suas experiências no tempo presente – contexto da Guerra do Paraguai – voltou-se para o passado, buscando exemplos de bravura que sirvam para seus contemporâneos, tendo em vista horizonte de glórias, assim como os heróis do passado o tiveram contra os holandeses.

Bhabha trouxe outras categorias de análise que auxiliariam na interpretação dessa estratégia de Varnhagen, tendo como objetivo dissolver as interpretações lineares a respeito da nação, realizadas por meio de um tempo de causa e efeito: o tempo pedagógico (passado), com seus signos repetidos e tempo performático (presente), com a ressignificação dos signos.

De acordo com o autor,

É precisamente na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que podemos ver como o conceito de “povo” emerge dentro de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo. O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componente de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva. Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo; o povo consiste em “objetos” históricos de um pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no preestabelecimento ou na origem histórica constituída *no passado*; o povo consiste também em “sujeitos” de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos do povo como contemporaneidade, como aquele signo do *presente* através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo¹⁷¹.

Na narrativa de Varnhagen, o povo - composto por índios, negros e portugueses – servia como objeto da pedagogia da nação, sendo que os portugueses constituíam perso-

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 206-207.

nagem principal no processo de formação da nacionalidade brasileira, enquanto os demais, *índios comandados por Felipe Camarão e negros, comandados por Henrique Dias*¹⁷², compunham os personagens secundários. A performance estaria no ato do historiador, a partir de seu presente, reformular, dar novo sentido para o passado. Em síntese,

Os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performático. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de *escrever a nação*¹⁷³.

Na narrativa da invasão e expulsão dos holandeses Varnhagen apontou para a constituição da unidade nacional, para a harmonia dos sujeitos históricos – atores sociais – em contraposição ao elemento estrangeiro, o holandês, utilizando da estratégia de ressignificação dos papéis, dos sujeitos na *história das lutas*, constituindo o que Bhabha denomina de discurso performático.

Por outro lado, Evaldo Cabral de Mello, em seu trabalho sobre o imaginário da restauração pernambucana, afirmou que

O nativismo pernambucano considerou-se sempre herdeiro da restauração. Em 1864, na sua crítica do sistema político do Império, Afonso de Albuquerque Melo, após constatar que “o sentimento da liberdade” germinara em Pernambuco mais cedo do que no resto do Brasil, indagava as razões desta precocidade. “Será – perguntava – porque provimos de melhor sangue ou por causa do clima ou dos alimentos que nos produz o solo, que se tem tanto distinguido o nosso gênio e o nosso sentimento pela causa da liberdade?” E o publicista respondia pela negativa. Para ele, o esclarecimento da questão encontrava-se antes “nos fatos da história de um povo, nos acontecimento que se dão sobre ele, circunstâncias poderosas de sua vida que, correndo para formar ou formando sua educação, foram assim o seu caráter e o seu gênio”. No caso de Pernambuco, este fato ou

¹⁷² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, op. cit., p. 281.

¹⁷³ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, op. cit., p. 207.

acontecimento fora as guerras batavas, “a defesa dos pernambucanos contra os holandeses, a expulsão destes, de poderosa nação, por um punhado de homens desprovidos de todos os recursos e tudo conta a vontade da metrópole, de quem estávamos abandonados”. Não fora assim o contacto da gente da terra com um país que se achava na vanguarda da civilização européia, mas a guerra, especialmente a da restauração, que constituiria “a escola que nos educou, o berço em que se embalou nosso patriotismo”, “uma escola em que, aprendizes, fomos grandes”, na medida em que “aprendemos a sentir pela liberdade, a amá-la; aprendemos a derramar o nosso sangue. Aprendemos a abnegação, o sacrifício, a esquecer a vida em amor da dignidade e do direito do homem”. Da experiência da ocupação estrangeira, derivava, por conseguinte, a singularidade da história pernambucana no conjunto da história brasileira, inclusive o mal-entendido entre Pernambuco e o Império¹⁷⁴.

No trecho acima, Evaldo Cabral de Mello nos apresentou o pensamento de um estudioso sobre a experiência dos então pernambucanos com a guerra holandesa, com uma tonalidade diferente e contrária a que propunha Varnhagen.

Alfonso de Albuquerque Melo relatou os feitos dos pernambucanos nativos, o panteão restaurador, em favor de Pernambuco, diferente de como fez Varnhagen, sobre o panteão de heróis nacional, em prol de toda a unidade nacional brasileira.

Para compreender essa distinção é necessário entender a articulação existente entre o objeto pedagógico e o sujeito performático, neste caso, entre a guerra holandesa (o conflito) e o sujeito performático (o historiador Varnhagen ou o publicista Afonso de Albuquerque Melo). Sobre isso Bhabha afirmou que

A tensão entre o pedagógico e o performático que identifiquei na interpelação narrativa da nação converte a referência a um “povo” – a partir de qualquer que seja a posição política ou cultural – em um problema de conhecimento que assombra a formação simbólica da autoridade nacional. O povo não é nem o princípio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual e as forças que significam a interpelação mais específica a interesses e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população¹⁷⁵.

¹⁷⁴ MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*, *op. cit.*, p. 15.

¹⁷⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, *op. cit.*, p. 207.

Como vimos, enquanto que para Varnhagen prevaleceu a performance do objeto pedagógico (a luta contra os holandeses) com fins a centralização do poder, homogeneidade de social e consensual, além da conquista e conservação territorial e fronteiriça, nas palavras de Afonso de Albuquerque Melo identificamos uma identidade distinta no interior de um mesmo território nacional, preocupada com o regionalismo, o nativismo pernambucano.

Assim conseguimos revelar as identidades culturais através das disputas de forças entres os tempos diversos, passado e presente, por meio um elemento fundador comum tanto do nativismo pernambucano quanto da nacionalidade brasileira.

2.4. Territórios e fronteiras nas cartas e textos de Varnhagen

Em sua operação historiográfica, ao buscar um exemplo de grande vitória do passado, isto é, nas guerras contra os holandeses de 1624 à 1654, que totalizaram vinte quatro anos de conflitos entre brasileiros e holandeses, considerada uma das maiores empresas bélicas do período imperial português, Varnhagen procurou fortalecer o ânimo dos compatriotas, brasileiros, aqueles envolvidos na Guerra contra o Paraguai (1867-1870), alcançando, enfim outro dos objetivos almejados pela sua escrita: a definição e defesa dos limites territoriais e fronteiriços do Império brasileiro. De acordo com Renato Amado Peixoto,

A idéia do espaço nacional brasileiro tem sido confundida com a história de suas fronteiras, de acordo com uma narrativa centralizada na unidade do território a na continuidade do Estado português na América. Segundo essa narrativa, durante o século XIX e o início do século XX, o Brasil, um país satisfeito e cioso de seu legado, dirigiu seus esforços para a consolidação pacífica dos seus antigos limites através da ação do direito. Assim, sucessão e legitimidade estão associadas numa construção que prioriza a fixidez espacial por meio de uma interpretação que entendeu os contratos de limites

como se fossem registros e testemunhos do nascimento, crescimento e amadurecimento da Nação¹⁷⁶.

Dentre aqueles que se preocupavam com a questão das fronteiras territoriais, o autor destacou a figura de Varnhagen, pois

[...], no IHGB, o debate sobre o espaço se adensa a partir do início da colaboração de diversos personagens que se envolveriam também na construção da narrativa do século XIX. Já em 1841, antes de sua nomeação em 1842 como adido à Legação brasileira em Lisboa, Varnhagen teve publicado às custas do IHGB um artigo denominado ‘As primeiras negociações diplomáticas respectivas ao Brasil’, onde concatenou, pela primeira vez, a idéia de ocupação do território com a ação da diplomacia. Desenvolvendo esse raciocínio e, em consonância com as intenções expressas por Pinheiro nos ‘Anais’ sobre o envio de literatos brasileiros ao exterior, Varnhagen defende que os documentos relativos às transações diplomáticas que se encontravam então espalhadas nos arquivos e bibliotecas de várias nações, deveriam ser recolhidos um Arquivo comum no Brasil, pois, “poderão para o futuro servir não só á história nacional, como às primeiras linhas de um corpo diplomático e de direito público externo do Brasil¹⁷⁷”.

Nesse aspecto, Renato Amado Peixoto tinha razão, pois por meio da correspondência ativa, coligida e anotada por Clado Lessa, podemos notar qual o seu papel, como diplomata, tendo em vista as questões referentes ao território e a fronteira, isto é, sobre a consolidação da unidade do espaço territorial brasileira. Constatamos esse discurso de unidade territorial brasileira, também no *Memorial Orgânico*, em que Varnhagen afirmou que

O Brasil é uma nação cujas raias com as vizinhas estão por assinar; um império cujo centro governativo não é o mais conveniente; um país cujo sistema de comunicações internas, se o há, não é filho de um plano combinado; um território enfim cuja subdivisão em províncias é desigual, monstruosa, não subordinada a miras algumas governativas, e procedem ainda no fundo (na beira mar ao menos) das primeiras doações arbitrárias feitas, a mais de três séculos, pelos reis portugueses. Ainda mais: assim como não há plano de co-

¹⁷⁶ PEIXOTO, Renato Amado. *A Máscara da Medusa: A construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, p. 13.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 203.

municacões internas que fomentem o comércio e a agricultura, também não consta havê-lo de defesa do país, a fim de prevenir, pela simples ocupação desde já de certos pontos decididamente estratégicos que apresenta a inspeção do seu território, qualquer futura tentativa inimiga. E que é a nossa população? Para tão vasto país como uma gota de água no caudaloso Amazonas. Mas pior é sua heterogeneidade que o seu pequeno número. Temos cidadãos brasileiros; temos escravos africanos e ladinos, que produzem trabalho, temos índios bravos completamente inúteis ou antes prejudiciais, e temos pouquíssimos (infelizmente) colonos europeus. No capítulo imediato procuraremos justificar a verdade destas seis proposições tão duras de proferir. A procedermos por outra forma, contra as nossas profundas convicções, haveria nisso adulação; e se esta para com os outros é baixeza, para com a pátria é um crime¹⁷⁸.

Varnhagen tinha como intuito orientar a organização do Império enquanto uma nação, e assim o fez por meio de seu memorial, com um plano de organização da população e do território, por meio da implantação de medidas de caráter administrativo a ser introduzidas pelo Estado, o principal gestor da nação.

Em carta remetida ao Imperador D. Pedro II, Varnhagen destacou que

[...] o empenho principal que me guiou a penna do Memorial Orgânico foi o de promover desde já com maior segurança possível a unidade e a integridade do *Imperio futuro*, objecto constante do meu cogitar. – a possibilidade e a conveniência de tal unidade ainda na época do porvir em que o Brazil possa chegar a contar mais de cem milhões de habitantes, quando o espírito público se forme pela historia de um modo idêntico, foi por mim sustentada tenazmente em 1851 em muitas discussões com os meus amigos deputados pelo norte, e não perco occasião de a pregar na Historia Geral, que por si só, se for adoptada nas Academias, há de contribuir e muito a elevar o patriotismo e á harmonia do espírito nacional, fomentada pela igualdade de educação de todos os súbditos.[...] ¹⁷⁹.

A escrita de Varnhagen revelava-se dedicada à história pátria, e em função dos serviços na diplomacia, definiu-se como a delimitadora das fronteiras terrestres do Brasil, na elaboração de propostas que visavam à segurança da unidade e integridade do Império.

¹⁷⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Orgânico que à consideração das Assembléias geral e provinciais do Império, apresenta um brasileiro. Dado a luz por um amante do Brasil*. Madri: Imprensa da Viúva de D. R.J. Dominguez, 1849.

¹⁷⁹ Carta ao Imperador D. Pedro II, Madri, de 14 de julho de 1857. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, *op. cit.*, p. 246.

Segundo Francisco Doratioto, a política do Império do Brasil em relação ao Paraguai buscou alcançar três objetivos,

Primeiro obter a livre navegação do rio Paraguai, de modo a garantir a comunicação marítimo-fluvial da província de Mato Grosso com o restante do Brasil; segundo buscar estabelecer um tratado delimitando as fronteiras com o país guarani e em terceiro procurar conter a influência argentina sobre o Paraguai, convencido de que Buenos Aires ambicionava ser o centro de um Estado que abrangesse o antigo vice-reino do Rio da Prata, incorporando o Paraguai¹⁸⁰.

A diplomacia, neste contexto, teve papel importante para o alcance desses objetivos, tendo em Varnhagen seu precursor. Em carta ao Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, enviado em missão especial ao Paraguai, Varnhagen escrevia:

A leitura que acabo de fazer da correspondência de V. Ex^ana sua missão especial ao Paraguai, veio confirmar-se na idéia de que, daquella república, não me era possível deixar suplicar do Governo Imperial as competentes instruções a respeito, afim de não ser, á minha chegada, tomado de improviso pelo Chefe para quem (segundo suas próprias frases) “as primeiras aberturas são tudo”. – Para não ocupar, porém, atualmente muito do precioso tempo de V. Ex^a, resumirei o meu pedido reduzindo-o a dois únicos quesitos: - 1.º Poderei, se fôr sobre isso interrogado, e o julgar conveniente responder que o Govêrno Imperial está prompto a celebrar com o da república uma Convenção de Limites? – 2.º Nesse caso, ser-me-á lícito admitir as idéias de outro arranjo, sem ser o do nosso ultimatum de 1856? – devo accrescentar que sou a primeiro a reconhecer a conveniência de não me abrir muito a principio sobre tais questões, para não correr o risco de estabelecer alguma indisposição ou desconfiança. Mas creio que melhor poderei medir meus passos quando mais seguramente conheça o terreno e as vistas do Governo Imperial sobre elle. – Acerca do assunto, a que se refere o 2.º quesito não ocultarei a V. Ex^a que, em vez da linha de raia que termina com as águas do APA e do Iguatemy, sou de voto que nos conviria preferir outra fundada nos sistema das águas vertentes. Por este sistema tenho até pugnado pela imprensa como preferível, não só para applicar nas fronteiras do Império, como nas Províncias, e até nos lotes de terras públicas. E posso assegurar a V. Ex^a, que melhor sa-

¹⁸⁰ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 471.

berei advogar em favor de uma raia que nelle se baseie; pois, sem metter em linha de conta o embaraço em que me acharia se o negociador contendente, conhecendo as minhas idéias, quizesse com ellas mesmas argumetarcommigo, contra a linha que termina nas águas do Apa e do Iguatemy, é certo que podemos propor e sustentar outra, que dando-nos ainda maior território, não possa razoavelmente ser repellida pelo governo paraguay, como pouco favorável á sua defesa, principal *desideratum* do Presidente Lopez, se elle foi sincero na declaração a V. Ex.^a, e que consta da sua Confidencial de 12 de Janeiro do anno passado. – Uma tal fronteira, que poderia comprehender até as duas margens do APA e do Yguatemy, se recomendaria como a mais natural, a mais fácil de guardar-se, a de mais definível redação, a de mais simples verificação em caso de dúvida, e finalmente como mais própria ao desenvolvimento do território vizinho, segundo passo a expor¹⁸¹.

Varnhagen, em suas funções diplomáticas, demonstrou sua preocupação sobre as fronteiras entre Brasil e Paraguai, além do estabelecimento dos limites por meio dos elementos da natureza, no caso, os rios, serras, raias, o que evidenciava o conhecimento que tinha sobre as áreas descritas na carta. Na mesma carta Varnhagen continuava, afirmando que,

[...] É a linha mais natural. Do princípio que, segundo Monthalon, foi sancionado por Napoleão em Santa Hellena, de que, depois dos desertos de areia, são as serras as melhores raias entre os estados, e que os rios só devem admitir-se em terceiro lugar, temos até confirmação na historia das nossas fronteiras. – Conhecidas são as grandes questões que no século passado tiveram logar entre os Comissariosdemarcadores, para se decidir qual era o verdadeiro braço superior do Ibicuhy, querendo uns, segundo lhes servia aos respectivos paízes, que fosse o que procedia de mais longe, outros o que trazia mais águas na junção. A linha das águas vertentes, principalmente quando marcada por serras, não tem estes inconvenientes principalmente quando marcada por serras, não tem estes inconvenientes, e offerece manos contacto entre os povos vizinhos do que a marcada por um reio menos caudaloso. [...]. Se as serras, pelas extensões intransitáveis que sempre offerecem, são um verdadeiro desvio do contacto de dois povos vizinhos, bocainas e desfiladeiros, do que uma extensão grandíssima de águas navegáveis, que com uma simples balsa se poderá passar em qualquer ponto. [...]. As raias que se referem-se às águas vertentes a qualquer rio conhecido fi-

¹⁸¹ Carta ao Conselheiro José Maria da Silva Paranhos (futuro Visconde do rio Branco), enviado em missão especial, que fôra, ao Paraguai, Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1859. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, *op. cit.*, p. 265-266.

cam designadas com poucas palavras, matemática e impreterivelmente, quando as que dependem do curso do rios, próximo as nascentes destes, demandam uma explicação individualista e extensa, fundada sobre o conhecimento topográfico da localidade. A vantagem do sistema de raias [secas] foi reconhecido pelo Romanos, que o adotaram em suas conquistas. [...]. Ao Brasil interessa mais que ao Paraguai a navegação das águas do Iguatemy e a do Paraná acima do Salto, bem como a navegação do Apa, para fornecer de sal os campos de Ivinheima, [...]¹⁸².

Manifestavam-se na prática historiográfica de Varnhagen orientações sobre quais áreas e paisagens eram interessantes para as demarcações fronteiriças, tendo em vista os interesses geopolíticos e administrativos do Império brasileiro.

Tanto nas *Correspondências* quanto no *Memorial orgânico* encontramos elementos discursivos que caracterizavam as concepções de organização social, fronteira e território no pensamento de Varnhagen, os quais nos interessam aqueles pronunciados no contexto da Guerra contra o Paraguai.

Em correspondência oficial destinada à José Antônio Saraiva, Ministro de Negócios Estrangeiros, Varnhagen deu conselhos e apresentou estratégias de guerra:

O despacho circular de v. Ex^a a 23 de Dezembro do anno passado chegou a meu poder na noite de 25 de Fevereiro findo, dentro de um officio do nosso Ministro residente em Buenos Aires com data de 17 de janeiro último, no paquete do Chile immediato ao que nos havia já trazido as noticias da tomada de Paysandú e das novas tropelias dos paraguayos contra os portos de Coimbra, Doirados e Miranda. [...]. 5 - Pela minha parte, sendo esta guerra popular em todo o Imperio, como é impossivel que não o seja, tenho a maior confiança nos resultados della e no triumpho completo do Brazil e emancipação do Povo Paraguayo, sem grandes gastos, uma vez que nos empenhemos na mesma guerra, desde o principio e em quanto dura o entusiasmo popular, com a maior energia e toda a tropa e guardas nacionaes disponíveis. [...]. 7 - Era alguma forte agressão por este lado protegida pelas correntes dos próprios rios que todas baixam do Brazil para o Paraguay (quando desde o Rio da Prata há sempre que ir águas arriba) a que devia temer o velho Presidente Lopez, quando me dizia muitas vezes que o Brazil era a única nação que lhe podia fazer a guerra. [...]. 11 - Aqui todos se admiram (e o mesmo succederá provavelmente por outras partes) da audácia do Presidente do Paraguay, em tomar iniquamente a iniciativa na ag-

¹⁸² *Ibidem*, p. 266-267.

gressão contra uma nação grande e séria como o Brasil. [...]. 12 – O certo é que a insolência da actual agressão reclama um castigo exemplar. Não é dos casos em que tão depressa como o agressor se veja mal parado possa ler-se do recurso de alguma mediação para dar satisfação de palavra em troca da paz. Confiado em que há de triunfar pela guerra a causa da justiça, faço votos para que essa paz só venha a ser concedida quando consigamos libertar o Paraguai do seu barbárico obscurantismo, por meio da anexação ao Império como Província conquistada ou Colônia. [...]¹⁸³.

O trecho supracitado constitui apenas um dos exemplos dentre os quais Varnhagen sintetizava e explicitava suas concepções referentes à defesa e conquista das fronteiras e territórios do Império Brasileiro no contexto dos conflitos do Prata. Percebemos a sua preocupação de em relação à unidade nacional, por meio de alguns pontos, que respondem aos problemas diagnosticados em seu *memorial*.

Assim, para a consolidação da unidade nacional brasileira, Varnhagen recomendou a) negociação com os países fronteiriços, no caso específico da então República do Uruguai, saldando o problema referente aos limites territoriais; b) o triunfo e domínio do Brasil sobre o Paraguai, sem afetar financeiramente o país, agenciando estrategicamente os sujeitos envolvidos, tendo em vista o empenho destes e a disponibilidade da ala militar, definindo enfim a política defensiva; c) a utilização do posicionamento geográfico do Brasil, tendo em vista o Rio da Prata, como meio de adentrar as terras paraguaias e estabelecer domínio imediato; d) os juízos que caracterizam os oponentes como fracos e covardes; e, e) o mapeamento geográfico, que possibilitasse conhecer os caminhos que viabilizassem tal domínio.

Portanto, com essas recomendações, Varnhagen voltava-se para o passado colonial brasileiro e com a narrativa da invasão e expulsão dos holandeses, criando um sentimento de pertencimento nos sujeitos históricos e reconhece na unidade territorial da Colônia – a semente da futura nação. Ao propagar e defender o projeto de Estado-nação, exaltando a monarquia da casa dos Bragança, justificava por meio de uma luta/conquista do passado (colonial – expulsão dos holandeses) o destino manifesto do Império brasileiro no

¹⁸³ *Ibidem*, p. 292-296.

presente: o triunfo do Brasil e a derrota do republicano e tirano Paraguai no conflito do Prata.

Enquanto que para Varnhagen os fatos e eventos do passado servem de guia, ensinamentos para o presente, para nós seu texto e discurso ganharam o mesmo sentido, senão como matriz de escrita, mas como uma forma de pensar e escrever a história e as experiências humanas no tempo e no espaço.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DAS LUTAS COM OS HOLANDEZES NO BRASIL: ensino de História e memória

Para liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá outra cultura e lhes inventa uma outra história.

[Milan Kundera. *O livro do Riso e do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.]

Introdução

Neste capítulo apresentamos reflexões acerca das noções de história e ensino de história, narrativa, memória e lugares de memória, tendo em vista a escrita da história no século XIX brasileiro.

Procuramos perceber o compromisso da escrita (narrativa) da história com o ideal da nação durante o Segundo Reinado – século XIX, levando em consideração os significados políticos e culturais dos usos do passado para a construção de uma memória (da nação), presente na historiografia, no ensino da História e que se perpetuaram nas políticas de preservação da memória nacional.

Na conclusão do segundo volume de *Historia Geral do Brasil*, de 1857, Varnhagen demonstrava o desejo de que a sua obra fosse adotada nas escolas de direito, militares e demais colégios do Império, evidenciando uma pretensão historiográfica – de historiador oficial. Conforme observou Arno Wehling,

Uma análise dos compêndios brasileiros entre as décadas de 1930 e 1960, bem como o programa oficial para o ensino secundário de 1942, mostram a força da matriz varnhargeniana. A espinha dorsal

continuava a mesma. Ocorreram, por influência das novas interpretações, alguns acréscimos temáticos: um capítulo sobre a formação étnica do Brasil, mostrando as diferentes origens de brancos, negros e índios, a miscigenação e o papel de cada etnia na formação brasileira; um capítulo sobre a evolução econômica brasileira, com ênfase na sucessão de “ciclos” de produtos dominantes no país, como o pau-brasil, o açúcar, o ouro e o café; outro capítulo ainda sobre as bandeiras e a expansão territorial do Brasil, capítulo este que valorizou a presença paulista neste processo, numa época em que o estado de São Paulo, à frente da economia nacional, lutava por tentar um papel político correspondente¹⁸⁴.

Desde sua publicação, a *Historia geral do Brasil* tem sido questionada sobre novos olhares e perspectivas historiográficas. A presença de Varnhagen na escrita da história do Brasil é ainda sentida e ressentida. Existe o interesse de pesquisadores, estudiosos da historiografia, a partir das questões do método, da escrita, da narrativa, da vida e obra varnhageniana, do *locus* que ocupa na História, no ensino de História e nos manuais, livros didáticos.

O espectro do historiador sorocabano fascina e incomoda por sua permanência das estruturas da narrativa da nação – História do Brasil. Aqui, nos propomos a lançar este mesmo olhar, sobre a obra *História das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*.

3.1. Varnhagen e a “matriz” de uma história ensinada: uma história ressentida

Retomando as considerações sobre as relações entre Varnhagen e o IHGB, tendo em vista a escrita da história no século XIX, concluímos que tal historiador dedicou-se a elaboração de uma memória oficial da nação e que o IHGB, associado a outras instituições, como a Academia Imperial de Belas Artes, o Museu Nacional, o Arquivo do Império, as faculdades de direito e medicina e o Colégio Imperial Pedro II, também se destacou nesta

¹⁸⁴ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, *op. cit.*, p. 216.

tarefa. Tanto o IHGB quanto seu consócio, Varnhagen, produziram uma história da monarquia, com uma narrativa épica¹⁸⁵.

Nesse sentido, entendemos Varnhagen como um historiador que situa na fronteira da erudição com a história, a memória, a narrativa e o ensino de história. O historiador Michel de Certeau, em seu livro *A Escrita da História*, dedicou especial atenção às práticas e aos discursos históricos. Para ele a história faz referência a um exercício científico, produtora de conhecimento, cujos modelos dependem das variações de seus métodos, técnicas, dos atrelamentos que lhe impõem o lugar social e a instituição de saber onde é versada ou das normas que necessariamente orientam sua escritura¹⁸⁶.

Nesta perspectiva faz-se necessário analisar o lugar social (o IHGB) e as práticas (concepção, metodologia e eleição de fontes) presentes na escrita varnhageniana (a narrativa do episódio da invasão e expulsão dos holandeses).

Francisco Iglésias, em *Historiadores do Brasil*, elegeu como marco fundador na história da historiografia brasileira o ano de 1838, momento de criação do IHGB. Segundo o autor,

Os traços mais notáveis do órgão, no entanto, são o pragmatismo da história e o gosto da pesquisa. Pretende-se fazer uma história que tenha função pedagógica orientadora dos novos para o patriotismo da história, com base no modelo dos antepassados. É o velho conceito de história como mestra da vida que se cultua¹⁸⁷.

Assim como Manoel Luiz Salgado Guimarães, identificou os temas norteadores relacionados a tal instituição de pesquisa, sendo eles o pensar sobre o Brasil, a partir de postulados de uma história empenhada em desvendar a origem, face da Nação, pelas pala-

¹⁸⁵ Cf. RIBEIRO, Renilson Rosa. A emergência de Mato Grosso nas páginas da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857). *Anais Eletrônicos do VI Encontro Regional de História-MT: História, Natureza e Fronteiras/I Simpósio Internacional de História Territórios e Fronteiras*. Cuiabá: ANPUH-MT, 2010, p. 445-446. Cf. RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império. Tese de Doutorado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

¹⁸⁶ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 46-47.

¹⁸⁷ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira. op. cit.*, p. 61.

vras empenhadas dos letrados do IHGB, reforçando o desejo de forjar uma imagem homogênea do país.¹⁸⁸ A história, continua o autor,

É, assim, o meio indispensável para forjar a nacionalidade. Já pela adjetivação presente em seu nome Histórico e Geográfico, fica claro o projeto da instituição de trabalhar com o instrumentário da história e da geografia. Na verdade, cada uma dessas matérias forneceria os dados imprescindíveis para a definição do quadro nacional em vias de esboço; história e geografia enquanto dois momentos de um mesmo processo, ao final do qual o quadro da Nação, na sua integralidade, em seus aspectos físicos e sociais, estaria delineado¹⁸⁹.

O que nas palavras de Pierre Nora, seria *a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais*. [...]. *A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico*¹⁹⁰.

Para Nilo Odália, em sua tarefa, missão escriturária, o historiador do naipe de Varnhagen, como um letrado do IHGB, *deve homogeneizar o passado para que as peculiaridades sejam traços distintos de um povo e não no interior de um povo. O passado deve ser retomado, reconstruído em razão do interesse maior já definido, a Nação*¹⁹¹.

Nesse sentido, o historiador-diplomata Varnhagen não se intimidou em fazer suas apropriações dos eventos do passado colonial do Brasil para legitimar a nação do seu presente, ao menos aquela idealizada em seus escritos.

No prefácio da 1ª edição da *Historia das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, à guisa de ilustração, Varnhagen relatou a dívida que havia contraído com o seu público: a produção de uma história das lutas contra os holandeses¹⁹².

¹⁸⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. op. cit., p. 14.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 14.

¹⁹⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 09.

¹⁹¹ ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo*: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna, op. cit., p. 37.

¹⁹² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Lisboa: Tipografia de Castro Irmãos, 1872, p. VI.

O visconde de Porto Seguro estava em Petrópolis, interior do Rio de Janeiro, quando o Império brasileiro declarou guerra ao Paraguai. O historiador-diplomata resolveu avivar, na lembrança daqueles que guerreavam, o exemplo de outro conflito mais antigo,

Em que o Brazil, ainda como insignificante colônia, havia lutado ao longo de vinte quatro annos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações n'aquelle tempo mais guerreiras da Europa¹⁹³.

As palavras proferidas por Varnhagen em seu prefácio deixaram em evidência uma relação não somente com a história, mas com a memória. Pierre Nora, em seu artigo “Entre Memória e História. A problemática dos lugares” estabeleceu algumas distinções entre cada um dos termos:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. [...] ¹⁹⁴.

A história das lutas pode ser lida como referência ao estudo do domínio holandês e ainda à história militar, seja como exemplo de um tipo de historiografia historicista, prestando-se ao exercício da história da historiografia e, por fim, como exemplo do uso estratégico da memória social, tendo em vista seus objetivos de afirmação da identidade e da coesão dos grupos étnicos. Assim, podemos afirmar que mais do que uma obra de histó-

¹⁹³ *Ibidem*, p. VI.

¹⁹⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História. op. cit.*, p. 09.

ria, uma produção historiográfica, a *Historia das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, é uma obra memorialística.

Em *Estado, História e Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, Arno Wehling afirma que para a construção da memória, o visconde de Porto Seguro utilizou-se da identificação dos lugares emblemáticos, pois,

Se à historiografia cabia auxiliar a promover a unidade nacional, não apenas descrevendo processos, mas apontando exemplos, a localização dos acontecimentos – os “lugares emblemáticos” de Pierre Nora – guardava especial relevância”. Varnhagen elegeu cenários nos quais se desenrolaram acontecimentos que avaliou como fundamentais para a formação da identidade nacional. Considerando sua idealização do Estado, não é de causar espécie o destaque para os locais de batalhas, como mandar construir uma capela, pelo mestre-de-campo Francisco Barreto, comemorativa da vitória sobre os holandeses no Guararapes. Ou a sua proposta de construção, no largo do Paço, de um monumento ao “patriotismo dos jovens estudantes fluminenses” que defenderam o Rio de Janeiro na invasão Duclerc¹⁹⁵.

Além dos lugares emblemáticos, ou seja, os lugares de memória, Varnhagen fez uso da tática do esquecimento. Segundo Arno Wehling, Varnhagen, *preocupado em construir obra científica, pautada pela verdade contida nos documentos, e ao mesmo tempo engajado no processo de consolidação de um Estado e um projeto nacional, muitas vezes a memória suplanta a história.*¹⁹⁶

Como podemos perceber o historiador-diplomata Varnhagen traçou sua narrativa num diálogo constante com a história e a memória. Para Walter Benjamin,

O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes

¹⁹⁵ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional. op. cit.*, p. 70.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 71.

clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna¹⁹⁷.

Varnhagen permaneceu como um dos pais fundadores da historiografia brasileira, mesmo *não tendo sido reconhecido pelo Instituto Histórico como o ‘cronista-mor’ do Império*¹⁹⁸, basta observarmos o vasto material de estudo sobre ele e sua produção historiográfica, seus fundamentos ideológicos, traços epistemológicos, metodológicos, entre outros. Mas todos estes aspectos são também objeto de críticas e adjetivações negativas, tanto pelos seus contemporâneos, quanto por estudiosos de gerações futuras.

Enquanto, de um lado, prevaleceram os elogios à sua obra, *segundo ele próprio afirmava, até de duas maiores autoridades em assuntos brasileiros, o naturalista alemão Von Martius, e o bibliotecários francês Ferdinand Denis*¹⁹⁹. Por outro lado, *encaminhada, finalmente, em 07 de dezembro de 1855 à Comissão de História, para interpor parecer, a História Geral do Brasil simplesmente caiu no esquecimento*²⁰⁰. Para Lúcia Maria Paschoal Guimarães, *as causas da frieza dos confrades da Corte, a recepção pouco calorosa era decorrente das idéias que o historiador defendia acerca da religiosidade e da organização social dos primitivos habitantes da Terra de Santa Cruz*²⁰¹.

Com o não reconhecimento dos pares do IHGB e o silenciamento do Imperador diante das suas demandas nasceu o ressentimento de Varnhagen, o seu inconformismo, certo recalque. Conforme observou Lúcia Maria Paschoal Guimarães,

Inconformado, Varnhagen tentou ainda dar um quinau nos acadêmicos do Rio de Janeiro. Ao concluir o segundo volume da História Geral, em 1857, dirigiu-se mais uma vez ao soberano, para lhe pedir que o livro fosse oficialmente adotado “nas escolas de direito e militares, e nos colégios” do Império. Benesse, que também não lhe seria concedida. Lamuriando-se das “turbas invejosas e geralmente daninhas”, queixando-se do comportamento indiferente dos letrados

¹⁹⁷ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 7ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 209.

¹⁹⁸ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. *RIHGB*. Rio de Janeiro, ano 156, n. 388, jul./set. 1995, p. 561.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 560.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 560.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 560.

ao soberano, dizia-se “(...) amargurado até pelos desfavores do Instituto... [...]”²⁰².

Esse amargor se tornou explícito ao observamos a correspondência ativa²⁰³ do historiador diplomata, em que é possível pinçar, no seu íntimo, os sentimentos, desejos e conflitos. Como sugeriu Rebeca Gontijo, é por meio das correspondências, como outros documentos pessoais, que podemos constituir a subjetividade, intimidade do indivíduo, sendo possível perceber, os seus afetos, aborrecimentos, frustrações,

A correspondência pode ser vista, portanto, como um lugar de subjetividade e de sociabilidade, pois ela permite a construção e transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas. Por intermédio dela, eles podem estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas²⁰⁴.

No artigo *História e Memória dos Ressentimentos*, Pierre Ansart propôs uma reflexão sobre os conceitos de ressentimento, história e memória, e as relações entre eles, além da compreensão e explicação do sentimento de ódio, hostilidade, que estão ocultas e que faziam parte da história. O autor discorreu sobre o conceito de ressentimento, com base nas discussões elaboradas por Friedrich W. Nietzsche, em que o mesmo cruzou a abordagem histórica, psicológica e sociopolítica. A partir desta ótica, o autor definiu o ressentimento:

[...] um conjunto de “sentimentos” em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, “a experiência continuamente renovada” da impotência rancorosa. [...]. Ressentimento reforçado pelo desejo

²⁰² *Ibidem*, p. 560-561.

²⁰³ Cf. Francisco Adolfo de Varnhagen, *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. *op. cit.*

²⁰⁴ GONTIJO, Rebeca. Entre quatre yeux: a correspondência de Capistrano de Abreu. *Escritos*. Rio de Janeiro, vol. 2, 2009, p. 52.

de reencontrar a autoridade perdida e vingar a humilhação experimentada. [...] ²⁰⁵.

As considerações de Pierre Ansart possibilitaram fazermos uma reflexão sobre a tarefa, o papel do historiador, que se encontrava frente a indícios, signos, traços, linguagens, modos de comunicação, imagens, e conseqüentemente pensarmos sobre a tarefa do historiador-diplomata Varnhagen, levando em consideração aquilo que não estava dado, mas que está implícito nas emoções, nas hostilidades, das harmonias do seu presente (Guerra do Paraguai) e do momento/acontecimento a que debruçava (*História das Lutas contra os Holandeses*).

Voltamos às colocações de Reinhart Koselleck, em *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, sobre o historiador, que ao voltar ao passado, superando as experiências e lembranças, conduzido por indagações, por anseios e inquietudes, se confronta com vestígios, que se conservam até o hoje e que chegam até nós ²⁰⁶.

O que chega até nós sobre o historiador paulista, de um lado, são adjetivações de conservador, racista, intolerante, reacionário. Por outro, conserva-se até hoje também as suas tramas narrativas por intermédio de obras que sintetizam as apropriações dos vestígios do passado e que estão presentes na matriz do ensino de História.

O ressentido Varnhagen, por ironia, legaria os “quadros de ferro” – cronologia e temas – que povoariam as páginas dos manuais escolares e conteúdos programáticos da disciplina de História do Brasil.

A obra de Varnhagen, *História das Lutas com os Holandeses*, destaca-se como uma efetiva contribuição à historiografia referente às lutas com os holandeses, tendo em vista, principalmente, os aspectos militares do tema. Constitui-se em um marco da historiografia, considerando sua presença nas produções posteriores, referentes ao tema, invasão e expulsão dos holandeses, que traduz juntamente com a *História Geral do Brasil*, o que se denomina como a matriz varnhageniana – presente na produção historiográfica e ainda nos compêndios de ensino fundamental e médio.

²⁰⁵ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 18-19.

²⁰⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. *op. cit.*, p. 305.

3.2. Compêndios escolares, livros didáticos: como lugares de memória

Neste ponto não pretendemos escrever mais um capítulo sobre a história do ensino de história ou a história dos compêndios e livros didáticos, mas a partir dos trabalhos debruçados sobre estas temáticas, pensamos como estes manuais podem ser considerados lugares de memória e instrumento pedagógico, de consciência nacional. O objetivo aqui é refletir sobre os manuais didáticos e os interesses atribuídos a estes, elencando marcos históricos dos séculos XIX e XX, que serviram de legitimadores de um saber histórico. Outro elemento a ser analisado é como a invasão holandesa foi abordada em cada um dos manuais, percebendo as continuidades e rupturas acerca da temática abordada, ou seja, compreender como e porque tais obras instituíram suas interpretações sobre a invasão holandesa.

A escolha das fontes aqui analisadas se deu ao considerarmos alguns pontos relevantes na história do ensino de história e dos manuais didáticos sobre a história do Brasil, elegemos aquele produzido no Brasil Império, contexto do Segundo Reinado, sob a influência do IHGB, em consequência da vinculação ao projeto monárquico e elogio da colonização, e ainda aquele produzido no período republicano, final do século XIX e início do XX. Para tanto nos pautamos nos trabalhos de Circe Bittencourt, Thaís Nivia de Lima e Fonseca e de Arlette Medeiros Gasparello sobre história e ensino de história do Brasil.

As investigações de Bittencourt servem de referência para compreendermos a origem desses materiais didáticos vinculados ao poder instituído, as práticas escolares e a utilização dos materiais didáticos em sala de aula. Segundo a autora,

A origem do livro didático está vinculada ao poder instituído. A articulação entre a produção didática e o nascimento do sistema educacional estabelecido pelo Estado distingue essa produção cultural dos demais livros, nos quais há menor nitidez da interferência de agentes externos em sua elaboração²⁰⁷.

²⁰⁷ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar: 1810 -1910*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 23.

Na leitura de Circe Bittencourt, o livro, manual didático, pode ser considerado um objeto cultural, cuja definição é um trabalho árduo para o historiador do ensino de História:

Por ser complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para sua elaboração e uso existem muitas interferências²⁰⁸.

Tais reflexões vão de encontro com os estudos de Arlette Gasparello, em seu artigo *O livro didático como referência de cultura histórica*, no qual afirmou

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB), em 1838, possibilitou as condições institucionais para o surgimento de uma historiografia brasileira, produzida por autores nacionais. O IHGB serviu ainda como legitimador das publicações didáticas de história do Brasil, e seus autores preocupavam-se em apresentá-las à instituição para serem reconhecidos. Em meados do século, foi publicada a primeira síntese erudita da formação nacional de autor brasileiro, a História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854) - obra que se tornaria referência para as publicações nessa área, tanto as consideradas eruditas quanto as dedicadas ao ensino²⁰⁹.

Em relação a essas questões concernentes ao ensino de História no e do Brasil, Thais Nivia de Lima Fonseca, nos apontou alguns aspectos para análise. Segundo a autora, *é difícil precisar o ensino de História no Brasil antes das primeiras décadas do século XIX, quando se constituía o Estado nacional e eram elaborados os projetos para a educação no Império. [...]*²¹⁰.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 26.

²⁰⁹ GASPARELLO, Arlette Medeiros. O livro didático como referência de cultura histórica. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos (orgs.). *A escrita da História Escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, p. 268-269.

²¹⁰ FONSECA, Thaís Nívia de Lima. *História & Ensino de história*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 37.

A afirmação de Fonseca corroborou as de Gasparello e conseqüentemente as de Bittencourt, ao enfatizar que seria o IHGB e seus artífices quem iriam consolidar as bases duráveis para a constituição e surgimento de uma escrita da história que se tornou o conteúdo de manuais didáticos de ensino de História do Brasil. Ao traçar a trajetória da História como disciplina escolar no Brasil, assinalou para os aspectos de exaltação da pátria ou formação do cidadão. Fonseca se voltou para a administração pombalina, na segunda metade do século XVIII, que

[...] ilustra bem a compreensão, por parte do Estado, influenciado pelo Iluminismo, do papel da educação no processo de modernização e de desenvolvimento. A ilustração esteve profundamente ligada às ideias de progresso, de civilização, de humanidade e de crença nas leis e na justiça como promotoras do bem-estar e da felicidade dos homens. A conquista do grau de civilização poderia ocorrer pela aplicação sistemática de princípios racionais, por meio do planejamento e do estudo. [...] ²¹¹.

Para a autora, o período que se estendeu do século XIX até a década de 30 do século XX terá uma elite política e intelectual, que mantinham relação de poder com o Estado e, por conseguinte com as instituições ligadas a ele, no caso IHGB, preocupada com a importância da temática referente à construção de uma identidade nacional, buscando na educação o lugar e o instrumento civilizador, unificador e edificador da identidade nacional brasileira. É nesse cenário que emergiria o projeto de escrita da história da nação de Varnhagen.

Do século XIX até a década de 30 do século XX essas elites colocaram a questão da identidade no centro de suas reflexões sobre a construção da nação, o que os levou a considerar detidamente o problema da mestiçagem, visto na sua perspectiva mais preocupante, isto é, aquela que envolvia a população afro-brasileira. Não por acaso esta questão ocupou o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, em sua missão de elaborar uma história nacional e de difundi-la por meio da educação, mais precisamente por meio da história do Brasil. Von Martius propunha uma história que partisse da mistura das três raças para explicar a formação da nacionalidade brasileira, ressaltando o elemento branco e sugerindo

²¹¹ *Ibidem*, p. 39-40.

um progressivo branqueamento como caminho seguro para a civilização. Uma vez produzida, essa história deveria ser conhecida por todos e a melhor maneira de fazê-lo seria pela escola. Do IHGB ela passaria diretamente às salas de aula por meio dos programas curriculares e dos manuais didáticos, em geral escritos pelos próprios sócios do Instituto²¹².

Estes trechos acima citados possibilitaram um diálogo que será desenvolvido daqui adiante, tendo em vista o papel de Varnhagen no IHGB e de suas obras históricas no contexto de ensino de História no e do Brasil.

Em linhas gerais, tecer essas reflexões nos auxilia no processo de identificação e compreensão da escrita da história, da narrativa varnhageniana, em específico a obra *História das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, publicada em 1872, levando em consideração as concepções, os conceitos de história, memória e narrativa do historiador-diplomata, o papel que lhe é atribuído dentro uma história de cunho edificador, moral, cívico, memorial, pelos exemplos que traz dos sujeitos históricos que evidencia em sua obra, fazendo com que outros sujeitos projetem a possibilidade de construção de novos aprendizados, experiências e conhecimentos.

As marcas da narrativa varnhageniana podem ser vislumbradas nas tramas didáticas de manuais escolares de autores como Joaquim Manuel de Macedo e nas supostas contestações ao ‘quadro de ferro’ varnhageniano, postas por João Ribeiro, sem perder as especificidades de abordagem de cada autor.

3.3. As lutas contra os holandeses nas páginas dos manuais de Joaquim Manuel de Macedo e de João Ribeiro

Francisco Adolfo de Varnhagen, ao escrever a *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, destacou particularmente os aspectos militares da temática. As obras posteriores podem e puderam, assim, complementar e suplantar, em matéria documental e interpretativa tal investigação, fato recorrente nas pesquisas históricas.

²¹² *Ibidem*, p. 46.

A obra de Varnhagen pode ser lida como um exemplo de um determinado tipo de pesquisa historiográfica, por se prestar a um exercício de história da historiografia e como exemplo do uso estratégico da memória social para objetivos que visam a afirmação de identidade e de coesão de grupos étnicos.

Os manuais aqui analisados prestam-se a outros objetivos, suas produções são movidas por outras intencionalidades, por terem sido produzidos em contextos temporais distintos.

Arno Wehling, em *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, fez uma reflexão sobre a presença da matriz varnhageniana no ensino de história de primeiro e segundo graus. Segundo o autor,

Em relação aos compêndios escolares, por mais de um século vigorou o que poderia ser chamada “a matriz varnhageniana”, um modelo pragmático com algumas características bem precisas. A partir da presença da história do Brasil no Colégio Pedro II, desde a década de 1830 e de sua introdução em outros estabelecimentos de ensino, tornou-se necessária a elaboração de manuais que orientassem os professores em suas classes²¹³.

Entre aqueles que produziram compêndios escolares, destacamos Joaquim Manuel de Macedo, romancista e jornalista, que publicou em 1861 o livro *Lições de história do Brasil*. Neste período, Macedo era professor de História do Brasil do Colégio Pedro II e membro do IHGB. Outro autor que se destaca, pela produção de compêndios, é João Ribeiro, professor do Colégio Pedro II, que em 1900 lançou *História do Brasil*.

Enquanto a obra de Macedo transpunha a matriz de Varnhagen, caracterizada pelo nacionalismo, patriotismo, pelos heróis, aspectos militares e defesa de unidade nacional, João Ribeiro evidenciava e valorizava os aspectos não contemplados a fundo na obra de Varnhagen, como a formação étnica e os movimentos de colonização do interior do Brasil nos séculos XVII e XVIII²¹⁴.

²¹³ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional. op. cit.*, p. 212.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 214-215.

Interessa-nos aqui demonstrar como a temática das lutas contra os holandeses no Brasil é evidenciada por Macedo e por Ribeiro em seus manuais escolares, levando em consideração as intencionalidades de cada autor e suas relações com a obra de Varnhagen.

Joaquim Manuel de Macedo redigiu as *Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II* e as *Lições de História do Brasil para uso das escolas de Instrução Primária*, publicadas em 1861 e 1863, editadas respectivamente, sendo a segunda obra aqui analisada. Para Selma Rinaldi,

Obras de grande repercussão didática, elas seriam, em larga medida, as divulgadoras dos princípios e conteúdos fixados por Francisco Adolfo de Varnhagen em sua *História Geral do Brasil*, publicada em 1854. Obras de perfil conservador, elas fixariam para as sucessivas gerações da boa sociedade imperial conteúdos, métodos, valores e imagens de uma História do Brasil que cumpria o papel de não apenas legitimar a ordem imperial, mas também e sobretudo de pôr em destaque o lugar do império do Brasil no conjunto das “Nações civilizadas” e o lugar da boa sociedade no conjunto da sociedade imperial, permitindo, assim, a construção de uma identidade²¹⁵.

Todas as lições que compõem a obra de Macedo foram escritas em número reduzido de páginas, acompanhadas de explicações, quadros sinóticos e de perguntas. Para Macedo,

Uma obra escripta para servir ao estudo de meninos não deve ser longa, e o nosso compendio à primeira vista desagradará pela sua apparente extensão; afigura-se porém que um rápido exame do livro demonstrará que este só avulta pelas explicações, pelos quadros synopticos e pelas perguntas que seguem às lições com o fim de facilitá-las, e de gravá-las na memória dos discípulos. Em trabalhos d'este gênero o methodo é sempre de importância essencial: ora é exactamente nas explicações, nas perguntas, e nos quadros synopticos annexos às lições, que se encontram as bases principaes do methodo que adotamos. Mas especialmente nas escolas de instrucção primária o professor é a alma do livro, e não há methodo que aproveite, se o professor não lhe da vida applicando-o com paciência e consciência no ensino. Um menino que tem decorado uma lição

²¹⁵ MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access Ed., 2000, p. 17.

nem por isso sabe a lição: para que saiba é indispensável que compreenda o que exprimem, o que significam as palavras que repetio de cor; por esta razão anexamos no nosso compendio a cada lição algumas explicações, que o professor deve completar ajuntando a essas tantas outras quantas forem necessárias²¹⁶.

Assim ficaram expressas as intencionalidades e objetivos do autor: pedagogia da nação, preocupada na construção do cidadão, o público que queria atingir, tendo em vista o plano adotado para compor sua obra.

Para tanto, faz-se necessário compreender o contexto da produção da obra de Macedo,

Neste Império do Brasil onde o unitarismo, a centralização político-administrativa, a transformação da boa sociedade em classe senhorial e a manutenção da ordem escravista eram construções a serem conservadas e consolidadas cotidianamente, mais do que nunca tornava-se necessário ordenar, civilizar e instruir. E nessa tarefa o manual didático e o professor deveriam exercer um papel significativo. Sendo Macedo professor de História do Brasil no Colégio Pedro II, podia avaliar com justeza o papel de um professor na difusão daquele conhecimento. Como podia avaliar o papel do compêndio, uma espécie de mestre coletivo ou múltiplo, com menor esforço e dificuldade que aquele outro de carne e osso, atingia as mais longínquas regiões do Império. Temas, imagens e conceitos irradiavam-se pelos mais diferentes pontos do Império a partir da Corte²¹⁷.

Os temas e conceitos e a forma como estão dispostos na obra revelam também o que o animava e os objetivos que gostaria de alcançar. A obra *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária* é composta por sessenta e três lições, sendo que são dedicadas sete delas (sessenta e nove páginas) à temática da invasão e luta contra os holandeses no Brasil: a Lição XVII *Primeira Invasão dos Holandeses – Perda e restauração da cidade do Salvador (1624-1625)*, Lição XVIII *Segunda Invasão dos Holandeses – Perda de Olinda e do Recife e subsequente guerra até a retirada de Mathias de Albuquerque (1630-1635)*, Lição XIX *Guerra Holandesa – Desde a retirada de Mathias de Albu-*

²¹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária*. 9 ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1906, p. 04.

²¹⁷ MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. *op. cit.*, p. 90-91.

querque até a aclamação de D. João IV no Brasil (1635-1641), Lição XX O Estado do Maranhão – E as diversas capitanias da Bahia para o sul, desde a primeira invasão dos holandeses até a restauração de Portugal (1624-1641), Lição XXI Guerra Holandesa – Desde a aclamação de D. João IV até o rompimento da insurreição pernambucana (1641-1645), Lição XXII Guerra Holandesa – Desde o rompimento da insurreição pernambucana até a primeira batalha dos Guararapes (1645-1648), Lição XXIII Guerra Holandesa – Desde a segunda batalha dos Guararapes até o tratado de paz celebrado entre Portugal e a Holanda (1648-1661).

Percebemos as influências da narrativa varnhageniana na obra didática de Macedo por meio das demarcações temporais, dos fatos e dos termos utilizados na composição dos títulos de cada lição. A *História das Lutas* de Varnhagen está disposta da seguinte maneira: *Prefácio, Post facio*, Livro Primeiro – *Primeiras hostilidades, especialmente contra a Bahia*, Livro Segundo – *Desde a perda de Olinda até a deserção do Calabar*, Livro Terceiro – *Desde a deserção de Calabar à perda Paraíba*, Livro Quarto – *Desde a perda da Paraíba até a nomeação de Nassau*, Livro Quinto – *Desde a nomeação de Nassau até a aclamação de D. João IV*, Livro Sexto – *Desde o sítio da Bahia até a aclamação de D. João IV*, Livro Sétimo – *Da aclamação de D. João IV à restauração do Maranhão e retirada de Nassau*, Livro Oitavo – *Novos esforços para restaurar Pernambuco e seus resultados*, Livro Nono – *Sítio do Recife. Primeira acção dos Guararapes. Resultados. Angola*, Livro Décimo e Último – *Da morte do Camarão ao fim da guerra e paz definitiva e Notas*.

Assim como Varnhagen em *História das Lutas*, Macedo em *Lições* procurou enfatizar os exemplos do passado, como amor e heroísmo, virtudes cívicas, a crença no poder monárquico, manutenção da unidade, integridade territorial do Império do Brasil, o futuro da nação. A temática da guerra holandesa apresentava-se de maneira positiva a estes objetivos dos autores.

Macedo narrou os aspectos político-administrativos e militares da guerra contra os holandeses, apresentando de modo implícito o papel civilizador da guerra, momento de constituição da consciência nacional e, explicitamente, o caráter de formação do povo brasileiro, composto das três “raças” – negra, índia e branca, e de unidade e defesa territorial –

com os mesmo adjetivos com os quais Varnhagen denominou essas “raças” e refletia sobre o território brasileiro.

Na Lição XVII *Primeira Invasão dos Holandeses – Perda e Restauração da Cidade do Salvador (1624-1625)*, Macedo apresentou-nos a gênese das hostilidades holandesas, conforme vemos a seguir,

O governo opressor e cruel de Philippe II, rei da hespanha, tinha provocado uma revolução nos *Paizes Baixos*, onde em 1559 se constituiu uma republica chamada das Provincias Unidas, que em poucos annos tornou-se a mais arrojada potencia marítima da Europa. Philippe II não pôde vencer essa republica, e seu filho Philippe III, cansado de uma guerra inútil e desastrosa, concluiu Ella a 9 de Abril de 1609 uma trégua de doze annos. A Hollanda (republica das Provincias Unidas) vendo próxima a terminar-se a trégua supradita, tratou de preparar-se para continuar a guerra, e como a Hespanha tirava do seio da America prodigiosas riquezas que eram elvadas para a Europa em seus famosos galeões, organisou-se em 1621 n’aquella republica uma companhia com avultados cabedades, e com grandes privilégios e auxílios garantidos pelo governo, tendo por fim não só apoderar-se no d’aquelles thesouros por meio de suas esquadras, como principalmente conquistar algum dos importantes paizes do domínio hespanhol. A companhia chamou-se das *Indias Occidentaes*, porque se destinava a operar na America, bem como uma outra das *Indias Orientaes* desde 1602 operava na Asia, com immensos prejuízos para a Hespanha, que ali tinha importantes domínios. Um conselho de dezenove membros, que por isso se intitulava conselho dos XIX, tomou a direcção da companhia das Indias Occidentaes, conforme os seus regulamentos, e em 1623 resolveu fazer invadir o Brasil, e de preferênciã conquistar a cidade do Salvador, e sendo este projecto approved pelo governo da republica, equipou uma esquadra de vinte e três navios e três yachts conduzindo mil e setecentos soldados, além de mil e seiscentos marinheiros da tripolação; o almirante foi Jacob Willenkens; o vice-almirante Pieter Pieters-zoon Heyn; o commandante das tropas e futuro governador dos paizes que se conquistassem, Jhan van Dorth. [...]. A esquadra hollandeza fez-se ao mar em Janeiro de 1624, e com a única excepção do navio em que ia Jhan van Dorth ancorou no dia 8 de Mario diante da Bahia de Todos os Santos²¹⁸.

²¹⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria*. *op. cit.*, p. 144.

O relato de Macedo corroborou com os de Varnhagen, dispostos no Livro Primeiro – *Primeiras Hostilidades, Especialmente contra a Bahia*, na obra *Historia das Lutas*, conforme observamos em um dos trechos abaixo,

No dia 8 de maio de 1624, foram avistadas as velas inimigas e, desde logo mandou o governador tocar a rebate e, juntando-se de novo a gente, a distribuiu como julgou acertado. O bispo apresentou-se, nessa mesma tarde, com uma companhia de eclesiásticos armados e, percorrendo as estâncias, exortava todos à defesa, o que igualmente, a seu exemplo, praticaram vários indivíduos das ordens religiosas, as quais, aliás, bastante faziam, então, avultar o numero dos moradores da cidade²¹⁹.

Mas que *gente* era essa que o bispo exortava a todos em defesa territorial brasileira? Alguns nomes apareciam de forma a representar e guiar essa *gente* branca, índia e negra.

Macedo, na Lição XVII *Segunda Invasão dos Holandeses – Perda de Olinda e do Recife e subsequente guerra até a retirada de Mathias de Albuquerque (1630-1635)*, relatava que

A companhia das Indias Occidentaes resolveu atacar de novo o Brasil, e projectando a conquista de Pernambuco, preparou uma esquadra de mais de setenta navios, levando por commandante geral Hendrick Corneliszoon Loneq, por almirante Peter Andryens, e por general das tropas da expedição Diederik van Weerdenburch. Ainda esta vez a corte de Madrid foi a tempo avisada do perigo, e Mathias de Albuquerque, que então se achava n'essa capital, recebeu ordem de voltar para Pernambuco encarregado de prover as fortificações da cidade da costa pernambucana, e de exercer na capitania um governo independente do da cidade do Salvador. Mathias de Albuquerque chegou a Pernambuco a 19 de Outubro de 1629, trazendo por único auxilio três caravellas e vinte e sete soldados; e não achando na capitania nem tropas regulares, nem dinheiro, nem materiaes, mal pode cuidar convenientemente nas defezas. Aos 14 de Fevereiro de 1630 mostrou-se diante de Olinda a armada hollandeza, e no dia seguinte rompeu o fogo, ao mesmo tempo que Weerdenburch desembarcava com três mil homens no Pao Amarello, cerca de quatro léguas ao norte de Olinda, marchando na madrugada

²¹⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654. op. cit.*, p. 17-18.

da de 16 de Fevereiro sobre esta cidade, e tomando-a no mesmo dia, depois de ter batido na passagem do rio Doce a Mathias de Albuquerque, que valentemente lhe quiz disputar o passo²²⁰.

Neste fragmento podemos encontrar o elemento branco da formação do povo brasileiro, representado, de início, *valentemente* por Mathias de Albuquerque. Varnhagen, no Livro Segundo – *Desde a perda de Olinda até a deserção do Calabar*, da *História das Lutas*, não mediu as palavras para descrever as benfeitorias de Mathias de Albuquerque, em defesa de parte do território brasileiro, Pernambuco:

Pelo que respeita a Mathias de Albuquerque, o mencionado manifesto faz-lhe justos elogios, dizendo: O valor do general Mathias de Albuquerque fez recordar a nobreza d'este povo dos sustos que tão divertidos os tinham. Mais explícitos foram os conselheiros de Estado em Portugal que, dando-se voto em consulta de 29 de abril, disseram: “E todos, de conformidade notaram que, pelo que se entendia destes avisos, Mathias de Albuquerque tinha procedido, com toda a satisfação, que se deve ter por coisa muito útil e importante, no desamparo em que se achou sua gente, e tão rodeado de inimigos, ter acordo e industria para queimar os navios e a carga de açúcar²²¹”.

Outro elemento formador do povo brasileiro salientado na obra de Macedo seria o indígena, representado pelo índio Poty, ou Camarão. Na mesma lição supracitada, Macedo continuou narrando a segunda invasão dos holandeses e as atitudes político-administrativa de Mathias de Albuquerque, que

[...] em uma vasta planície que se estende entre o Recife e Olinda e em uma pequena eminência a uma légua d'aquella povoação, fundou Mathias de Albuquerque um arraial bem fortificado, que recebeu o nome de Bom Jesus, e reunindo ahi as forças cabidas com elle da cidade, e as que foram chegando do interior, adoptou o systema de guerra que então mais convinha, creou as famosas companhias de emboscada, de uma das quaes foi capitão o celebre índio Poty (Camarão), natural do Ceará, e depois conhecido por Antonio Philippe Camarão, e assim conteve os Hollandezes, impedindo até a com-

²²⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria*. *op. cit.*, p. 154-155.

²²¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Hollandezes no Brazil desde 1624 a 1654*. *op. cit.*, p. 55-56.

municação do Recife e Olinda por aquelle lado, e de tal modo que, alem de outros, o general Loneq sahindo com numerosa escolta e cahindo na emboscada de Camarão, foi completamente batido, e só deveu a vida ou a liberdade à carreira veloz de seu cavallo²²².

Doutor Macedinho, como era conhecido no Colégio Pedro II, na Lição XXII *Guerra Hollandeza – Desde o rompimento da insurreição pernambucana até a primeira batalha dos Guararapes*, caracterizou Camarão como índio ilustro, hábil capitão, intrépido soldado, notável pelos seus serviços, que o levou a merecer do rei Philippe IV a graça do titulo de Dom para ele e seus herdeiros, o foro de fidalgo, o habito da ordem de Christo com um pensão pecuniária e a patente de capitão-mor²²³.

O elemento indígena aparecia na obra de Varnhagen (no caso do índio Camarão), na *História geral do Brazil* e posteriormente na *História das Lutas*, associado aos aspectos civilizacionais, caracterizados como bravos e disciplinados, nos moldes que se pedia a boa sociedade, como indicou Macedo, para a construção e consolidação de um Estado imperial.

D. Antonio Filippe Camarão (traduzindo-se este appellido do de Poty que levava como selvagem, e que significa o mesmo), unido á causa da civilisação desde o estabelecimento da capitania do Ceará, não cessára jamais de prestar serviços importantes, já contra os Francezes na costa do norte, já contra os Hollandezes na Bahia e em Pernambuco, já contra os próprios selvagens. Ao vê-lo no fim da vida tão bom christão, e tão differente do que fora, e do que haviam sido no mato os seus pais, não ha que argumentar entre os homens com superioridade de gerações; sim deve abysmar-nos a magia da educação, que, ministrada embora á força, opera taes transformações que de um Barbaro prejudicial á sociedade se pode conseguir um cidadão util a si e á patria. – O illustre commendador Camarão era mui bem inclinado, commedido e Cortez, e no falar mui grave e formal; e consta que não só lia e escrevia bem, como que não era estranho ao latim. – Era um typo do soldado modesto, que combate pela pátria na idéa de não ter feito mais do o seu dever²²⁴.

²²² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria*. *op. cit.*, p. 154-155.

²²³ *Ibidem*, p. 198.

²²⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. Tomo I. *op. cit.*, p. 22.

Na *História das Lutas*, Camarão apareceu novamente, compondo o panteão de heróis, que se uniram contra os inimigos estrangeiros, especificamente no Livro Quarto – *Desde a perda da Paraíba até a nomeação de Nassau*. De acordo com Varnhagen, o herói índio Camarão serviu seus valiosos serviços à nação, nas companhias de emboscadas organizadas por Mathias de Albuquerque. Eram os índios armados, liderados por Camarão que rompiam as marchas, para descobrirem os melhores caminhos para os militares de Albuquerque. Além de exercerem funções de exploradores, faziam a retaguarda da guerra contra os holandeses²²⁵.

Outro elemento formador do povo brasileiro seria representado pelo negro, Henrique Dias, que nas descrições de Macedo e Varnhagen também aderiu à causa nacional, juntamente com outro elemento branco, André Vidal de Negreiros.

Na Lição XIX *Guerra Holandesa – Desde a retirada de Mathias de Albuquerque até a aclamação de D. João IV no Brasil (1635-1641)*, Macedo apresentou-nos o papel de Henrique Dias e de André Vidal de Negreiros nas lutas contra os holandeses. De acordo com o autor,

A 29 de novembro de 1635, chegou às Alagoas uma esquadra hespanhola, trazendo uma expedição de mil setecentos homens sob as ordens de D. Luiz de Rojas y Borja nomeado para render Mathias de Albuquerque, e desembarcados o general e os soldados, seguiu para a Bahia a levar-lhe o novo governador-geral Pedro da Silva, que tomou posse em dezembro do mesmo anno. Mathias de Albuquerque entregou ao seu sucessor o comando das tropas a 15 de dezembro de 1635 e voltou para a Europa, onde seus relevantes serviços só muito mais tarde foram reconhecidos e premiados. Rojas y Borja resolveu imediatamente continuar a guerra, tomando de ofensiva; e pondo-se em marcha na direção de Porto Calvo, sahio-lhe ao encontro Artichofski com mil e trezentos holandezes, e a 18 de janeiro de 1656 foi pelejada uma batalha, em que ficou morto o general hespanhol, e derrotado o seu exercito, que só escapou a uma total destruição, graças ao socorro a tempo trazido por Camarão e pelo capitão Francisco Rebello. O conde Bagnuolo tomou o comando das tropas, e mais amestrado n'aquella guerra, encetou um systema de guerrilhas que, dirigidas por Camarão, pelos capitães André Vidal de Negreiros, Rebello, Souto, e por Henrique Dias, o

²²⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654. op. cit.*, p. 128-129.

nobre negro chefe de uma força de negros, causaram os maiores danos e prejuízos aos Holandeses²²⁶.

As menções à André Vidal de Negreiros (branco), a Camarão (índio) e a Henrique Dias (negro), ou seja, aos elementos constituintes do panteão de heróis da nacionalidade no compêndio de Macedo ainda apareceriam nas lições XXI *Guerra Holandesa – Desde a aclamação de D. João IV até o rompimento da insurreição pernambucana (1641-1645)*, XXII *Guerra Holandesa – Desde o rompimento da insurreição pernambucana até a primeira batalha dos Guararapes (1645-1648)*, e ainda, XXIII *Guerra Holandesa – Desde a segunda batalha dos Guararapes até o tratado de paz celebrado entre Portugal e a Holanda (1648-1661)*.

Cabe ressaltar um trecho em que Macedo, na Lição XXI, ao se debruçar sobre o período que se estendeu de 1641 à 1645, descreveu como os três elementos formadores se uniram contra o inimigo estrangeiro, a Holanda, antes do último período de guerra no Brasil, que se estendeu de 1645 à 1654. Segundo Macedo,

Ajustado quando foi preciso, e concertados todos os planos com a promessa de auxílios secretos do governador-geral do Brasil, voltou Vidal de Negreiros para a Bahia, e nomeado logo, a fim de dar execução à difícil empreza, governador da fronteira do norte, que era o rio Real, apenas ali chegou fez partir para os sertões de Pernambuco o capitão Antonio Dias Cardoso com setenta soldados, e a 25 de março de 1645 o bravo Henrique Diaz com toda a sua gente, e sob pretexto de perseguir a este o famoso D. Antonio Philippe Camarão com seus índios²²⁷.

Por meio deste fragmento é possível percebermos novamente como Macedo seguiu os caminhos traçados por Varnhagen, no que concernia a temática da invasão holandesa. Macedo era sintético em seu método de exposição, como se fizesse um resumo da narrativa, ou seja, como se apresentasse sumariamente as idéias de Varnhagen. No Livro Oitavo – *Novos Esforços para restaurar Pernambuco e seus Resultados*, da *História das Lutas*, a

²²⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria*. *op. cit.*, p. 166-167.

²²⁷ *Ibidem*, p. 187-188.

guisa de ilustração, o visconde de Porto Seguro apresentou-nos uma descrição mais densa e detalhada dos fatos.

Apenas Vidal regressou à Bahia e deu conta ao governador de quanto ajustara, foram destacados daí para Pernambuco, por terra, uns 40 soldados de linha, “todos destros na milícia e capazes de serem oficiais na guerra e governar companhias”, às ordens do valente e ativo Capitão Antônio Dias Cardoso e dos distintos oficiais Paulo Veloso e Antonio Gomes Taborda. Em pequenas partidas e por sertões desviados, chegou, esta diminuta força, a reunir-se, em uma paragem determinada da mata de pau-brasil, que, a pouca distância do Recife, estendia-se por umas quatro léguas, além dos Apipucos, entre os engenhos do Borralho e Maciape. Fernandes Vieira, que fora arrematante do contrato do mesmo pau-brasil, encarregava-se de ocultar e prover, na mata, sustento para todos, até o momento oportuno de rebentar a insurreição. Era já uma pequena escolta, com cujo apoio, um homem, um pouco afoito, com fermento que havia no povo, podia bem ter intentado lançar um primeiro grito de revolta. Não era, porém, suficiente para os propósitos de Fernandes Vieira, decidido a nada intentar sem prever, desde logo, o resultado. Exigiu este chefe, para efetuar o rompimento, que novas forças avançassem, sob quaisquer pretextos, da Bahia para Pernambuco. Era tirar à insurreição todo caráter de espontaneidade; mas tais foram as insistências que Dias Cardoso se viu obrigado a regressar á Bahia; o que, felizmente, tão solícito e ativo andou, que, já em janeiro de 1645, regressava da Bahia de todo despachado, levando consigo o título de nomeação de Vieira como “Capitão-mor e Governador da Guerra”, e a promessa de que em breve seguiriam, devassando a fronteira do Rio Real, as tropas do Camarão e Henrique Dias²²⁸.

Com este trecho é possível perceber a influência da escrita varnhageniana na obra de Macedo, seja na arquitetura do manual didático e na disposição dos títulos das lições, seja na apresentação dos conteúdos, fatos, feitos e datas.

Tal situação não se repetiria na obra de João Ribeiro, que procurou evidenciar aspectos que não foram contemplados a fundo por Varnhagen e muito menos por Macedo, especialmente no que se referia à temática da invasão holandesa.

João Ribeiro foi professor do Colégio Pedro II, na época do Ginásio Nacional, sendo nomeado e assumindo em 1890 para a cadeira de História Geral. Além disso, era

²²⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654. op. cit.*, p. 197.

membro da Academia Brasileira de Letras, do IHGB, crítico literário, poeta, artista plástico e tradutor de livros²²⁹. Ribeiro produziu alguns livros destinados ao ensino de História, como por exemplo, *História Antiga* (1892), *História do Brasil, Curso Primário* (1900), *História do Brasil, Curso Médio* (1900), *História do Brasil, Curso Superior* (1900) e *História da Civilização* (1932).

A sua obra, aqui analisada, *História do Brasil (Curso Superior)*, lançada em 1900, reorganizou os conteúdos de história, apresentando uma história nacional e também local, evidenciando um Brasil fruto do colono, do jesuíta e do mameluco, da ação indígena e de escravos negros – personagens que compunham o quadro de sua obra.

Na *Introdução* de seu compêndio, Ribeiro retomando a tradição de escrita dos primeiros cronistas e historiadores, que denominavam suas obras de Notícias ou Tratados do Brasil, chegou a algumas conclusões. De acordo com Patrícia S. Hansen,

Seu livro História do Brasil expressa de maneira bastante eloqüente de que modo algumas experiências vividas por sua geração implicavam em uma revisão da história do Brasil, fundamentada sobre pressupostos que estavam tornando hegemônicos na produção historiográfica, para que o ensino da disciplina cumprisse seu papel em um momento considerado decisivo para o destino do país²³⁰.

Devido o fato de o Brasil ter se tornado uma nação, este tipo de escrita se perdeu e passou a ser escrito nos moldes do estilo europeu. Isso fez com que os estudiosos não olhassem mais para o interior do Brasil e passassem a olhar para os movimentos externos, para as questões políticas e administrativas, de ocupação territorial e das batalhas. Ribeiro entendeu que os livros didáticos carregavam este modelo de análise, conforme ele mesmo expôs: *em geral, os nossos livros didáticos da história pátria dão excessiva importância á*

²²⁹ Cf. ARARIPE JUNIOR, Tristão A. João Ribeiro. Filólogo e historiador. In: RIBEIRO, João. *História do Brasil (Curso Superior)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901, p. V – XVI; BITTENCOURT, Circe Maria F. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008; GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

²³⁰ HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro e o ensino da História do Brasil. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). *Histórias do ensino da história no Brasil*. Rio de Janeiro: Access Ed., 1998, p. 45.

*acção dos governadores e á administração, puros agentes (e sempre deficientíssimos) da nossa defeza externa*²³¹.

A crítica aos livros didáticos não eram vazios de sentido, pois estava se contrapondo aos manuais que tinha inspiração na obra de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, especialmente a *Lições de História do Brasil* de Macedo, que como sabemos foi adotada por anos no Imperial Colégio Pedro II, da qual era também professor. Na *Introdução* de sua obra, ainda, Ribeiro lançou duas questões que interessa-nos e as responde:

O que resta entre nós dos hollandezes? Nada, senão os effeitos do monopólio e uns começos de sensibilidade pessoal e autonoma que nos produziu a irritação da lucta. Qual o vestigio dos hospanhos em 60 annos de domínio? A possibilidade de formar sem contestação o Brasil maior e romper o estreito óbice do meridiano da demarcação. Nenhum dos dous grandes resultados é caracteristicamente hollandez ou hespanhol e a elles podíamos chegar por outros instrumentos do nosso destino²³².

É a partir deste questionamento de Ribeiro que iremos analisar como a temática da invasão holandesa foi tratada em sua obra. Segundo Ribeiro, a edificação – formação do Brasil foi realizada pelo Brasil interno e não por questões externas, pois

Ao contrário, nas suas feições e physionomia, o Brasil, o que elle é, deriva do colono, do jesuíta e do mameluco, da acção dos índios e dos escravos negros. Esses foram os que descobriram as minas, instituíram a criação do gado e a agricultura, catechisaram longínquas tribus, levando assim a circulação da vida por toda parte até os últimos confins. Essa historia a que não faltam episódios sublimes ou terriveis, é ainda hoje a mesma presente, na sua vida interior, nas suas raças e nos seus systemas de trabalho que podemos a todo o instante verificar. Dei-lhe por isso uma grande parte e uma consideração que não é costume haver por ella, neste livro²³³.

O *livrinho*²³⁴, como apresentou Ribeiro, e, sobre o qual nos debruçamos, em sua 2ª edição, foi publicado pela Livraria Cruz Coutinho, em 1901. Composto por 394 páginas,

²³¹ RIBEIRO, João. *História do Brasil* (Curso Superior). *op. cit.*, p. XVIII.

²³² *Ibidem*, p. XVII.

²³³ *Ibidem*, p. XVII-XVIII.

²³⁴ *Ibidem*, p. XVIII.

o livro é acompanhado de um prólogo de Tristão de Alencar Araripe Júnior, intitulado *João Ribeiro. Philólogo e historiador*, de uma introdução escrita para a 1ª edição, intitulada *Do Auctor*; de uma sinopse cronológica e de uma bibliografia, não apresentando qualquer imagem, quadro sinóptico, explicações, questionários – diferente de Macedo – por ser destinado ao ensino superior.

O livro é composto por nove partes, divididos em capítulos, sendo: I. *O descobrimento*; II. *Tentativa de unidade e organização da defesa*; III. *Luta pelo comércio livre contra o monopólio*; IV. *A formação do Brasil. A) A história comum*; V. *A formação do Brasil. B) A história local*; VI. *Definição territorial do país*; VII. *O Espírito de autonomia*; VIII. *O Absolutismo e a revolução – República e constituição*; IX. *O Império. Progressos da democracia*.

A temática da luta contra os holandeses no Brasil estaria disposta, na terceira parte do livro de Ribeiro, intitulada *Luta pelo comércio livre contra o monopólio (franceses e holandeses)*, e foram dedicados quatro capítulos a discorrer sobre o tema, correspondendo a dezenove páginas.

No capítulo 8, sob o título de *O verdadeiro antecedente da invasão holandesa*, Ribeiro explicou a gênese dos conflitos bélicos, apontando as razões que criaram possibilidade de haver hostilidades entre Brasil e Holanda, contrapondo a uma visão geral sobre os fatos. Segundo Ribeiro,

Em geral explica-se a agressão do holandeses ao Brasil pela guerra que sustentaram por setenta annos contra a poderosa Hespanha, defendendo a sua independência e liberdade religiosa contra os reis hespanhoes, campeoes do catholicismo. Mas essa explicação, satisfactoria em parte dos sucessos, é insufficiente para comprehendellos no todo. A história universal não se compõe apenas de dados políticos. O mesmo destino que a posição marítima á beira do littoral europeu assegurava a Portugal, caberia agora á Hollanda possuindo ainda maiores riquezas hydraulicas e um instincto de commercio ainda mais intelligente e desenvolvido²³⁵.

Por se contrapor as narrativas que partem somente das questões políticas, Ribeiro nos apresentou outra explicação para as hostilidades entre Brasil e Holanda, uma visão

²³⁵ *Ibidem*, p. 112.

diferente da de Varnhagen e Macedo, mais preocupados com as questões militares e memorialísticas. Para Ribeiro,

A agressão hollandeza, como a franceza e ingleza, explicam-se antes por um principio superior, que nesse tempo foi a consequência dos descobrimentos do oriente e do occidente, e esse principio era a lucta do livre commercio contra o monopólio. [...]. foi portanto o monopólio a razão da guerra, e não talvez a posse do território idéia suggerida mais tarde como um meio de garantir o commercio colonial²³⁶.

Em *História das Lutas*, Varnhagen não deixou de apresentar tais fatos referentes ao comércio e monopólio, conforme averiguamos no Livro Primeiro - *Primeiras Hostilidades, Especialmente contra a Bahia*²³⁷, porém deu maior ênfase as questões militares e de defesa territorial, movido pelos objetivos que já tomamos nota, em contexto distinto ao de Ribeiro, e com aspirações contrárias. Assim, podemos afirmar o mesmo de Macedo, em suas Lições, especialmente na Lição XVII *Primeira Invasão Hollandeza – Perda e Restauração da Cidade do Salvador (1624-1625)*²³⁸, que seguiu o método a fio de Varnhagen, movido pelos mesmos desejos e ideologias.

Em *Invasão, perda e restauração da Bahia (1624-1625)*, Ribeiro assemelhou sua narrativa ao que Macedo denominou de Lição XVIII *Primeira Invasão os Hollandezes – Perda e restauração da cidade do Salvador (1624-1625)*, como verificamos a seguir,

A Hollanda em guerra com a Hespanha havia assignado uma tregoa de doze annos em 1609. Um anno antes de expirado o armistico, em 1621, organisou-se naquella republica uma companhia com grandes cabedaes para o fim de com as esquadras arrancar á Hespanha os thesouros que cursavam o mar, coalhando de galeões que vinham do á Hespanha os thesouros que cursavam o mar, coalhando de galeões que vinham do Mexico, Perú e das Indias e egualmente conquistar algumas terras próprias para o commercio. << A Companhia, diz um dos nossos historiadores, chamou-se das Indais Occidentaes, porque se destinava a operar na America, bem como uma

²³⁶ *Ibidem*, p. 114.

²³⁷ Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Hollandeses no Brazil desde 1624 a 1654. op. cit.*, p. 03-43.

²³⁸ Cf. MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria. op. cit.*, p. 144-153.

outra das Indias Orientaes desde 1602 operava na Asia, com imensos prejuízos para a Hespanha. Um conselho de dezenove membros, que por isso se intitulava conselho dos XIX, tomou a direção da companhia das Indias Ocidentaes, conforme os seus regulamentos, e em 1623 resolveu fazer invadir o Brasil, e de preferência conquistar a cidade do Salvador. Equipou uma esquadra de vinte e três navios e três yachts conduzindo mil e setecentos soldados, além de mil e seiscentos marinheiros da tripulação; o almirante foi Jacob Willekens; o vice-almirante Pieter Peiters-zoon Heyn; o commandante das tropas e futuro governador dos paizes que se conquistassem, Joan van Dorth . A esquadra hollandeza fez-se ao mar em Janeiro de 1624, e com a única excepção do navioem que ia Joan van Dorth, ancorou no dia 08 na bahia de Todos os Santos²³⁹.

Em suma, todo o capítulo nono da obra de Ribeiro era uma narrativa próxima a de Macedo e de Varnhagen, senão uma referência ao trabalho de Macedo, escrita exatamente com as mesmas letras. Não vem ao caso de trazer novamente os fragmentos de Macedo e de Varnhagen, mas bastar voltarmos os olhos para as páginas quarenta e cinco e quarenta e seis deste trabalho para, enfim, percebermos todas as semelhanças da narrativa.

O tema da invasão holandesa estendeu-se em mais um capítulo da obra de Ribeiro, *Invasão de Pernambuco, Guerra da libertação (1630-1649)*. Neste capítulo, Ribeiro discorreu sobre a invasão e conquista de Pernambuco pelos holandeses – o período em que Mauricio de Nassau foi governou em Pernambuco e alguns sujeitos históricos envolvidos neste processo:

Foi o governo hespanhol avisado de que os hollandezes com grande esquadra pretendiam invadir e conquistar Pernambuco. Essa capitania pertencia a Mathias de Albuquerque, que então na Europa recebeu o ridículo auxilio de 3 caravelas e 27 soldados. A esquadra, commandada por Loneq, appareceu diante de Recife onde, por falta de defeza, obstruíram a enseiada do porto submergindo velhos navios. As tropas hollandezas desembarcaram um pouco ao norte sob o mando de Weenderburgh e com resistência insignificante tomaram Olinda e Recife, então abandonado da população, que fugira para o interior. Sucedeu aqui o mesmo que na Bahia. Organisaram-se emboscadas e guerrilhas com soldados e patriotas que se intrincheiraram a maio caminho, entre Olinda e Recife, no lugar que foi chamado o *Arraial de Bom Jesus*. A importancia d'este nucleo de reacção, ainda que exaggerada pelos chronistas, foi todavia de al-

²³⁹ RIBEIRO, João. *História do Brasil* (Curso Superior). *op. cit.*, p. 116-177.

guma significação, por que inquietava fortemente os holandezes. Mathias de Albuquerque tirou d'esses parcos recursos grande audácia de planos. Mas a lucta era, por desigual, precária. Em breve, a população percebeu que era duvidosa a conveniência de hostilizar as auctoridades holandezas em proveito das portuguezas, muito mais desposticas e cruéis. Portuguezes em grande numero aceitaram o commercio dos holandezes, que sabiam bem intencionados. [...]. Vendo-se baldo de recursos e de elemtnos de resistência, Mathias de Albuquerque anunciou a retirada convidando os que iam ser fieis a pátria e á religião a acompanharem-no. [...]. No mesmo anno uma esquadra hespanhola desembarcava nas Alagoas 1:700 homens sob o mando de D. Luiz de Rojas y Borjas, que vinha render a Mathias d'Albuquerque. Logo na primeira batalha foram derrotados por Artchofski, morrendo nella o general hespanhol. O resto das tropas ficou com o Conde de Bagnuolo, e então voltou-se de novo, por falta de exercício regular, ao systema de *guerrilhas*, em que se fizeram heroes o índio Camarao, o negro Henrique Dias e o branco Vidal de Negreiros²⁴⁰.

Em sua descrição Ribeiro não fugiu a regra estabelecida por Varnhagen, em *História das Lutas*, nem por Macedo, em sua *Lições*, apoiou-se nos dados que esses dois autores em suas respectivas obras já haviam nos apresentado, sendo que o diferencial, por exemplo, era o de reconhecer o papel de Mathias de Albuquerque, Camarão, Henrique Dias e Vidal de Negreiros, mas exaltando esses ditos heróis que compunham o panteão da nacionalidade brasileira, imputando aos *chronistas* a responsabilidade de tais significações.

Ribeiro finalizou seu trabalho fazendo referência a um poeta holandês chamado de van Haren, que tinha como expressão a frase *Verzuimd Braziel*, que significava *Brasil desamparado*. Segundo o autor,

A época do Brasil hollandez foi realmente grande e sumptuosa. Não só foi grande por serem os nossos mares, pela primeira e ultima vez, o teatro da lucta de esquadras gigantescas e das grandes acções navaes que nesse século fizeram a primeira distribuição do mundo, como principalmente pelo exemplo de cultura liberal e de civilização que a nossa terra jamais conhecera²⁴¹.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 121-122.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 127.

Em seu último capítulo dedicado, especificamente, à temática da invasão, expulsão e lutas contra os holandeses, Ribeiro teceu elogios ao período ali compreendido, em que Maurício de Nassau governou Pernambuco, onde havia liberdade religiosa, católicos com seus cultos e judeus celebrando o Sabah. Havia, ainda, a proteção do príncipe Nassau aos homens humildes e aos mais exímios; a liberdade aos negros que abandonavam a resistência portuguesa, sendo recebido posteriormente como homens livres; casamentos entre brasileiras e holandeses e, ainda, os aspectos artísticos, culturais e científicos que fazia parte do cotidiano do Brasil holandês. Porém, de acordo com Ribeiro,

Dentro em pouco tempo esse período de ouro sumiu-se. Exasperado e desgostoso pela quinhez e pela avareza e cúbica ganância da Companhia das Índias, que suspeitava em Maurício a intenção (talvez não de todo infundada) de criar um reino independente – o príncipe se demitiu da direção da nova colônia e voltou para a Europa. Mais tarde, e para obstar ao desastre que essa retirada invocára, de novo o chamam; mas impoz então as condições a que a cúbica servil dos marcadores não podia submeter-se. D’ahi da ta a ruína do Brasil hollandez. O governo passou as mãos inhabeis e agrestes de três ávidos mercieiros que inauguraram o regimen da intolerância, do arbítrio, e das vexações pecuniárias. Fazendo da administração um mero empreendimento mercantil, provocaram a antipathia dos naturaes e acordaram o desejo já sopitado da revolta. Aqueles próprios brasileiros e portuguezes que viviam contentes sob o jugo paternal de Maurício, são agora os primeiros que hasteiam o pendão da rebeldia. [...]. Agora, como antes de Nassau e como as antigas capitánias portuguezas, o principio é que aquém da linha equatorial não existem mais crimes puníveis. [...]. Caberá pois ao Brasil hollandez, esquecido e desamparado, o eputheo que lhe deu o poeta: Verzuimd Braziel!²⁴².

O que mais nos chama atenção nessas últimas palavras que Ribeiro teceu sobre o tema holandeses no Brasil é como ele descreveu a situação daquele Brasil holandês e sua gente, sob o comando de Maurício Nassau e como ele ficaria, se voltasse a ser como antes dessa administração, ou seja, como antiga capitania, colônia portuguesa: desamparado e esquecido. Essa afirmativa remete aos ideais pessoais, intelectuais e políticos de Ribeiro, no

²⁴² *Ibidem*, p. 130-131.

momento da escrita, que não se esquecia dos fatos passados durante o período que se estendeu de 1624 á 1654, das guerras contra os holandeses, trazendo a tona elementos que compunham, suplantavam e complementavam aquelas outras obras, livros que há tantos anos haviam sido produzidas e publicadas, como as de Varnhagen e Macedo.

Varnhagen escreveu a *História das lutas*, movido pelas questões de seu tempo, no calor dos conflitos do Prata e com a finalidade de recordar aos brasileiros, envolvidos na Guerra contra o Paraguai (estava em 1866), que seus patrícios já haviam enfrentado outro país ainda colônia – os invasores holandeses – e que teriam sido vitoriosos.

Macedo, ao escrever suas *Lições*, transpôs para o plano escolar a *História geral do Brasil*, e conseqüentemente, a *História das Lutas*, pois assim como Varnhagen, era um monarquista com as mesmas inspirações nacionalistas, preocupação com heróis e campanhas militares vitoriosas, além da defesa da unidade nacional. Como reafirmou Renilson Rosa Ribeiro, em análise sobre as representações criadas pelos livros didáticos de história, sobre o Brasil colonial, Macedo, em seu livro,

[...], seguindo os passos do mestre Varnhagen, contava uma história essencialmente política protagonizada pela elite administrativa e militar e adotava uma abordagem cronológica que icentivava a memorização dos fatos históricos. Além disso, Macedo pregava a necessidade da continuidade e do combate à ruptura entre passado (colônia) e presente (império), principalmente da não ruptura Portugal e Brasil no momento de independência brasileira e na legitimidade do trono bragantino na direção do novo país²⁴³.

De acordo com Arno Wehling, Capistrano de Abreu fez sérias críticas ao compêndio de Macedo, amparado na sua condição de historiador e na de professor do Colégio Pedro II, afirmando que “os quadros de ferro” das interpretações varnhagenianas foram por Macedo introduzido nas escolas através do seu manual²⁴⁴.

Em análises sobre os instrumentos didáticos produzidos na primeira República do Brasil, Carla Villamina Centeno elegeu a obra de Ribeiro como uma das mais importan-

²⁴³ RIBEIRO, Renilson Rosa. Representações didáticas do Brasil Colonial. *ETD- Educação Temática Digital*. Campinas, vol. 8, n. 2, jun. 2007, p. 56.

²⁴⁴ WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória*: Varnhagen e a construção da identidade nacional. *op. cit.*, p. 213.

tes, no intuito de compreender as funções assumidas pelo seu compêndio na relação educativa e dos conteúdos didáticos que difundida. Segundo Centeno,

João Ribeiro deve ser incluído entre os pensadores que criticavam a falta de originalidade dos intelectuais brasileiros, por produzirem teorias estrangeiras e priorizarem a história política, dando destaque aos feitos administrativos. Imbuídos dessa crítica e com os ‘olhos voltados para o interior’, tais pensadores produziram obras com intuito de entender as especificidades do povo brasileiro. Sob diferentes concepções teóricas, autores como Capistrano de Abreu, Alberto Torres, Tobias Barreto e Sylvio Romero foram importantes referências da ‘redescoberta’ do Brasil²⁴⁵.

Capistrano teve razão, ao fazer tais afirmações, como pontuou Arno Wehling e como constatamos no decorrer de nossa análise, parece ter influenciado na elaboração da *História do Brasil (Curso Superior)* de João Ribeiro. De acordo com Centeno,

A necessidade de mostrar os movimentos internos do Brasil e de afirmar as especificidades do povo pode ser compreendida como resistência ao ‘novo colonialismo’ do final do século XIX, fruto das mudanças econômicas que iniciaram um processo de profundas alterações no capitalismo, desembocando em sua fase imperialista. Essa nova fase envolveu todo o universo, ocasionando outra forma de disputa por mercados. A Europa, referência de mundo desenvolvido e mito do colonizador ‘branco’, era um modelo a ser seguido e, contraditoriamente, negado. Fator que influenciou essa busca da história ‘interior’ do Brasil, de suas particularidades, a recusa em admitir que a história do Brasil fosse construída pelos fatores externos, foi a reação a tudo que estava ligado, de alguma forma, ao passado colonial português e, sobretudo, ao Império. Essa foi uma característica dos intelectuais que abraçaram a causa republicana. João Ribeiro não nega o aspecto universal, as articulações que devem ser feitas entre a ‘história local e a externa’. Sua crítica é ao antigo regime, à monarquia, no caso do Brasil ao império e aos portugueses²⁴⁶.

²⁴⁵ CENTENO, Carla Villamaina. O compêndio História do Brasil – curso superior de João Ribeiro: análise sob a perspectiva da organização do trabalho didático. *Acta Scientiarum*. Maringá, vol. 35, n. 2, jul.-dez., 2013, p. 175.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 175.

São os fatos expostos acima que justificaram as críticas de Ribeiro à concepções de historiadores como Varnhagen, figura eminente do IHGB, articulador daqueles que apoiavam o Império, a monarquia e a seus seguidores, como por exemplo Macedo. São também os pontos acima colocados que orientaram estudiosos a elaborarem e reelaborarem suas interpretações, representações e problematizações nos manuais e compêndios sobre a história do Brasil, com o intuito de servir posteriormente como instrumentos pedagógicos, didáticos, políticos, ideológicos e/ou memorialístico.

Nesse sentido, merecem destaque as seguintes afirmações do escritor Milan Kundera: “para liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá outra cultura e lhes inventa uma outra história”.²⁴⁷

Tanto Varnhagen, quando Macedo e Ribeiro, não liquidaram os povos, não lhes tiraram a memória, não destruíram os livros, cultura, história, mas escreveram outros livros, os identificaram e descreveram culturalmente e inventaram outras histórias. No que se refere à temática da invasão – luta e expulsão dos holandeses – cada um inventou um Brasil, por meio de suas concepções de história, fazendo arranjos nos fatos, nas temporalidades e nos sujeitos históricos que compunham os episódios da invasão e expulsão dos holandeses do Brasil.

²⁴⁷ KUNDERA, Milan. *O livro do Riso e do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas finais deste texto, em meio aos textos acadêmicos, lembramos das leituras literárias e, dentre elas, as palavras de Graciliano Ramos e suas memórias de infância, ao rememorar as suas aulas de história. O escritor afirmava que

Governadores gerais, holandeses e franceses começaram a importunar-me. Esquartejavam-se períodos, subdividiam-se e rotulavam-se as peças em medonha algazarra. Os meus novos amigos guardavam maquinalmente façanhas portuguesas, francesas e holandesas, regras de síntese – e brilhavam nas sabatinas. Segunda-feira estavam esquecidos, e no fim da semana precisavam repetir o exercício, decorar provisoriamente a matéria. À medida que avançavam, a tarefa ia se tornando mais penosa: ficavam apenas, algum tempo, as últimas lições. Eu achava estupidez pretenderem obrigar-me a papaguear de oitiva. Desonestidade falar de semelhante maneira, fingindo sabedoria. Ainda que tivesse de cor um texto incompreensível, calava-me diante do professor – e a minha reputação era lastimosa²⁴⁸.

Essas declarações de Graciliano Ramos nos instigaram a refletir no decorrer da pesquisa sobre o fazer histórico: a narrativa da invasão, luta e expulsão dos holandeses, os conceitos de fato, temporalidade e sujeitos históricos, de história e memória, o papel do historiador, no caso Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e João Ribeiro e o papel do professor, levando em consideração o ensino de História do Brasil – tudo isso se mesclava nessa pesquisa.

²⁴⁸ Ramos, Graciliano. Infância. In: BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 93.

Concluímos assim as reflexões sobre as relações entre a história das lutas com os holandeses no Brasil, o ensino de história e a memória, partindo das considerações de Jaime Pinsky sobre a nação e o ensino de História do Brasil, segundo o qual,

O trabalho de Varnhagen se constitui numa busca da nação no Brasil de meados do século XIX. Acontece que, lá, ao contrário do que acontecera na França, Inglaterra ou mesmo nos Estados Unidos, havia o Estado mas a Nação ainda não tinha se organizado. [...]. A edição de sua História geral do Brasil é o momento decisivo do surgimento da nação brasileira... no papel. [...]. (É importante que Varnhagen não narra a constituição da nação, ele simplesmente a constitui.). Na verdade, começa a constituí-la quando narra a chamada “invasão holandesa” ao Brasil, no final do século XVI até 1654. A idéia de que o Brasil (que não era independente) fora invadido pelos holandeses que aqui se estabeleceram à revelia dos proprietários de engenhos de açúcar esta na base de uma historinha contada até hoje aos jovens, em manuais didáticos. Aí temos personagens secundários da novela: os índios maus (ajudando os holandeses) e os índios bons e patriotas (ajudando os portugueses); temos também a figura cujo nome é até sinônimo de “traidor” no Brasil, Calabar, que teria de amigo “nosso” se tornado amigo “deles”; e temos, finalmente, o “sentimento nativista”, um nacionalismo *avant La lettre*, fruto do encontro de negros, índios e brancos, todos envolvidos pelo sentimento comum de identidade nacional²⁴⁹.

Nesse sentido, como observamos no decorrer de nossa análise, a semente e o fruto da nação, estava aos olhos de Varnhagen, nas lutas contra a Companhia das Índias Ocidentais; com relação aos fatos históricos e o conceito de temporalidade, foi possível identificar como se produzia conhecimento histórico e o significado deles para a sociedade onde se tornou possível sua produção. A forma com a qual organizou e dispôs os personagens de sua obra, possibilitou-nos compreender o que ele denominava de mito da união nacional e sentimento de brasilidade, por meio da narração das biografias daqueles que compunham o panteão de heróis.

Por fim, o que mais se expressou foi como essas idéias básicas de Varnhagen, dispostas na *História geral do Brasil* e especificamente na *História das Lutas*, tornaram-se lugar comum, aparecendo como fatos “naturais” na maioria das obras didáticas de ensino

²⁴⁹ PINSKY, Jaime. Nação e o ensino de História no Brasil. In: PINSKY, Jaime. (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 14.

de História do Brasil, produzidas posteriormente e destinadas as escolas, colégios, ginásios – como os manuais de Macedo, *Lições de História do Brasil* e a de Ribeiro, *História do Brasil (Curso Superior)*.

A partir dessas conclusões e das reflexões inspiradas pela literatura de Graciliano Ramos, levantamos algumas questões, que recaem sobre o ensino de História: o que fazer? Como fazer? O que ensinar? Como ensinar? Como lidar com os livros didáticos para que os estudantes e nós não nos sintamos lastimáveis como descreveu Graciliano Ramos?

No artigo *Por outras Histórias do Brasil*, Paulo Miceli nos anima a refletir sobre tais questões, e entendemos ter realizado suas aspirações no decorrer das análises: *fazer pode ser desmontar*, ou seja,

Fatos e acontecimentos, portanto, são arranjos ou montagens, mais ou menos conscientes, que devem ser habilidosamente desmontados pelo fazer histórico. Fazer história, como se propõe aqui, pode começar pelo que seria a inversão de um quebra-cabeças: o acontecimento pronto e acabado, que sempre compõe uma imagem que ambiciona abranger a totalidade do processo, deve ser decomposto para denunciar aos espectadores o arbítrio de sua construção, como se alguém mostrasse à platéia que fios invisíveis sustentam os truques do ilusionismo do mágico – tão sobrenatural quando qualquer um de nós. Na verdade essas preocupações estão em boa parte da produção histórica profissional, mas o problema se agiganta quando se considera a chamada história de *vulgarização*, ou de divulgação, que é aquela contida e contada nos livros didáticos. Ora, se considerar que é no ensino que o trabalho do historiador pode (ou deveria) ser relacionar com o conjunto da sociedade, a tarefa que se impõe é a de retificação radical da história tradicional que alimenta a memória coletiva: “essencialmente mítica, deformada, anacrônica”²⁵⁰.

Assim chegamos às conclusões de cada uma das apreciações desenvolvidas, desmontando cada estrutura e percebendo os fios invisíveis que sustentavam cada obra analisada, buscando semelhanças e diferenças e as justificativas: teóricas, metodológicas, pessoais e profissionais, que levou a cada um ao árduo trabalho de produção.

O desmonte dos fatos e acontecimentos, arranjados e montados na obra de Varnhagen – *História das Lutas* – possibilitou-nos identificar e compreender as marcas do

²⁵⁰ MICELI, Paulo Celso. Por outras histórias do Brasil. In: PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. op. cit., p. 34.

compromisso da escrita da história com o ideal da nação durante o Segundo Reinado – no século XIX, entender a inserção dessa obra dentro de uma cronologia, refletir sobre a construção de um panteão nacional de heróis, ou seja, da importância da narrativa histórica como edificadora moral e cívica pelos exemplos de bravura, abnegação e amor à futura nação. E neste ponto referindo-se aos heróis, Paulo Miceli, nos alerta,

[...]. Nem todo mundo se sente a altura de imitar esses heróis, pondo-se timidamente à margem de qualquer processo de decisão, ou recolhendo-se à mais absoluta e apática veneração. Por isso, profissionalizar a história de vulgarização seria, em primeiro lugar, por os heróis sob suspeita; não para trocá-los por outros, mas para que os estudantes também se dêem conta de que o fascínio com que se oferecem ao uso disciplinador, educativo e exemplar só se matem pela aura de falsidade que os rodeia e da qual – heroicamente – conseguem fugir sempre²⁵¹.

Além das questões referentes a narrativa (escrita da história), cronologia (temporalidade) e os heróis (sujeitos históricos), com o desmonte a que nos propusemos foi possível perceber como o fato da invasão e expulsão dos holandeses foi apropriado como mito fundacional do Brasil-nação (o nascimento do sentimento de pertencimento ao território), ou seja, planta original da futura nação; e ainda os elementos que compuseram a propaganda e defesa de um projeto de Estado-nação (exaltação da monarquia da casa dos Bragança), por meio de uma luta/conquista do passado (colonial – expulsão dos holandeses) – uma justificativa discursiva para o destino manifesto do Império brasileiro no presente (a derrota do republicano e tirano Paraguai no conflito do Prata).

Na tarefa de desmembramento da narrativa de Varnhagen e posterior análises dos dois compêndios a que nos propusemos foi possível ratificar a presença dos elementos acima descritos como linhas invisíveis, seja na obra de Macedo, seguindo os passos de Varnhagen, seja na de Ribeiro, quebrando os ‘quadros de ferro’, contestando a matriz varnhagiana. Arrematamos assim, com as palavras de Paulo Miceli, assegurando que

Por tudo isso, história é matéria difícil, e essa dificuldade não vem das datas e nomes com que se imagina poder ensiná-la, pois, se de-

²⁵¹ *Ibidem*, p. 35.

pendesse disso, ela seria apenas *chata*. É que, assim como a obra de arte que sai das mãos do artesão resulta da retificação paciente, metódica e competente da matéria de que se serve, também a história só pode ser criada e recriada a partir de esforço semelhante, e isso exige, além de conhecimento “técnicos”, muita *sensibilidade*, coisa que pode ser cultivada, mas não ensinada²⁵².

Permanece claro o papel do professor, no processo do ensino de história, de compreensão dos fatos, temporalidades e sujeitos históricos, de desmonte dos textos considerados míticos, deformados e anacrônicos, o que em outras palavras é como se dêssemos alma as obras historiográficas, manuais didáticos, e aos conteúdos nestes(as) dispostas, mesmos os clássicos da historiografia ou os mais recentes, pois estes são lugares de memória, espaços de disputas, carregados de projetos, crenças, valores, ideologias, onde se deparam, por exemplo, sujeitos históricos como portugueses, negros e índios em batalhas, guerras, expedições, movimentos políticos e sociais.

Dessacralizar Varnhagen, sem demonizá-lo ou transformá-lo em herói intelectual, seria uma forma de abrir o espaço para a possibilidade de novas formas de escrever e ensinar história. Eis o nosso desafio permanente e necessário...

²⁵² *Ibidem*, p. 35.

FONTES

Extractos dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *RIHGB*. Rio de Janeiro: Tomo 01, 1839, p. 18-20.

LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 186, jan./mar. 1954, p. 55-88.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 223, abr./jun. 1954, p. 82-297.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 224, jul./set. 1954, p. 109-315.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 225, out./dez. 1954, p. 120-293.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 226, jan./mar. 1955, p. 03-168.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 227, abr./jun. 1955, p. 85-236.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria*. 9 ed. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1906.

RIBEIRO, João. *História do Brasil* (Curso Superior). 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia das Lutas com os Holandeses no Brazil desde 1624 a 1654*. Lisboa: Tipografia de Castro Irmãos, 1872.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. Tomo I. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaaios e Estudos* (Crítica e História), 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 81-91.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 15-35.

ARAÚJO, Valdeí Lopes. Sobre a permanência da expressão historia magistral vitae no século XIX brasileiro. In: ARAUJO, Valdeí Lopes de; MOLLO, Helena Miranda; NICOLAZZI, Fernando (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 131-147.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 7ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____, Homi K. (org.). *Nation and narration*. Londres: Routledge, 1990.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar: 1810 -1910*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 183-191.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 83-97.

CARVALHO, Kelly. *O nascimento de uma nação: Varnhagen e a construção do conhecimento histórico e da identidade nacional*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

CENTENO, Carla Villamaina. *O compêndio História do Brasil – curso superior de João Ribeiro: análise sob a perspectiva da organização do trabalho didático*. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 35, n. 2, p. 169-178, July-Dec. 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CÉZAR, Temístocles Américo. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7letras, 2006, p. 29-41.

_____, Temístocles Américo. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 08, n. 15, p. 01-27, jul./dez. 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EGAS, Eugenio. *O Sorocabano Visconde de Porto Seguro*. Conferencia lida em Sorocaba no Gabinete de leitura Sorocabano na noite de 19 de março de 1916. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia, 1916.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 286-287, abr.-jun. 2006.

_____, Lúcio M. *Vestígios de Civilização: A Arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. *História & Ensino de história*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GARCIA, Rodolfo. Appenso Ensaio Bio-bibliográfico sobre Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro. In: Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 3 ed. integral, tomo II. Editora Melhoramentos, 1928, p. 436-452.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. O livro didático como referência de cultura histórica. In: ABREU, Martha et al (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 265-280.

_____, Arlette Medeiros. *Construtores de identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

GONTIJO, Rebeca, O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. In: Martha Abreu et al (orgs.), *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 309-327.

_____, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Tese de Doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2006.

_____, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza e ROCHA, Helenice Aparecida Bastos (orgs.). *A escrita da História Escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

_____, Rebeca. Entre quatre yeux: a correspondência de Capistrano de Abreu. *Escritos* (Fundação Casa de Rui Barbosa). Rio de Janeiro, vol. 2, p. 41-71, 2009.

GUIMARÃES, Lucia Maria P. “Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial.” O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *RIHGB*. Rio de Janeiro, n. 388, p. 459-613, 1995.

_____, Lúcia Maria P. *Um olhar sobre o continente: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 20, p. 217-229, 1997.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Edições ANPUH, 2011.

_____, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 01, p. 05-27, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro e o ensino da História do Brasil. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). *Histórias do ensino da história no Brasil*. Rio de Janeiro: Access Ed., 1998, p. 45-65.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

HENRY, Paul. A História não existe? In: ORLANDI, Eni. (org.). *Gestos de Leitura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 29-55.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: teoria, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Nova Fronteira; Ed. UFMG; IPEA, 2000.

JUNIOR, Salah Hassan Khaled. *A Construção da Narrativa Nacional Brasileira: A escrita da nação em Barbosa, Martius e Varnhagen*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia. “A Memória Evanescente: Documento e História”. In: KARNAL, Leandro e FREITAS NETO, José Alves. *A Escrita da Memória: Interpretações e Análises Documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p. 41-61.

KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 167-182.

LIMA, Manoel de Oliveira, Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *RIHGSP*, São Paulo, vol. XIII, 1908, p. 61-91.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 225-249.

MAGALHÃES, Basílio de, *Francisco Adolpho de Varnhagen– Visconde de Porto Seguro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

MARINHO, Marcela Irian Angélica. *Cinema, História e Narrativa: Um estudo de Guerra do Brasil* (Brasil, 1987, Sylvio Back). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História. Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso, 2011.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da união política. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 1, p. 08-26, mai. 2005.

MATTOS, Ilmar R. *O tempo saquarema: a formação do Estado imperial*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access Ed., 2000.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 3 ed. rev. São Paulo: Alameda, 2008.

MICELI, Paulo. Por outras histórias do Brasil. In: PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de história e a criação do fato*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 31-43.

MOREIRA, Vânia. O ofício do historiador e os índios: sobre uma querela no Império. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 53-72, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Tese de Doutorado em Letras. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ANPUH RJ, 2009.

_____, Maria da Glória de. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 26, n. 43. Belo Horizonte, p. 283-298, jun. 2010.

ORIEUX, Jean. A Arte do Biógrafo. In: DUBY, Georges *et al.* *História e Nova História*. 3 ed. Lisboa: Teorema, s/d, p. 39-47.

PÊCHEUX, Michel. Ler o Arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. (org.). *Gestos de Leitura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 55-66.

PEIXOTO, Renato Amado. *A Máscara da Medusa: A construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

PINSKY, Jaime. Nação e o ensino de História no Brasil. In: PINSKY, Jaime. (org.). *O Ensino de História e a criação do fato*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-22.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997.

RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império. Tese de Doutorado em História. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

_____, Renilson Rosa. A emergência de Mato Grosso nas páginas da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857). *Anais Eletrônicos do VI Encontro Regional de História-MT: História, Natureza e Fronteiras/I Simpósio Internacional de História Territórios e Fronteiras*. Cuiabá: ANPUH-MT, 2010, p. 445-454.

_____, Renilson Rosa. Representações didáticas do Brasil Colonial. *ETD- Educação Temática Digital*. Campinas, vol. 8, n. 2, jun. 2007, p. 53-68.

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

RODRIGUES, Neuma Brilhante. *O amor da pátria, o amor das letras: as origens da nação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Brasília, Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Evandro. *Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. *A Reescrita da tradição: a invenção historiográfica do documento na História Geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1857)*. Dis-

sertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). Por uma História política. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 231-269.

SOUZA, Adriana Barreto de; LOPES Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 9, ago. 2012, p. 26-37.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história? Foucault revoluciona a história*. 4 ed. Brasília: Ed. UnB, 1998.

VIEIRA, Celso. *Varnhagen (O Homem e a Obra)*. Rio de Janeiro: Alvaro Pinto Editor, 1923.

WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____, Arno. Historiografia e epistemologia histórica. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 175-191.